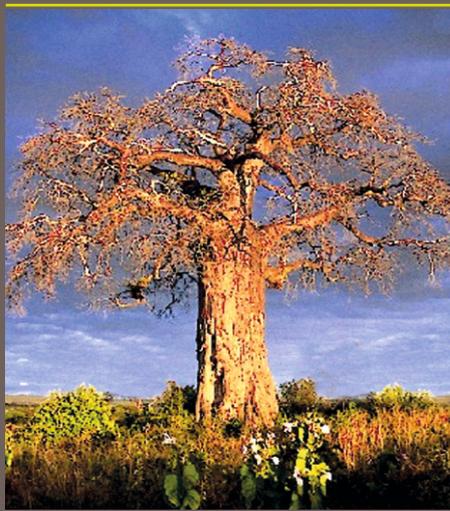


ANTOLOGIAS DE POESIA

DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
1951 - 1963

MOÇAMBIQUE

II VOLUME





FICHA TÉCNICA



TÍTULO: Antologias de Poesia da Casa de Estudantes do Império
1951-1963

EDITOR: UNIÃO DAS CIDADES CAPITAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA (UCCLA)

CAPA E ARRANJO GRÁFICO: Judite Cília

REVISÃO EDITORIAL: Maria do Rosário Rosinha

PAGINAÇÃO: Manuel Rocha

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO GRÁFICA:
CML/Imprensa Municipal

TIRAGEM: 1500 exemplares

2.ª Edição: Agosto 2014

Depósito Legal: N.º 84884/94





ANTOLOGIAS DE POESIA

DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

1951-1963

MOÇAMBIQUE

II VOLUME

Organização

A. FREUDENTHAL

B. MAGALHÃES

H. PEDRO

C. VEIGA PEREIRA

Edição

ACEI



INTRODUÇÃO

Conclui-se neste II Volume, com a Poesia de Moçambique, a reedição das Antologias de Poesia que a Casa dos Estudantes do Império publicou entre 1951 e 1963.

Os critérios adoptados neste volume são os mesmos definidos na organização do I Volume, relativo à Poesia de Angola e de S. Tomé e Príncipe, nomeadamente no que respeita aos poemas incluídos em mais de uma Antologia, cuja repetição foi evitada, assinalando-se contudo a sua localização nas edições originais.

Os Organizadores
1997

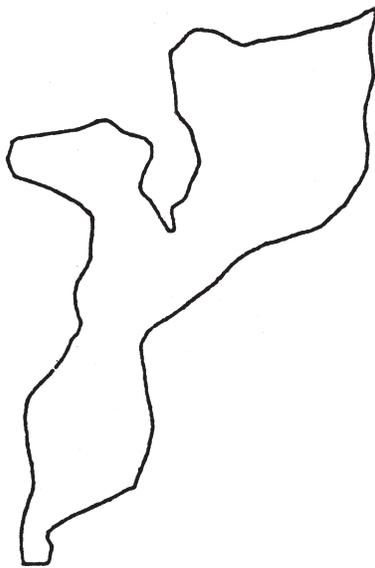


SEPARATA DA MENSAGEM

Dedicada à

POESIA EM MOÇAMBIQUE

Colaboração de:



Poemas Nativos
 Autor Desconhecido
 Alberto de Lacerda
 Alberto Parente
 Ana Pereira do Nascimento
 António Rosado
 Domingos Azevedo
 Fernando Bettencourt
 Fonseca Amaral
 J. Mathias-Ferreira Júnior
 Manuel Aranda
 Marília Santos
 Mário Vieira
 Noémia de Sousa
 Nuno Pessoa
 Orlando de Albuquerque
 Orlando Mendes
 Papiniano Carlos
 Rui de Noronha
 Saraiva Batarda
 Teófilo Ferreira
 Vera Micaia
 Vítor Evaristo
 Vítor Matos

e

um poema de António de Navarro
 e outro de A. dos Santos Abranches



POESIA EM MOÇAMBIQUE

SEPARATA DA MENSAGEM

CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

1951



ANTES DE MAIS...

...DUAS PALAVRAS

Ao concretizarem a ideia desta separata de «Mensagem» dedicada à «Poesia em Moçambique», não tiveram os seus organizadores outro intento que o de mostrar um pouco de Moçambique aos moçambicanos na Metrópole, pois a estes é o presente trabalho dedicado.

Há nomes que, mercê de circunstâncias várias, são razoavelmente conhecidos. Outros, apesar de a isso terem incontestável direito, serão apenas do conhecimento de um que outro estudioso.

Além disso, nunca se deu uma visão do conjunto, como se pretende dar, embora modestamente, com a presente separata.

Procurámos reunir aqui os principais nomes de poetas moçambicanos. Tal não nos foi possível realizar completamente devido à dificuldade que, cá longe, a milhares de milhas, se encontra na colheita dos elementos necessários, difícil mesmo quando em Moçambique, dada a sua disposição e falta de publicações convenientes.

Pelo mesmo motivo também não nos foi possível dar uma representação completa e característica de cada autor.

O condicionamento do espaço (como se as dificuldades já não bastassem) veio ainda pôr-nos mais um atraso.

Mas esta publicação, que somos os primeiros a reconhecer modesta e de minguido brilho, não pretende outras ambições além das já apontadas.

Bastar-lhe-á o simpático e humilde papel de divulgação, divulgação principalmente entre os moçambicanos, das coisas da sua terra.



Obtido isto, terá esta separata de «Mensagem» cumprido e com
isso se darão por satisfeitos,

Os Organizadores
Orlando de Albuquerque
Vítor Evaristo
1951



NOTA – O primeiro pensamento dos organizadores desta separata especial (primitivamente número) de «Mensagem» foi o de o dedicar à «cultura moçambicana» em geral (passe o arrojo da expressão). Razões de ordem material (e apenas essas) não permitiram que a primitiva ideia se concretizasse e obrigaram a limitar-se, por ora, à poesia.
Se as ocasiões se proporcionarem, outras separatas virão, a fim de dar a desejada visão geral das «coisas moçambicanas».





POEMAS NATIVOS

CANTO DE AMOR

Amanhã, amanhã, minha mãe, partirei.
Amanhã, pai, eu partirei.
Partirei com um machado,
Com este machado irei cortar o tronco,
O tronco sobre o qual o meu amante
feriu a perna.
Meu amante, com um cinto de caudas
penduradas.
Aquele para quem retiro as minhas pernas
do caminho.

(in «Usos e Costumes dos Bantos», Henry Junod) .

SEXTO MOVIMENTO DE UM MSAHO DE CATINI

Oh... oh, ouvi as ordens,
Ouvi as ordens dos Portugueses.

Oh... oh, ouvi as ordens
ouvi as ordens dos Portugueses.
Homens! Os Portugueses dizem: paga a tua libra.

Homens! Os Portugueses dizem: paga a tua libra.
Mas que maravilha, pai!
Onde hei-de ir descobrir a libra?



Mas que maravilha, pai!
Onde hei-de ir descobrir a libra?

Oh... oh, ouvi as ordens,
Ouvi as ordens dos Portugueses.

(in «Gentes Afortunadas», Hugh Tracey)

DÉCIMO MOVIMENTO DO MESMO MSAHO

Ouvimos o boato de que Massana disse a Catini, na própria casa dele
Que era cortejada por Chidodo da aldeia de Combanini.
«Seu Catini, que mal há nisso?»
«Oh... isso é que eu não sei!»

(Ibid.)

OITAVO MOVIMENTO DE OUTRO MSAHO DE CATINI

Vâni Zavala!
Calai-vos gentes de Zavala,
Parai com as conversas
No kraal dos régulos!

A música da timbila é tão expressiva que até faz chorar,
Esta música da timbila de Catini
Cantando e dançando.

Vâni Zavala!
Calai-vos gentes de Zavala
Parai com as conversas
No kraal dos régulos!

(Ibid.)



AUTOR DESCONHECIDO

Dado à publicidade recentemente pelo Cónego Alcântara Guerreiro *in* «Moçambique» n.º 61, Março de 1950, pertence o poema seiscentista, de que transcrevemos algumas estrofes, aos «Reservados» da Biblioteca Nacional de Lisboa.

De autor desconhecido, opina Alcântara Guerreiro que se deve atribuir a um religioso que possivelmente acompanhava a expedição que o poema canta.

É seu título no original:

«SOCORRO Ñ DE MOSAMBIQUE FOIA SAM L^{SO} CONTRA
O REI/ARRENEGADO DE MOMBAÇA FORTIFICADO NA ILHA
/ MASSALAGEM, SENDO CAPITÃO MOR ROQUE/BORGES:
EVICTORIA Ñ DO REI SE ALCANÇOU / ESTE ANNO DE 1635/
CANTO ÚNICO/»

ESTÂNCIAS 23 A 25

No seu navio ponte a Massalagem
Dizendo, quer de siso ou zombaria,
Que em busca do Rei Sufo faz viagem
Como o seu certo peito lhe dizia:
Tempo gasto do golfo na passagem
Mais do que costumava, o que soía
E tomando de Balo o porto amigo
Soube estar na Massalagem o inimigo.

Num batão manda logo um Marinheiro
Em quem, com mouro ser, muito confia.
Seja da sua vinda mensageiro



Ao Rei, que aquela terra manda, e guia;
Mais que o vento o batão corre ligeiro
E dá ao Rei o recado que trazia,
Que lhe mande licença para entrar
No seu porto, e com ele contratar.

Mas o Rei, foi do Rei arrenegado,
e dos Mouros de Pate está movido
A negar aos Portugueses o usado
Trato de tantos anos prosseguido;
Responde que não venha ao acostumado
Porto, que d'el-rei Sufo está provido
Com armas, munições, e bastimento
Só contra o Português ajuntamento.





POESIAS





ALBERTO DE LACERDA

AO LONGE, A VIDA

Agora eu sou a margem indiferente deste rio,
deste rio da Vida, que passa sem me ver...
Agora eu sou um desejo do esperado Fim,
um sonho que ficou por despertar,
uma lágrima apenas que jamais tardou
às chamadas da minha alma doente.
Eu sou o tédio,
o que ambicionou tudo o que não veio...
Eu sou o tédio, «eu sou a morte... eu sou o frio».

(in «Itinerário»)



PRINCÍPIO



Agora, que estou longe de tudo e de todos,
e que o mundo, rápido, desceu as cortinas
das salas vazias que havia do outro lado,
sei que, desse lado,
sei que, dessa vida
que se foi perdida,
não havia nada.

Partindo afinal do porto esquecido
(que seria erro amaldiçoar)
em busca de tudo que ainda não tenho
não sei quanto tempo estarei sobre o mar.

(in «Távola Redonda»)





ALBERTO PARENTE

POEMA

O menino bateu com os pés no chão,
rolou pelo tapete,
e já sentado
limpou com os dedos pequenos
as lágrimas que corriam:
– Eu quero que a vida vá por aqui!...

A Mãe sorriu e disse:

– Sim, meu filho.
Porque é que a vida não haveria de ir por aí?

(Inédito)

MÚSICA NA NOITE

(Pousava um silêncio na noite.
Silêncio)
Meus olhos
Tocaram leve a graça das flores.
Meus beijos
Rolaram fáceis pelo corpo de todas as mulheres.
Não havia mais um jardim
Nem uma calçada onde cansar.
Apenas um pássaro perdido
Espreitou à janela do meu quarto.
E no impossível da vida
Pousava ainda um silêncio na noite.

(Silêncio.)

(in «Diário Popular»)



ANA PEREIRA DO NASCIMENTO

SE ...

Se não podes passar sem mim um dia
Se o teu viver assim só é tristonho
Se tu sozinho não tens alegria
Se tudo para ti é enfadonho...

Se quando olhas para todos a mim vês
Se o meu olhar te aquece e ilumina
Se com o meu desprezo infeliz és,
Se um sorriso, um olhar meu te anima...

Se sonhas comigo estando acordado
Se mesmo a dormir tu tens-me a teu lado
Se mais que Amor vulgar por mim já sentes

Se não te interessa a vida sem te amar
Se assim a morte te pode levar..
Então, sim; o mundo é nosso – não mentes!

(in «O Brado Africano»)



ANTÓNIO ROSADO

ENCRUZILHADA

Tudo me fala em ti. Numa almofada,
como um sorriso bom que me acarinha,
ainda vejo a marca redondinha
que a tua nuca ali deixou gravada.

No chão sinto o teu passo de andorinha:
E a minha própria boca, angustiada,
ainda tem a cor por ti deixada
na derradeira vez que foste minha.

Tudo me fala em ti, ansiadamente.
Tu és o meu passado, o meu presente,
és o futuro incerto que receio...

E não sei que fazer, nesta loucura,
se tenho da mesmíssima ternura
cheias as mãos e o coração tão cheio!

(in «Itinerário»)



DOMINGOS AZEVEDO

POEMA DE AMOR

Que as minhas carícias estremeçam os teus seios
e a tua boca seja um fruto verde.
Que os teus braços sejam ramos quebrados
e as tuas pernas trepadeiras.
Que os teus cabelos tenham o sentido das ondas
e os teus ouvidos sejam búzios.
Que os teus olhos me façam criança
e que a tua face tenha o orvalho da fria madrugada.
Que o teu corpo seja como o vento selvagem
e as tuas mãos não saibam dizer adeus...

E que me deixes chamar-te Katty.

(Inédito)

...

Meu filho fugiu de casa
não voltou mais ao meu lar.
Perdeu-se na estrada da vida
– a mesma em que se perdeu a mãe.

Fiquei só
sem mais ninguém.
E agora quem posso eu beijar?

Sozinho
numa negra noite e já sem lua
hei-de partir vida fora
à procura da minha estrada
– da estrada dos mortos queridos.

(Inédito)



FERNANDO BETTENCOURT

A SEDE DA FONTE

À fonte perdida no bosque
nunca se ergueram lábios trémulos de sede.
A solidão mora com ela.

A sua água nem a força tem
de abrir um caminho para a Vida
com o pudor natural das coisas efémeras,
vai voltando, triste e abandonada,
ao silêncio da sua infância inútil.
A sua missão é rejeitada
porque é distante.
(Tudo o que é belo é distante...)

Onde os lábios que se hão-de erguer
tontos de sede à água clara da fonte,
que lhe possam calar a sede imensa de se dar?

(in «Diário Popular»)

PEQUENINA FONTE

De Amor, lágrimas reza a fonte pura,
viúvas d' água, pérolas, pela face
Passando... Musical mágoa fulgura
Na alma das lágrimas. Fulgura e dá-se...

De Amor, lágrimas reza a fonte pura...



FONSECA AMARAL

EVOCÇÃO*

IMPRESSIONISMO

Menina negra foi a enterrar
em caixão branquinho
enfeitado com uma cruz vermelha.
O branco falava da virgindade
e o vermelho do sangue d' Aquela
cujo sangue também coagulou.

O sol entornava amarelo
e o verde-verde dos ciprestes
não falava de esperança.

Naquele falso bailado de cores
menina negra foi a enterrar...

(in «Itinerário»)

*Ver página 188



JOSÉ MATHIAS FERREIRA JÚNIOR

ENTARDECER MOÇAMBICANO

No quintal vedado, por finos bambus
na língua colhidos;
Mulata galante se estira dengosa
ouvindo à distância, rolinha chorosa
soltar seus gemidos.

Uns passos adiante, em longas cadeiras
de lona, encostados;
Vivazes Mucunhas alargam uma roda
e os copos levantam, de *whisky com soda*,
aos lábios crestados.

Na areia inda quente do sol a morrer
p'ra lá dos coqueiros;
Airosas galinhas uns grãos depenicam
e alisam as penas, as patas esticam
mirando os poleiros.

Nas olas esguias das altas palmeiras
que a aragem meneia;
Seu canto suave, dolente magoado,
um lindo, plumoso, assaz delicado
chirico gorgeia.



Ao longe, na estrada que a chuva esbarronda
em meses de estio;
Um ai! de fadiga a custo sustido,
ao som do apito, o labor vencido,
desprende o gentio.

A tarde esmorece; e ri a mulata
na esteira deitada.
A vida não cansa, não pesa é melosa
Pra linda mulata, sabida, manhosa,
do branco amparada.

A tarde esmorece; o branco dedilha
gemente guitarra.
Em roda descantam amigos as trovas,
Mas todas amargas e não descuidosas
como as da cigarra.

Porquê? Porque cantam tristezas sem fim
sem conto, afinal?
É porque no peito só têm saudades
das vilas, dos campos, das mesmas cidades
do seu Portugal.

(in «Oriente»)



MANUEL ARANDA

TUMULTO

Ventos desencontrados estão soprando...

E sobre os homens e sobre as coisas cai,
pesadamente cai, todo o negrume
do pesadelo de uma noite...

Ventos desencontrados estão soprando...

E no jogo do seu redemoinho
a barça da Vida vai à toa, vai à toa...

Ventos desencontrados estão soprando...

Mas há peitos que se alargam num tumulto
e mãos que se estendem num sobressalto
e olhos que se abrem num abrir perfumado e brando...
E a esperança dos peitos mudos para sempre
e das mãos dadas para sempre,
e dos olhos abertos para sempre,
já anda nos peitos que se alargam,
nas mãos que se estendem e nos olhos que se abrem...

Ventos desencontrados estão soprando...

(in «Itinerário»)



MARÍLIA SANTOS

À MINHA IRMÃ N.S.

Ó minha poética moçambicana
minha amiga de sangue negro
e alma branca,
Minha Irmã!
Eu quisera saber também cantar
como tu, dessa maneira
tão simples e tão verdadeira
para em versos sinceros e cheios de emoção
poder gritar-te todo o meu reconhecimento
e toda a minha grande admiração!
Ó, Amiga! se eu soubesse também cantar
nessa tua linguagem cheia de harmonia
dir-te-ia então,
num poema sublime de gratidão
que teus lamentos e teus gritos de dor
dum povo meu irmão
ecoam fortemente
com violência, com ardor,
nas entranhas mais profundas de todo o meu ser
em meu dilacerado coração!
E dir-te-ia também
que esse teu sonho, Irmã,
– esta África querida enfim alevantada –
sim, dir-te-ia também
que esse teu sonho, Irmã, também é meu!
E mais ainda eu então te diria:
que também fiz dessa palavra – VERDADE –
tua amada e querida companheira,
a minha bandeira,
e do amor e da justiça a minha religião.



Dir-te-ia que nesta luta, a que te deste toda inteira
eu estarei sempre, Amiga, a teu lado.
E a cada lágrima tua
outras mais eu juntarei!
A cada grito teu
mais ainda eu gritarei!
E a cada passo a cada instante,
encontrarás sempre, firme e confiante,
bem estendida, a minha mão
que eu não quero vacilante!

Oh! Se eu soubesse também cantar,
se eu pudesse, Irmã, transformar
este meu canto que nasce banal
e a que falta a tua poesia natural!

Mas, mesmo assim, modesto, aceita este poema
que, para ti ele foi escrito, Irmã
para ti o escrevi com o coração!

(in «Itinerário»)



MÁRIO VIEIRA¹

POEMA

Para Josefa Brito

Por que te fechaste
à clara insinuação de carinho dos teus irmãos?
E a cada apelo respondeste evasivamente
com as belas mãos cerradas numa recusa formal?
Não vêes que te queremos
e amamos sinceramente como nossa irmã mais nova
e que nos dói no sangue, na pele e na alma
fundamente
a tua inconcebível indiferença pela nossa voz fraterna?
Irmã de cabelos soltos ondulando
como seara de veludo acariciada pela nortada.
Irmã dos olhos lânguidos, magoados,
escuros como a noite amortalhando nossos destinos
por que te fechaste, Irmã morena
e preferiste deixar-nos de mãos vazias, inertes desiludidas
quando a esmola implorada
era pura e límpida como a verdade mais nua?
Vem! despojada dos erisses que te cegam.
E que foi simples timidez o teu gesto, diz-nos
para que confiemos em ti completamente
como só se confia no mesmo companheiro de cela
e não passemos por ti desconfiados, retraídos
como se fôssemos mutuamente estrangeiros
e não do mesmo sangue gordo de porquês
e não da mesma alma, angra de sofrimentos
e não do mesmo desespero, pão do nosso silêncio
e não da mesma ânsia, sede da nossa vida,
da mesma fome potente
e da mesma febre que nos coalha as veias luminosamente!

(in «O Brado Africano»)

¹ Pseudónimo de J. Craveirinha



NOÉMIA DE SOUSA

SAMBA

No oco salão de baile
cheio de luzes fictícias da civilização
dos risos amarelos
dos vestidos pintados
das carapinhas desfrisadas da civilização,
o súbito bater da bateria do jazz
soou como um grito de libertação,
como uma lança rasgando o papel celofane das composturas forçadas.

Depois,
veio o som grave do violão
a juntar-lhe o quente latejar das noites
de mil ânsias de Mãe-África,
e veio o saxofone
e o piano
e as maracas matraqueando ritmos de batuque,
e todo o salão deixou a hipocrisia das composturas encomendadas
e vibrou.
Vibrou!

As luzes fictícias deixaram de existir.
E quem foi que disse que não era o luar dos shigombelas,
aquela luz suave e quente que se derramou no salão?
Quem disse que as palmeiras e os coqueiros,
os cajueiros
os canhoeiros,
não vieram com suas silhuetas balouçantes
rodear o batuque?
Ah! na paisagem familiar,
os risos se tornaram brancos como mandioca
os requebros na dança traziam a febre primitiva
de batuques distantes,



e os vestidos brilhantes da civilização desapareceram
e os corpos prosseguiram, vitoriosos,
sambando e chispando,
dançando, dançando...

Os ritmos fraternos do samba,
trazendo o feitiço das macumbas,
o cavo bater das marimbas gemendo
lamentos despedaçados de escravo,
oh ritmos fraternos do samba quente da Baía!
Pegando fogo no sangue inflamável dos mulatos,
fazendo gingar os quadris dengues das mulheres,
entornando sortilégio e loucura
nas pernas bailarinas dos negros...

Ritmos fraternos do samba,
herança de África que os negros levaram
no ventre sem sol dos navios negreiros
e soltaram, carregados de algemas e saudade,
nas noites mornas do Cruzeiro do Sul!

Oh ritmos fraternos do samba,
acordando febres palustres no meu povo
embotado das doses do quinino europeu...
Ritmos africanos do samba da Baía,
com maracas matraqueando compassos febris
– que é que a baiana tem, que é? –
violões tecendo sortilégios de xicumbos
e atabaques soando, secos, soando...

Oh ritmos fraternos do samba!
Acordando o meu povo adormecido à sombra dos imbondeiros,
dizendo na sua linguagem encharcada de ritmos
que as correntes dos navios negreiros não morreram, não,
só mudaram de nome,
mas ainda continuam,
continuam,
oh ritmos fraternos do samba!

(in «Itinerário»)



NUNO PESSOA

SOLIDÃO

Geme solidão
Oh! Geme perdida no bico da coruja
Geme no silêncio das árvores.

Leva contigo cada rio parado
Cada pedra
E a sepultura abandonada
Na floresta...

(in « Itinerário »)



ORLANDO DE ALBUQUERQUE

MAGIA DE QUISSANGE

No quissange dolente
sentado à fogueira
o negro dedilha
som de maravilha
que ele bem sente
na brisa fagueira
que lhe afaga o rosto
depois do sol posto
quando na planície
os cazumbis passeiam
de sul a norte
feitiços de morte.

Embora ninguém visse
os cazumbis ondeiam
na brisa que passa
desliza e repassa
no quissange dolente
em que ele dedilha
som de maravilha
que ele bem sente.

Ai! que ele bem sente
na alma doente.

Quissange dolente
da alma da raça
contigo não se sente
o cazumbi que passa.



QUANDO ÀS VEZES SAIO CONTIGO

Quando às vezes saio contigo
sozinhos,
a passear...
Não sei bem porquê
Só falamos de coisas banais.

Depois,
ao voltar
os meus olhos fixam os teus
com pena, muita pena,
de os deixar.

E eles dizem tanta coisa,
tanta coisa que não dissemos...
Aquilo que os lábios não souberam dizer...

Ah! Quando saio contigo
Só falamos de coisas banais...

(in «Poesia MCMXLIX»)



ORLANDO MENDES

INSTANTE

Então amainou fora da barra o temporal
Lá longe o negro batucou mais depressa
O barco de remos entrou salvo no pequeno porto
a nereida antiga saiu das ondas e cantou afinal.
Se há algum drama nessa noite, não interessa
porque uma estrela desceu do céu e no meu mar-morto
há a luz de Nossa Senhora para os que andam no mar!
A nereida ressurgida nasce a cantar
e a canção enche a terra como um eterno grito
que a voz adormecida atira a todo o mundo!
Então o naufrago quase perdido, aflito
ergueu os olhos do mais fundo do mar profundo
e do mar ao céu viu a luz do farol bendito
porque nessa hora, Nossa Senhora desceu do céu
A tragédia recomeçou talvez depois
mais trágica ainda do que antes de nós
mas nessa hora entre nós os dois
gerou-se um mundo dentro do mundo – tu e eu
ergueu-se, amor, aquela perdida Voz
e então alguma coisa nasceu!

(in «Itinerário»)



PAPINIANO CARLOS

TRÊS POEMAS

VAI-TE, beleza estéril,
Das palavras vãs;
Vai-te eloquência!
deixa-me aqui nesta espessura
que me veste
de espinhos e galhos tortos;
deixa-me à noiva
destes ventos.

(Nem cítaras nem harpas),
antes o surdo rumor
deste mar.

MANHÃ

Na fresca manhã
que arrepio suave!
Por que não vens meu amor,
comigo ser ave?

(Ser sonho, ser vento
e este pensamento
tão suave...)



EPITÁFIO

Uma árvore nova
à beira da estrada.
E que mais bela prova
te seria dada?

No inverno dos galhos
só uma flor amarela.
E que mais bela prova
que saber dela?

Uma flor que, em silêncio,
os lábios descerra.
E que mais bela prova
dum pouco de terra?

E uma abelha que suga
o mel que lhe deixaste.
E que mais bela prova
que tanto vos baste?

(in «Vértice»)



RUI DE NORONHA

QUENGUÊLEQUÊZE*

SARAIVA BATARDA

MARÉ

E nascemos sem nós querermos,
E vivemos sem saber
A razão porque vivemos.
Onda desfeita no ar,
Esperança que brada em espuma
Contra a muralha de pedra
Dum desconhecido destino.
E a maré, vida em fermento,
Nunca cansa de bater
Contra esse muro de granito
Na ânsia de o desfazer.

(in «Itinerário»)

*Ver página 268



TEÓFILO FERREIRA

ÁFRICA!

África!
Bar de ilusões perdidas
Onde se perdem tantas vidas
E onde eu próprio me perdi!

África!
Terra de sonhos desfeitos,
Onde os homens, contrafeitos
Sentem a saudade que eu senti...

África!
Onde algures – tempos idos,
Tantos heróis, como vencidos
Sucumbiram de tristeza!

África!
Onde até o próprio Dia
Faz brotar a nostalgia
Do seio da Mãe-Natureza!

África!
Trouxe-me para ti um encanto
Que em ti não existia,
E depois...
Eu e tu no mesmo pranto,
Sem alegria,
Fomos arrastados pela saudade
Que me queima pouco a pouco!



África!
Só depois compreendi
Que tudo era ilusão...
Chamas-me louco?
Não importa,
Eu sinto bater o meu coração
Por Alguém...
Ah! Mas não é por ti, não!

África!
Odeio-te, mas estou contigo,
Quero deixar-te, mas não consigo,
E por tão pouco
Meus olhos tentam chorar...

África!
Ante o teu mistério, ousa pensar
Que tu és mesmo assim:
Linda aguarela que Malhoa pintaria
Se ainda vivesse
E um dia...
Como eu, te conhecesse!

(in «O Brado Africano»)



VERA MICAIA²

GODIDO

À memória de João Dias

Dos longes do meu sertão natal,
eu desci à cidade da civilização.
Embriaguei-me de pasmo ante os astros
suspensos dos postes das ruas
e a atracção das montras nuas
tomou-me a respiração.
Todo esse brilho de névoa, ténue e superficial
que envolve a capital,
me cegou e fez de mim coisa sua.

Quando cheguei,
trazia no olhar a luz verde dos negros simples
e uma dádiva maravilhosa em cada mão.

Mas a cidade, a cidade, a cidade!
Esmagou com os pneus do seu luxo,
sem caridade,
meus pés cortados nos trilhos duros do sertão.
Encarcerou-me numa neblina quase palpável de ódio de desprezo,
e ignorando a luz verde do meu olhar,
a maravilhosa oferta
(essa estrela, esse tesouro) de cada minha mão aberta,
exigiu-me impiedosamente a abdicação
da minha qualidade intangível de ser humano!

² Pseudónimo de Noémia de Sousa



Nas noites frias,
sem batuques, sem lua,
as estrelas continuaram brilhando insensíveis,
através da cacimba, suspensas dos postes da rua.
Minha consolação
Minha Mãe silenciosa oferecendo-me suas costas nuas,
mornas como sol de Inverno...
Minha Mãe vencendo a cacimba e a humilhação,
para me vir belekar
humilde e sofredora, com suas tocantes canções de acalantar!
Ah, mas eu não me deixei adormecer.
Levantei-me e gritei contra a noite sem lua,
sem batuque, sem nada que me falasse da minha África,
da sua beleza majestosa e natural,
sem uma única gota da sua magia!
A luz verde incendiou-se no meu olhar
e foi fogueira vermelha na noite fria
dos revoltados.

Ainda grito,
porque quero ser ainda, sempre, pela vida fora,
o que fui outrora:
Rainha nas costas de minha Mãe!

Como tu, meu irmão negro, desorientado e perdido,
na cidade cruel...
Como tu!

Por isso é que este meu canto ingénuo que soa banal,
traz no seu fundo mais fundo, Godido, meu irmão,
a marca rubra dum selo fraternal,
constante e imortal!

(in «O Brado Africano»)



VÍTOR EVARISTO

ESPERANÇA

A barca negra passou
e por nós deixou a marca
dos seus agoirentos sinais.

Passou a barca,
e tudo em nós chorou
o «nunca mais».

Flores sobre a terra fresca;
lágrimas na alma a germinar;
e a vida em nós, aos gritos e aos soluços.

Mas a chama voltará
quando chegar o tempo.
E a terra, negra
de gordura de ambições,
frutificará então,
com raízes de sonhos frustrados,
com limos de remorsos antigos,
mas com a verdade no corpo gretado
da vida a rebentar de novo.

(Inédito)



O MUNDO PAROU

(Fragmento)

.....

.....

Agora parece que já tudo passou.
Mas imaginei-te de novo entre nós, Pai,
e as lágrimas tomam-me os olhos
Tudo que passava,
no mesmo instante renasce,
e eu fico para aqui absorto,
vivendo outra vez o mundo morto.

(Inédito)

NOCTURNO

A terra era boa
e apetecia como pão.
À minha fome
ela disse: «Come!»
e eu estendi a mão.

Tudo o mais foi natural,
sem virtude nem pecado,
porque a vontade era igual.

Depois, cansados de nos dar,
e de ser em vão aquele amar
aos dois, do fundo da alma,
subiu o silêncio e a calma.

(Inédito)



VÍTOR MATOS³

A RUI DE NORONHA*

AO FUNDO DAS HORAS

Grande é a noite dentro dos olhos
que o sono e a paz não vêm fechar.

Perguntam as coisas dos cantos da noite
quem somos assim que nome nem temos;

e é aos silêncios, às estátuas, às portas fechadas
que, solitários e nus, pertencemos.

(in «Távola Redonda»)

³ Com o nome de Vítor de Matos e Sá, encontra-se incluído na Antologia de 1962.

*Ver página 283



AUGUSTO DOS SANTOS ABRANCHES

VARIANTE DUMA CANÇÃO DE AMOR

1

Minha amiga, minha amada:
«quando eu era pequenino»
minha vida começou
logo no berço a cantar...
E esse cantar te levou!

Não tinha a voz nem o gesto
de quem a sabe dizer.
E o meu sonho estava
«acabado de nascer»
como sempre te esperava...

Minha amiga, minha amada:
«inda mal abria os olhos»
– vê tu que louca ilusão!
inda não sentia ou andava,
me batia o coração.

Bater tão forte, tão tonto;
tão cheio de me doer
que o meu desejo querido
«já era para te ver»
no sonho que te sonhava.

2

Minha amiga, minha amada:
«quando um dia eu for velhinho»
cansado e desiludido;



quando minha estrela e rumo
estiver de mim perdido,
pronto a descer à terra...
Oh, quando tudo perder
como tronco destroçado
«acabado de morrer»
– já que nunca te encontrava...

Minha amiga, minha amada:
«olha bem para os meus olhos»,
gastos, baços e iludidos,
ao te buscar a cantar
por rumos desconhecidos.

Olha-me bem, bem no fundo
dos olhos de te querer,
para que vejas e sintas
«que inda estão para te ver»
numa esperança calada...

3

Truz, truz, truz! Bate agora à tua porta
com minha voz e minha guitarra,
e a força de te encontrar –
– minha amiga, minha amada!
Truz, truz, truz! bato e fico esperando
que ouças o meu chamar...

Bato e fico-me cantando,
já que só nasci para te cantar.

(in «Agora»)



ANTÓNIO DE NAVARRO

UM POEMA

A gente dá tudo a isto
– uns o corpo,
outros corpo e alma,
como um Cristo,
talhado pelo escopro
duma ideia absolutamente viva,
com cabeça, tronco...e alma!...
Bebemos o próprio sangue pela taça
que o sol nos oferece a cada instante
em que a nossa vida passa
como um corpo fluente de amanhã
que nos morde e nos abraça.
Ah! bebedeira de sol,
que me injectaste não sei que tóxico
– a minha alma é uma mamba
que a si própria se morde!

E aquelas tardes (embebeda-te com elas, anda!)
em que tudo oscila, magneticamente,
e depois a noite, calma, sonolenta,
cheia dum amor maravilhoso
salpicado de estrelas.
E as manhãs, com galos cantando ao longe,
e depois, o outro, com uma crista d'oiro,
em cimitarra,
em alfange
– e lá longe, dentro de nós, no vértice do cone,
uma guitarra
que tange, que tange... plange...



Mas a gente finge que é o longe
– e canta uma rumba
enquanto n'areia vermelha do braço
em que oscilam bambus e cactus
se olha o preto, estupefacto,
felino, de olhos de ferrugem
vibrando a volúpia saudosa e extática, sádica dum batuque
como se o corpo fora de folhas d' aço,
laminado e macio, que o chicuembo da noite e da raça
electrifique.

Ai, que volúpia, meu deus feitiço,
meu deus sádico e manipanço,
– tantos beijos, tanto sonho, e um tango,
meu amor, ao som do nosso rádio!...

Dois corações num só
(era verdade e assim mesmo este idílio
em todo o nosso mundo
e ali, na Rua Pero d' Alenquer, 15)
e hoje tudo apenas no meu, sobre um catafalco,
rodeado de velas,
e o teu já tão longe – todo, todas as velas
triangulares que vão mar fora para nunca mais!!!

(in «Poemas de África»)



ORLANDO DE ALBUQUERQUE

SURGE ET AMBULA

– África!

Ergue-te e caminha!

A Luz é bela e espera.

Corre em teu corpo a seiva bruta
dá vida ao Homem e alimenta a fera.

– África!

Ergue-te e caminha!

para a luta!

Teu corpo há muito que é prostrado.
Jovem tronco negro e musculado...

Embora!

Caminhemos lado a lado
quando chegar a nossa hora.

África!

A Vida é tua e minha.

– Vamos!

Ergue-te e caminha!

Nota final – Por não ter sido possível obter poemas de alguns autores, não foram certos nomes aqui incluídos. Apenas esta a razão da sua falta e aqui se deixa a presente nota para se evitarem interpretações erradas.

Orlando de Albuquerque
Vítor Evaristo



POETAS DE MOÇAMBIQUE

Prefácio de
ALFREDO MARGARIDO

CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

1960



APRESENTAÇÃO

Algumas palavras à maneira de justificação.

A presente Colectânea devia ter sido dada à estampa pouco tempo depois da sua congénere dedicada aos poetas de Angola. Dificuldades de vária ordem, principalmente no que se refere à compilação dos poemas, fizeram demorar a sua publicação para além do que seria desejável.

Para o efeito, vários poetas de Moçambique foram solicitados a contribuir com produção inédita e a enviar a que fosse possível recolher da actividade poética local, com os dados biográficos de cada poeta, mas, contrariamente ao que se verificou com os valores da cultura angolana, não se efectivou a colaboração pedida; por isso, sairá talvez esta Colectânea com algumas lacunas – nela se encontrarão alguns poetas representados com obras que não traduzem, possivelmente, o seu nível literário e a força da sua originalidade poética.

A selecção dos poetas que nesta Colectânea figuram obedeceu por força das circunstâncias a um critério flexível. Não se deu preferência apenas aos poetas que em «seus cantares» vêm elegendo o negro e a terra africana como temas essenciais e por eles têm granjeado um lugar nas letras de Moçambique. Quis-se não só a inclusão de todos os poetas, vivos ou mortos, que em terras moçambicanas deram ou estão dando o melhor do seu talento e da sua vocação poética no gizamento de uma literatura que o futuro se encarregará de afirmar com características próprias, como também se incluíram aqueles – e só aqueles – dos naturais da terra que, vivendo embora fora dela, nunca deixaram de lhe reservar e ao seu povo o lugar de relevo nos seus poemas; quer dizer, destes apenas se



seleccionaram os que, ainda de longe, não se cansam de pôr o seu estro poético ao serviço da terra que lhes deu o berço.

A introdução crítica desta Colectânea deveu-se à pena do talentoso poeta e crítico Alfredo Margarido, a quem a Secção Cultural da CEI consigna os seus melhores agradecimentos.

Lisboa, 3 de Novembro de 1960

Os Editores





PREFÁCIO

Não pretendendo neste ensaio introdutório abarcar o conjunto integral de uma tradição poética moçambicana (a poder reconhecer-se a existência de tal tradição), força nos é limitarmo-nos ao conjunto de poemas que dão forma a esta Antologia. Ultrapassá-los seria, a meu ver, desviar para fronteiras menos imediatamente perceptíveis as considerações que se torna necessário estruturar. Evidentemente que se pode estranhar a ausência de alguns poetas de origem moçambicana (como é o caso de Alberto de Lacerda, Francisco de Sousa Neves, Merícia de Lemos, Papiniano Carlos, e Vítor de Matos e Sá, entre outros), mas não quisemos considerar aqui senão uma situação moçambicana que nada tem a ver com o lugar de nascimento, pois se refere antes à maneira de estar em Moçambique que cada um dos poetas antologados manifesta. É verdade que se encontrarão no decurso deste ensaio algumas breves notas acerca de alguns dos poetas ausentes, que procuram rastrear na obra de cada um deles as marcas mais incidentalmente africanas.

Para nos aproximarmos do cerne da problemática proposta por esta Antologia, força nos é servirmo-nos do esquema traçado por Jean-Paul Sartre em «Orphée Noire», o mais conhecido de todos os textos que têm examinado a situação da poesia negra. Diz-nos ele: «Do instrumento o branco sabe tudo. Mas o instrumento ofende a superfície das coisas, ignora a duração, a vida. A negritude, pelo contrário, é uma compreensão por simpatia. O segredo do negro é que as fontes da sua existência e as raízes do ser são idênticas».

Se quiséssemos dar uma interpretação social desta metafísica, diríamos que uma poesia de agricultores se opõe aqui a uma prosa de engenheiros. Parece-me que, neste caso, Sartre se mostra um



tanto apressado na classificação, pois que, embora reconhecendo que os negros possuem também uma técnica, se esquece de considerar aquilo que é fundamental na duração considerada em termos de técnica agrícola e de técnica mecanicista e que consiste, efectivamente, na divergência que se regista na maneira como são considerados os elementos que dão forma à duração.

Enquanto o homem negro, ou antes, o agricultor negro, pensa na temporalidade relacionada com o sol, ou antes, com todo o sistema solar (que lhe fornece todas as referências necessárias para que a vida comunitária siga o trilho comum e tradicional), o homem branco (ou antes, o homem vinculado a formas altamente evoluídas de tecnicidade), estrutura a sua temporalidade em função de uma duração racionalizada, isto é, sujeita uma concepção de tempo já mecanizado, medido por instrumentos de precisão. À função telúrica do tempo contrapõe-se a visão mecanizada dele. E o facto arrasta atrás de si outra alteração profunda, esta já a registar-se no plano económico: às economias de subsistência, que servem de travejamento às formas de temporalidade essencialmente agrícolas, substitui-se uma economia de salariado, onde as formas de proletariado proliferam e se vinculam, na sua maneira de agenciar as formas protensivas de se equacionarem, às estruturas urbanas.

Evidentemente que quando nos referimos a formas de temporalidade nos queremos referir não ao tempo considerado como elemento do *devoir*, mas antes a uma consciência do *devoir*, que não pode deixar de ser uma consciência do tempo. Deste modo somos obrigados a recorrer a um tempo objectivado, a um tempo que esteja no mundo e não já considerado na sua raiz. É talvez por não levar em linha de conta esta posição do *devoir* que Sartre se desvia dos fenómenos técnicos que caracterizam as sociedades de cor – se não no seu todo, pelo menos em parte importante delas –, alijando-os para reduzir tais sociedades a uma produção poética de agricultores, quando o fundamental é objectivar o *devoir*, é objectivar a duração.



A organização sistemática da consciência depende, na verdade, inteiramente da maneira como o tempo – que se renova incessantemente – se objectiva na sua relação com a intencionalidade do homem e do grupo social. Husserl pretende que o fluxo absoluto (temporal) é pré-empírico, e que a consciência última naturante é intemporal. Temos, em todo o caso, que nos afastar desta perigosa forma de idealidade do tempo, no plano da sociologia, a não ser que não pretendamos descer ao exame da multiplicidade intencional das próprias motivações do devir, que não pode ser encarado como um monolito, mas antes como uma força compósita, que força nos é abrir para vincular com a multiplicidade dos acontecimentos, que ultrapassam a passividade, mas exigem uma relação com a experiência do existente, isto é, com a maneira como o ente se afirma como vivencialidade. Não devemos esquecer, contudo, que podemos (e devemos) alargar o nosso esquema a duas outras formas de diferenciação deveras importantes e que merecem interesse especial: a dos ritmos urbanos e a dos círculos rurais.

Certo é que podemos vincular as duas formas de temporalidade já examinadas aos valores urbanos e aos rurais, porquanto a consciência da tecnicidade está radicada no perímetro urbano, enquanto a temporalidade telúrica (e considero assim aquela que obedece ao ritmo solar, independente de outra concepção de temporalidade⁴) se radica nos quadros rurais (chamo desde já a atenção para um pormenor importante: sempre que se nos depara uma agricultura fortemente mecanizada, a temporalidade concebe-se, de imediato, dentro do espaço mecânico, ao mesmo tempo que a economia deriva do plano da subsistência para o do salariado; acrescento ainda, se não para inteiro esclarecimento do problema, ao menos para o desenhar com maior nitidez, que nem sempre as cidades se revelam detentoras de formas protensivas, que algumas vezes se encontram mais definidas nos meios rurais).

⁴ Ao facto de não ter necessidade de medir o tempo por outros instrumentos que não sejam os astros, devemos atribuir o desinteresse de grande parte da população negra pelo relógio enquanto máquina medidora do tempo. Considera-o, por isso, mero objecto decorativo, transformando-lhe a própria essência de comunicabilidade.



As formas poéticas que podem corresponder a um e outro caso abrem-nos perspectivas extensas para o exame da poesia moçambicana, que pode dividir-se (tal como sucede em Angola) em poesias tradicionais (radicadas, por isso, numa forma específica de temporalidade que se radica em concepções que são meras sobrevivências do passado) e poesias mestiças, ou poesias urbanas, se assim o quisermos. Nas primeiras a poesia é construída em línguas autóctones (embora muitas vezes ou quase sempre apareçam já marcadas por empolamentos muito importantes bebidos na língua portuguesa, não só no que se refere à massa conceptual, mas ainda a estruturas meramente linguísticas, desde a fonética até à sintaxe); na segunda a língua portuguesa é o veículo proposto como única via poética em que se encontram as vozes dos moçambicanos, independentemente de etnias. Quando nos debruçamos sobre o problema das línguas autóctones não podemos deixar de pensar que só os valores absolutos podem transformar a *praxis* num sentido universal e que, por isso, qualquer vínculo estrita e estreitamente regionalista transforma a própria especificidade dos problemas.

É evidente que a constatação anterior nos arrasta para a descoberta do sentido do ser, já que existe uma ambivalência, ou antes, uma interconvivência das subjectividades, que afirmam o ser no existente e este naquele. Ou seja, o xadrez dos conteúdos individuais força-nos a espreitar a constância do ser, já que o movimento e a constituição dos objectos temporais nos arrasta para o exame da própria concepção linguística, ou antes, do próprio acto expressional. Devemos atender, ainda, a que qualquer modificação se afirma pela sua continuidade, isto é, devemos entender na linguagem dos poetas de Moçambique aquilo que é substancial como raiz de uma modificação da língua portuguesa, que progride no sentido de se apropriar dos elementos que mais caracterizam a especificidade da ecologia moçambicana, como aliás não podia deixar de ser.

É dentro dessa ecologia que devemos procurar a estrutura do existente, pois emerge ela da própria intensidade expressional. Um poema de Rui Knopfli evidencia-nos a própria verdade deste caminho



e evidencia também a permeabilidade de um absoluto regional (embora, como já vimos, exista uma séria contradição nos dois termos), mas trata-se de uma situação de crise que será vencida logo que a unilateralidade da posição possa afirmar-se em sentido universal (inerente, como também já foi visto, à própria estrutura da *praxis*, considerada em toda a sua latitude). O autocrescimento implica não uma progressão deste exame (que é exterior ao conteúdo especificamente moçambicano), mas antes ao seu natural decrescimento. É aqui que se encontram as perguntas que R. Knopfli faz a si mesmo quanto à sua moçambicanidade e as de Rui Nogar quanto à maneira como utiliza o pequeno-português. Vamos ver, de resto, como se aproximam através de linhas divergentes, as duas poesias a que me refiro. Começemos por R. Knopfli:

«Europeu, me dizem/eivam-me de literatura e doutrina/
europeias/e europeu me chamam. / Não sei se o que escrevo tem a
raiz de algum pensamento europeu. / É provável...Não. É certo /
Mas africano sou. / Pulsa-me o coração ao ritmo dolente / desta luz
e deste quebranto. / Trago no sangue uma amplidão de coordenadas
geográficas e mar Índico./ Rosas não me dizem nada, / caso-me mais
à agrura das micaias / e ao silêncio longo e roxo das tardes/com
gritos de aves estranhas. / Chamais-me europeu? Pronto, calo-me.
/ Mas dentro de mim há savanas de aridez/e planuras sem fim/com
longos rios languês e sinuosos, /uma fita de fumo vertical, /um
negro e uma viola estalando».

Se quiséssemos detectar o que poderia existir de não imediatamente africano na poesia de Rui Knopfli (e utilizando a sua própria maneira de encarar o «africano», ou antes, o «moçambicano»), não seria difícil apontar a expressão «aves estranhas» para constatar que a sua educação (familiar e escolar) e as formas de tradição a que obedece (familiar, escolar e ambiental), se não moldaram completamente a Moçambique; a aparência perceptiva, que comanda a posição do autor, funciona ainda em relação a uma aparência impressional que comanda a aparência imaginativa e, por isso, as imagens das aves deixam de ter um nome familiar, doméstico,



para se tornarem, «estranhas», já que não cabem dentro de um quadro pessoal bem estribado. A relação entre as duas formas de aparência são imediatamente acusadas pelo poema e o desfasamento que se constata na esfera «exterior» é imediatamente transferido para o círculo «interior»: temos assim um intervalo «fantasmático» que contrapõe uma aparência real a uma outra imaginada como real (e existente com efeito, como real, fora das coordenadas em que o poeta tem o seu quadro de vivências).

Vamos, porém, ao poema de Rui Nogar, aquele que, nesta antologia, nos desvenda o caminho do pequeno-português, como língua marginal dos centros urbanos: «Eu bebeu suruma/dos teus ólho Ana Maria./Eu bebeu suruma/e ficou mesmo maluco/agora eu quere dormir quere comer/mas não pode mais dormir/mas não pode mais comer//Suruma dos teus ólho Ana Maria/matou socego no meu coração/oh matou socego no meu coração/eu bebeu suruma oh suruma suruma/dos teus ólho Ana Maria/com meu todo vontade/com meu todo coração//e agora Ana Maria minhamor/ é mulher de todo gente/é mulher de todo gente/todo gente todo gente// menos meu minhamor».

Poema típico de uma franja citadina, disse mais atrás, e poema que deriva de um contacto em que o português se valoriza não apenas como língua de branco, mas sobretudo como língua absoluta, a única que pode permitir a entrada no grande mundo da técnica. É claro que a sistemática utilização do pequeno-português não se autojustifica e necessita por isso de uma base conceptual que lhe sirva de apoio. Convirá ver, por isso, que Rui Nogar firma o seu interesse poético de formas bem tipicizadas, as que se estabelecem nos subúrbios, relações bem íntimas e profícuas entre o negro e o branco, entre o velhíssimo velho colono e mamana Isabel. É na simplicidade dramática destas relações que devemos entender não apenas a estruturação poética de Rui Nogar, mas ainda a sua identidade com Rui Knopfli. Ambos se dão conta que não estão ainda radicados em África e um interroga-se, enquanto o outro hesita entre a estrutura popular do português e a forma veicular



(e, em certo sentido, mais íntima e autêntica) do pequeno-português. A instabilidade dos quadros, a permanente oscilação das elites, ou antes, de toda a superestrutura, parecem-me bem patentes em ambos os poemas. Rui Nogar propõe-nos, de um lado, o existente, enquanto do outro nos propõe um existente-passado, ou seja, um existente que se dilui já e deixa apenas a Mamana Isabel sem o amparo triste da reforma do velhíssimo velho colono. Se, na realidade, este poema corresponde a um método crítico de elaboração do poético a partir das formas veiculares da linguagem, não há dúvida também que pretende descobrir ainda a razão de uma perspectiva que desfoca as imagens do arrabalde, na medida em que a cidade lhes dá e nega a própria razão de ser.

Esta forma de isolamento, de insularidade, está patente na «Carta do Capataz da Estrada 95», de Orlando Mendes, onde se patenteia a deslocação do eixo psíquico do capataz que não funciona já em relação ao quadro metropolitano de onde veio, para se transformar, através da mulher, em membro efectivo de uma sociedade intermédia, uma sociedade em que se pressente o eclodir do mestiço: «...Eu, Mãe, que não deixarei nada do que sou eu/Senão poemas sentimentais que ninguém há-de ler/E um espólio de capataz que há-de ir à praça./Ou podia fingir que ainda resisto/Comprando passagem para o primeiro barco a sair/E indo amar uma bailarina num cabaret de Paris./Mas vou abrir a porta e esquecer tudo isto /Para ouvir chegar os passos de Nair/A mulher que me diz que é feliz/E a Mãe-Terra Negra me deu».

Na verdade, a poesia de Orlando Mendes oscila entre a denúncia de uma alienação do Homem (negro ou branco) e o entrosamento das etnias que se constata em Moçambique. E, completando estas duas arestas dum quadro sociológico, não deixa Orlando Mendes de nos apontar o ponto em que se formam as burguesias negras que lutam por se manterem fiéis a um padrão de vida que não quer já contactos com o homem negro entendido na sua obediência a valores sobreviventes do passado e aliás já seriamente atacados na sua base: «Acabaram-se os batuques!/(Fora molecada! Aqui no



quintal, não há gente sem vergonha!)/Lá dentro... à luz magra do petróleo,/Na sala grande,/Com artistas de cinema nas paredes/A grafonola do senhô Alfredo arrasta modinhas brasileiras.../ – Menina Josefa! Não suba no cajueiro/Tenha juízo! Papá molungo vai zangar,/E seu noivo, aquele caixeirinho impaludado,/Patrício de papá/Quer a mulatinha senhora/Para ir casar na igreja da Missão/Com bênção do senhor padre!».

Despojado o poema da ternura – que caracteriza a posição de Rui Nogar – fica-lhe uma ironia deslocada, porquanto atinge um quadro social cuja evolução não está ainda terminada e que, em si mesmo, revela a fatalidade dos mecanismos de uma problemática que não cabe aqui enunciar; mas resta-lhe sempre o frio tom exacto, a correcta utilização do pequeno-português e, sobretudo, uma eficiente conjugação com a poesia que procura nas situações em que o desfásamento entre o ente e o quadro social onde evolui se faz notar pela sua acuidade, o cerne da sua posição poética. Também em «Moleque mufana» Orlando Mendes nos comunica a realidade trágica do jovem moleque chegado do mato para servir na cidade e aprender a dominar os segredos da técnica do homem branco: «Menino do mato/de nome landim/chegou à cidade/Moleque mufana/de nome europeu/para ir servir/em casa modesta/de gente europeia/Trazer do bazar/uma alcofa cheia/mal o sol nasceu/limpar o quintal/acender o lume/ levar o almoço/à obra da baixa/onde o patrão/trabalha com brancos/e pretos também».

É evidente, contudo, que podemos inquirir qual a experiência que tem cada um dos autores citados do pequeno-português e a resposta será que não está ela tão vinculada a uma realidade circunstancial que possamos considerá-la autêntica. Constatado isto devemos averiguar se o movimento que o ser processa para se desenvolver e ultimar (isto é, para averiguar a finitude da consciência) se orienta sempre no mesmo sentido. Se, em boa verdade, assim acontecer (como penso acontece), o pequeno-português revela-se instrumento veicular de um eu-passivo, que não conseguiu atingir ainda os modelos superiores de linguagem, aqueles em que



conseguirá definir as formas estruturais do próprio ser, que deste modo contrapõem à consciência uma verdade que a ultrapassa. A determinação do futuro encerra uma degradação inicial, mas pode ela ser vencida se o existente se der exacta conta das consequências mais rigorosas da definição da sua mesma temporalidade.

O estudo do problema (certamente um dos mais graves sugeridos por esta antologia), encontra ainda novos esteios na poesia do jovem Sérgio Vieira que, apoiado numa experiência ambígua, utiliza um esquema igualmente ambíguo para fazer confabular duas espécies de intencionalidade: a de afirmar em português a sua noção da estrutura finita da consciência e a certeza da inautenticidade da infinitude do ser. Isto é, o poeta procura ocultar-se a si mesmo, de modo a poder descobrir aquilo que está no tempo (portanto o menos individual) e aquilo que constitui o ser temporal, ou seja, aquilo que o homem, como produto finito do tempo, pode conceber como pessoal dentro dele. Mas também neste caso a ambiguidade faz oscilar o poema e, em parte, essa oscilação frustra a própria intencionalidade poemática, para lhe contrapor uma mal fundida noção de idealidade que, apesar de mal costurada, faz desfilar um cortejo compreensível e agónico de frustrações. Sérgio Vieira recorre a um esquema facilmente identificável e procura referenciar o próprio conteúdo do existente. Penso que esta fusão não tem nada de dissolvente, antes consegue os seus intuitos procurando descobrir e referenciar as relações mais intencionais do homem com o real, não apenas com um real quotidiano, e cuja imediatidade nos é dado entrever, mas um real que podemos conceber com a explicação de todos os conteúdos do existente.

É aliás esta especial compreensão da finitude da consciência que dá todo o interesse ao poema de Sérgio Vieira e o aproxima de alguns poemas angolanos de António Jacinto e de Viriato da Cruz (em parte, também, de Mário António), em que palpita uma idêntica evocação do passado não muito remoto no tempo, mas decisivamente eliminado no espaço, em que o homem vivia ainda no Paraíso, agora definitivamente perdido (como iremos ver a



mitificação da infância pode corresponder a um recurso fútil à inércia da consciência, isto é, a uma desistência inexplicável que assenta a sua estrutura num real afectado pela parcialidade da visão). Estas observações arrastam-nos para o momento em que o ser descobre o não-ser e que deve ser entendido entre o instante (que é o real, ou melhor, é entendido como o real) e o não-instante (que deve ser entendido já como o não-real). Esta constatação arrasta-nos para a duração em que nenhum instante pode ser considerado como infável, dado que esse instante é imediatamente transformado em não-instante, o que lhe dá uma carga passiva que pode arrastar para uma fácil, se bem que dispensável, mitificação.

É isto o que sucede não apenas com a infância, mas também com o quadro onde ela decorreu, uma cidade onde o tempo podia ser ainda concebido como rural, dependente do sistema solar (essa forma de mitificação está presente em Papiniano Carlos, que radica em Lourenço Marques a sua infância e a sua noção de um paraíso perdido, tal como, de resto, sucede com Merícia de Lemos no que se refere à Beira e com Alberto de Lacerda no que toca à ilha de Moçambique. Trata-se de formas não efectivas de viver uma naturalidade que, pela sua própria carga onírica, está pronta a transmutar-se em mito, para o qual o poeta há-de transferir grande parcela dos seus traumatismos psíquicos. A mediação entre o mediato e o imediato, entre o passado-presente e o presente-passado, estabelece uma trama estreita que, na sua relação dialéctica, provoca a passagem de uma impressão originária para as formas retensivas de uma memória arrastada para as sobrevivências míticas do passado infantil).

Creio que estes poetas participam de uma natureza indefinidamente sentida como ilimitada, ainda que seja possível imediatizá-la, graças ao facto de evitarem torná-la abstracta, pois os acidentes topográficos são preferidos com abundância. A cidade recordação, ou antes, a cidade paraíso perdido consciencializa-se de outro modo nos poetas que continuam a viver em Moçambique, graças ao múltiplo conhecimento explícito que dela podem tomar. Ou seja, entre o instante e o não-instante interpõe-se uma imagem



que, pertencendo embora ao não-instante, chega a insinuar-se levemente no instante, graças à sua carga onírica. É a cidade futura que se ajusta às novas realidades, projectando-se no instante como objecto que deve ser contemplado (isto é, trata-se de um objecto permanente, porquanto fixado e já furtado às indeterminações da evolução dialéctica).

Essa visão de um passado citadino, ou antes, de um paraíso perdido em que não havia questões de raça ou classe, estão claramente patentes na poesia de Noémia de Sousa (é de resto em Noémia de Sousa que encontramos o paralelo mais flagrante com a poesia angolana de António Jacinto). O «Apelo» de Noémia de Sousa, com os seus versos iniciais «Quem terá estrangulado a voz cansada/de minha irmã do mato?/ De repente, seu convite à acção/perdeu-se no fluir constante dos dias e das noites./ Já não me chega todas as manhãs,/ fatigada da longa caminhada,/ quilómetros e quilómetros sumidos/no eterno pregão: Macala!», está muito próximo dos versos em que «O grande desafio» apela para um outro tempo em que «a gente punha despreocupadamente os livros no chão». Se bem que as estruturas dos poemas pareçam divergentes, convergem para o mesmo amplo e terrível sentido do desfasamento entre o instante e o já vivido, que a memória defende intransigentemente, pois em qualquer dos casos a temporalidade se revela infensa à racionalização. Como constatamos a existência do mesmo fenómeno na poesia cabo-verdiana e na metropolitana, não me parece difícil constatar a existência de uma evolução social paralela e que identifica os poetas entre eles e essa mesma visão perpassa nos poemas de Fonseca Amaral, Diogo de Távora e Sérgio Vieira, se bem que aflore também em outros poemas e poetas.

Quero, contudo, referir-me mais demoradamente aos poemas de Noémia de Sousa e José Craveirinha, que revelam, antes de mais, uma limitação do lugar-onde os negros e mestiços são revelados: o perímetro citadino, ou seja, o balanceio entre o lugar de trabalho e a marginalidade dos arrabaldes, onde são surpreendidos pela noção da finitude da consciência. (Ao contrário do que acontece com Irene



Gil, o mais citadino de todos os poetas, ainda que se revele uma rebelada contra o circunstancialismo burguês da sua classe, quase apetecia dizer casta: «— Foram ver Deanna Durbin/e eu, fiquei sozinha em casa/(Oh, que bom, ficar sozinha...)». Irene Gil é uma mulher colocada em posição bem particular numa sociedade que não admite que as mulheres afirmem concretamente a sua independência, o que as reduz a uma função quase parasitária e, por isso, a sua fuga ao cinema, ao lugar onde os seus pares se reúnem e onde não poderá ser livre. Deve observar-se, contudo, que o cinema surge como um lugar-comum de afirmação burguesa que o poeta evita⁵. Parece-me evidente que, no caso de se tratar de um poeta de cor, o cinema surgiria de outra maneira, já que a sua intencionalidade seria outra.

Na verdade, o cinema é para o homem de cor uma intimidade, por vezes freneticamente mágica, com modelos e princípios que o afastam radicalmente das estruturas tribais a que, mesmo dentro do perímetro urbano, procura muitas vezes manter-se fiel: a intimidade com o mundo essencialmente branco (só acidentalmente é que o homem de cor surge no cinema, sobretudo como o Outro dramático), altera os valores conjugados por Irene Gil, sem que, todavia, diminua a intencionalidade da agressão intentada pelo poeta contra o seu grupo⁶

É dentro das duas faces citadas que devemos encarar a posição do homem de cor, considerada não já como a infinitude da cor, mas antes como o existente que tem a noção da finitude da sua cor, que não pode explicar todas as forças peculiares de estar-no-mundo.

⁵ Jean-Paul Sartre, conta Francisco Jeanson, lembrou-lhe um dia que pertencia à geração que descobriu o cinema, não já como curiosidade estética, mas como instrumento de revolta: «Representava para nós um desafio aos adultos (tal como hoje o Jazz): íamos ao cinema contra a nossa família». O mesmo sentido de revolta (a que se mistura, neste caso, a ambiguidade da certeza meramente estética) foi expresso por Edmundo de Bettencourt (Cf. «O Momento e a Legenda»). Veja-se que, entretanto, o cinema se transformou em objecto de onde pode advir a alienação.

⁶ A essencialidade branca do cinema foi posta em relevo pelos governos que defendem o *apartheid*, ao proibirem a montagem da indústria para que as mulheres brancas não pudessem entrar em casa dos pretos por obra e graça da electricidade e de um leve e breve rodar do botão de controlo. O problema liga-se muito de perto à função



É importante constatar este facto, porquanto a «negritude», tal como se encontra em Jean-Paul Sartre, sugere uma noção de exílio que raras vezes surge na poesia negra de expressão portuguesa (parece-me que, na verdade, esta noção de exílio só poderá ser flagrantemente surpreendida na poesia de Francisco José Tenreiro, sobretudo no poema esclarecedoramente intitulado «Coração em África»: «Caminhos trilhados na Europa de coração em África./ Saudades longas de palmeiras vermelhas verdes amarelas/ tons fortes da paleta cubista/ que o Sol sensual pintou na paisagem;/ saudade sentida de coração em África/ ao atravessar estes campos do trigo sem bocas/ das ruas sem alegria das casas cariadas/ pela metralha míope da Europa e da América/ da Europa trilhada por mim Negro de coração em África»).

Antes, na poesia de Noémia de Sousa e de José Craveirinha, o homem aparece como um insulado em relação à própria consciência, isto é, às noções da consciência como finitude e de descoberta dessa mesma finitude como forma arquetipal de coisificar a existência, substitui-se uma terrífica impossibilidade de definir os contornos do existente, de tal modo as alienações sobre ele pesam (parece-me ser esta carga de alienações que provoca o silêncio de Noémia de Sousa logo que, em 1952, se transfere para a Europa). Certo é que, como diz Mário de Andrade na sua «Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa», a «expansão portuguesa, orientada ao longo

maniqueísta dessas sociedades brancas e, por outro lado, fundamenta-se no facto de a violação da mulher branca constituir uma violação imposta a toda a sociedade branca; ou seja, a sociedade revela a sua susceptibilidade feminina, na medida em que não pode afirmar uma independência concreta, pois permanece sempre sob a ameaça das sociedades de cor, ameaça que só pode ser afastada com a aniquilação do grupo negro, já que o sexo do homem de cor se revela capaz de dominar a mulher branca, infligindo-lhe prazer (emprego o termo infligir porquanto, dentro dos conceitos peculiares das sociedades a que me reporto, uma mulher branca não pode ter «voluntariamente» prazer com um homem de cor). É mais uma das diferenças fundamentais que se registam entre as sociedades de língua portuguesa e as de língua inglesa, se bem que haja a registar, naturalmente, zonas onde os tratamentos podem divergir.



do seu desenvolvimento histórico não por razões de ordem moral ou religiosa, mas por razões socioeconómicas, seguiu certamente um caminho original».

Não importa aqui discutir as razões que definem a posição de Mário Pinto de Andrade, tanto mais que elas se aplicam, em particular, a Angola, mas não posso deixar de frisar que é dessa originalidade que deriva a circunstância esclarecedora de não haver, nestes poemas, uma clara noção de exílio. Ou seja, ao contrário do que sucede com a negritude, assentando estruturalmente sobre a consciência do exílio, na poesia que aqui temos existe um sentimento de alienação, agudamente detectado e descrito, agudamente construído, e cantado, mas não encontramos a mais leve sugestão de exílio. O poeta está dentro dos seus quadros, existe com eles e correspondem eles também à sua maneira específica de estar-no-mundo. Daí que a poesia de José Craveirinha esteja, na sua própria e natural força abstractizante, próxima do neo-realismo português como se vê no poema «Paragem»: «Sobe um rumor de pedras em vaga/da carvoeira/e os homens lá.//Sobe um rumor/e na repartição/a menina burguesa vampiriza a expressão/e julga que vive.//Na carvoeira.../Sobe um rumor/». Estes homens, ratos no fundo do porão, poderiam ser facilmente descobertos na poesia portuguesa contemporânea e esta identidade para além do aspecto fácil de influência literária influencia os grupos sociais e radica-nos no mesmo quadro estrutural, dentro do mesmo esquema de vivências. É isso que mais importa verificar, porquanto é este o facto mais elucidativo desta Antologia. Se suam no trabalho as curvadas bestas a identificação faz-se dentro do mesmo esquema, embora possamos introduzir ásperas soluções de continuidade que, neste caso, não parece oportuno comentar. O que mais importa é constatar, dentro dos vários campos das poesias escritas em língua portuguesa, uma identidade de intencionalidades, uma mesma adesão a um Homem total e, sobretudo, o mesmo amaro e autêntico canto de certeza.

Alfredo Margarido

1960



POESIAS





RUI DE NORONHA

SURGE ET AMBULA*

QUENGUÊLÊQUÊZE*

SARCASMO

No cume da montanha, imóvel, quedo,
Parara, há muitos anos, um penedo.

Era um penedo negro, informe e bruto
Como vestindo a humanidade em luto.

Das arestas sem conto e das profundas fendas
Contavam-se em redor milhões de negras lendas.

Daí, dessa eminência,
Sujeito à inclemência
Dos séculos, das noites
Dos ríspidos açoites,
Dos ventos e dos sóis,
– Um bloco de tristeza
Rasgando a Natureza,
A Humanidade, o Espaço,
E em decidido traço
Abrindo o Mundo em dois,
Contemplava o penedo, absorto e mudo.
Tristezas,
Ambições,

*Ver páginas 267 / 268



Baixezas,
Corações,
Vanglórias,
... Tudo!

Um dia,
Subindo cauteloso a penedia,
Eu fui-me pôr de rojo, todo medo,
Junto ao penedo.

Era noite de Inverno. A ventania
Uivara no penedo a noite e o dia.

Horas sem conto ali fiquei, tremendo à escuta,
Colado o ouvido à pedra horrivelmente bruta.

Súbito, dentro, oscilações estranhas
De um revolver esdrúxulo de entranhas
Eu comecei a ouvir.
Os ventos se calaram.
Fez-se silêncio e então,
Na imensa solidão,
O penedo tremeu e dominando o Mundo
Lançou, oh! espanto! um gargalhar profundo.
E desatou a rir... a rir... a rir...

Era o penedo a rir dos Homens e do Mundo...



GRITO DE ALMA

Vem de séculos, alma, essa orgulhosa casta,
Repudiando a dor, tripudiando a lei.
Num gesto de altivez que em onda leva, arrasta
Inteiras gerações de amaldiçoada grei.

Ir procurar, amor, nessa altivez madrasta,
Um gesto de carinho ou de brandura, eu sei?
Ao tigre dos juncais, duma crueza vasta,
Quem há que roube a presa? Aponta-me e eu irei!

Cruel destino o meu, que ao meu caminho trouxe
Na fulgurante luz do teu olhar tão doce
À mágoa minha eterna, a minha eterna dor.

Vai. Segue o teu destino. A onda quer-te e passa.
Vai com ela cantar o orgulho da tua raça
Que eu ficarei cantando o nosso eterno amor...



MANUEL FILIPE DE MOURA COUTINHO

EPIGRAMA AFRICANO*

O AMOR, A PAZ...*

POEMA DO BAR DO GREGO

E houve a noite do BAR do Grego.
– Pobre grego nem grego nem troiano –
Com música de porto e toda a parte.
E eu com guitarras chorando
Em todas as palavras que sentia...

E houve todo o não lembrar
Que a memória constante nos permite.
Ah! A música do grego
Entrando no sangue,
As palavras do grego
Ignorando sábios e conquistas.
E a vida como se fora um marinheiro.

No BAR do Grego,
Para além da História e das bebidas
Que um grego pode dar,
Havia a música
De todo um luar escurecido,
Havia essa tristeza
De cheirar a comboios
E a mundo impercorrido,
Havia toda a ausência falsa

*Ver páginas 224 e 226



Do que se finge ser rosas, céu, meninos,
Virgindade e amor.
Havia, sim, havia tudo
Menos o choro dos que calam
O que se ouve e sente poder ser
Filosofia sem fim no BAR do Grego.

GOUVÊA LEMOS

REPOUSO*

MOMENTO DE POESIA*

ORLANDO DE ALBUQUERQUE

ROMANCE DO NEGRO QUE NÃO VOLTOU**

GLÓRIA DE SANT'ANNA

DIA AFRICANO***

BATUQUE AO LONGE***

NOCTURNO***

*Ver páginas 195 e 197

**Ver página 243

***Ver páginas 191-194



CIRILO VIEGAS

RETRATO DE UMA CIDADE

A Manuel Bandeira

Quelimane!
Não a Quelimane moderna,
De prédios altos e inestéticos;
Não a Quelimane actual
Com gentes e hábitos diferentes
Mas sim a Quelimane da minha infância!
– Igual, misteriosa, familiar.

Inda recordo a rua do Torrone
(Nesse tempo sem nome algum)
Onde à noitinha a meninada corria
Saltava,
Ria,
Sob o luar que se coava em fios de prata
Dos palmares.

Quando morria tarde o dia,
Cedo acordava o batuque,
Cedo a voz do negro vinha,
Quente,
Enfeitiçada,
Selvagem...
E era tudo de uma monotonia...
Emocionante.

E quando os meninos corriam descalços p'los quintais
Jogando alegres a bola de meia
Ou ao berlinde na parede do velho Fonseca
Dona Anastácia vinha furiosa
Berrar que aquilo não era campo de futebol!

Quelimane desses tempos!



Ao lusco-fusco,
Os galos cantavam no quintal de Dona Aurora.
O Sol como hóstia ensanguentada
Vomitava entre renques de coqueiros
As sete cores do arco-íris
Criando nas águas serenas dos Bons Sinais
Um cenário de enlouquecer,
Enquanto nos bosques bucólicos do Chuabodembe
Os bois pastavam preguiçosamente.

Quelimane desses tempos!

O moleque Missasse,
Quando as terras secavam,
Postava as mãos no peito, orava:
– *Mulungo, mio ofunam mangie.*⁷
– *Mulungo, mio ofunam mangie.*

E os céus se abriam
E a água jorrava em torrentes!

Quelimane desses tempos!

Sem prédios de alvenaria
Sem avenidas de alcatrão.
A Quelimane de madeira e zinco!
Com ruas de areia solta.
Batuques
Jantares pantagruélicos
E donas analfabetas.

Quelimane da minha infância...

⁷ – Senhor, eu quero água.



Despida de modernismo
Só com o perfume de antiguidade
O moleque Missasse postando as mãos no peito e orando:
 – *Mulungo, mio ofunam mangie.*
E os meninos brincando ao luar
Na velha rua do Torrone!

NUNO BERMUDES

ODE*
CRIME PERFEITO*
CANÇÃO DO PAÍS DE CECÍLIA*

GUILHERME DE MELO

MONOMOCAIA**
BALADA PARA A VELHA ILHA**
POEMA**
BALADA**

*Ver páginas 237-240

**Ver páginas 201-205



JOSÉ CRAVEIRINHA

NATAL

Roto e descalço
vai o Rei da Munhuana
de montra em montra
pelas ruas da cidade.

Janelas de vidro envenenadas a néon
que meu irmãozinho Rei descobriu
e nenhuma se abriu

De montra em montra
vai o Rei da Munhuana...

PARAGEM

Sobe um rumor de pedras em vaga
da carvoeira
e os homens lá.

Sobe um rumor
e na repartição
a menina burguesa vampiriza a expressão
e julga que vive.

Da carvoeira...
sobe um rumor

CANTIGA DO NEGRO DO BATELÃO*

*Ver páginas 210-214



POEMA DO HOMEM E DA ESPERANÇA

Para a minha Mulher

Suam no trabalho as curvadas bestas
E não são bestas, são homens, Maria!
Corre-se a pontapé os cães na fome dos ossos
E não são cães, são homens, Maria!
Pisam-se as pedras na raiva dos tacões
E não são pedras, são homens, Maria!
Feras matam velhos, mulheres e crianças
E não são feras, são homens, Maria!
Crias morrem à míngua de leite
Vermes nas ruas esperam caridade.
E não são crias nem vermes
São os filhos dos homens, Maria!
Bichos espreitam nas cercas de arame farpado
E também não são bichos, são homens, Maria!
Do ódio e da guerra
Cresce no mundo o girassol da esperança...
Ah! põe as mãos
Põe as mãos e reza...
Reza, Maria!



ALBUQUERQUE FREIRE

AOS POETAS

Todos vós irmãos poetas
Que tendes em cada poema velas de ansiedade infladas pelo orgulho,
Rasgando o infinito do pensamento humano,
Despegai por um momento os vossos olhos das estrelas e ouvi:
Eu tenho disso a justa medida,
Nunca serei um grande poeta, a fremir como a asa negra de um sino
[sobre uma cidade submersa,
Porque os meus melhores poemas nunca os escrevi.

Quantas vezes as palavras na minha mente são crianças a chorar sem
[pai nem mãe,
Batendo insanamente às portas fechadas da vida,
Enquanto o lucilar dos astros inunda os horizontes de alegria, espargindo
[sobre a Terra a música faiscante do tilintar de harpas de cristais.
Quantas vezes as palavras na minha mente são o chilreio das aves
[ao romper da alva,
O gemido lúbrico do vento saracoteando as ancas por vales e quebradas
E o furacão da tristeza revolvendo desabaladamente os mundos
[das quimeras humanas.

O!, quantas pedras preciosas eu tenho arremessado aos pegos
[do silêncio,
Ao boiar nos meus olhos um sorriso triste,
Porque eu, atolado nos pântanos da vida,
Os meus melhores poemas nunca os escrevi.



RUY EÇA RÊGO

EGOÍSMO

Não me importa que a Terra pare de girar
nem que o Mundo se queime e a Vida fique a arder
num braseiro gigante onde o «ser ou não ser»
se torça, grite e morra e deixe de imperar.

Não me interessa também que se envenene o ar
e o próprio Sol, ardendo, possa derreter...
e também não me importa nem quero saber
que a Lua se incendeie, ou se evapore o Mar,

Eu nada quero já do mundo de artifício
onde germina a intriga e prepondera o vício
e o Homem se retrata ao gosto do seu dono...

Nada me importa... e nada! – Assim, Inferno e Céu
destruam-se também, ficando apenas Eu
a vegetar em mim. Só Eu... e o Abandono!...

RUI KNOPFLI

NATURALIDADE*

DAWN*

KWELA PARA AMANHÃ*

*Ver páginas 256-262



ORLANDO MENDES

CARTA DO CAPATAZ DA ESTRADA 95* EVOLUÇÃO*

MOLEQUE MUFANA

Menino do mato
De nome landim
Chegou à cidade
Moleque mufana
De nome europeu
Para ir servir
Em casa modesta
De gente europeia
Trazer do bazar
Uma alfofa cheia
Mal o sol nasceu
Limpar o quintal
Acender o lume
Levar o almoço
À obra da baixa
Onde o patrão
Trabalha com brancos
E pretos também
Pegar no menino
Mais novo da casa
E brincar com ele
Nas horas restantes.
Moleque barato
Menino sozinho
Deitado à noite

*Ver páginas 246-251



No quarto do fundo
Do quintal pequeno
Encolhido dentro
Duma leve manta
O corpinho nu
Doendo em cima
Da velha esteira
No chão de cimento
A medo sonhava
E apetecia-lhe
Comer e beber
As coisas gostosas
Que há nas cantinas
De brancos e chinas
E quando o dinheiro
Chegar para tudo
Comprar no monhé
Cama e colchão
E mantas que sejam
Macias e quentes
Camisa garrida
Gravata de seda
E sapatos largos
Que nunca seus pés
Andaram calçados
E mandar fazer
Um fato de linho
Engomá-lo bem
Vesti-lo solene
Nas tardes tão brancas
De novos domingos
Passear airoso
Pelas avenidas
Ir ao luna-parque



Gozar alegrias
Duma hora doida
Ou ver futebol
Com outros moleques
No Xipamanine
Ou tomar um banho
Correr e saltar
Na praia deserta
E comprar ainda
O primeiro livro
Onde se aprende
A ler os segredos
Da vida da gente
E ao fim dum ano
Voltar à senzala
Onde no momento
Preciso do Tempo
Foi naturalmente
Achado e tido
O ventre materno
E lá na origem
De cada destino
A todos mostrar
A metamorfose
E rever os pais
Irmãos e parentes
E certos mistérios
Do mato dos bichos
E flores cheirosas
E frutos maduros
E ter outra vez
O sono antigo
Das noites profundas.
E assim sonhando



De olhos abertos
Na escuridão
Em noite mais fria
De Julho agreste
Moleque mufana
Acendeu o lume
E do fogareiro
No quarto fechado
As brasas vermelhas
Aqueciam sonhos
De menino filho
Da terra vivaz
E quase feliz
Sonhando ficou
Seu corpo na morte
Frio como era
A última noite
Lá fora no mundo.
No dia seguinte
Os jornais disseram
A verdade química
De tal acidente
E deram conselhos
Às donas de casa
Mas ninguém notou
Que o molequito
Viera do mato
Há menos dum mês
Trazendo consigo
As poucas moedas
Que a mãe lhe dera
Produto exacto
Da economia
Penosa e firme



E ele guardava
No medo constante
De ser perdulário
E para vestir
Possuía apenas
Um par de calções
E a camisola
E para dormir
A velha esteira
E a manta leve
E tinha também
O frio da noite
E a solidão
E um coração
Para palpitar
Ao ritmo da vida.
E ninguém sabia
Que ele sonhara
Durante aquela
Noite de vigília
Com essas e outras
Coisas necessárias
Para vir a ser
Um moleque bom
Que queria ser
Na cidade nova
E quase feliz
Sonhando ficou
Até que parou
O seu coração.



NOÉMIA DE SOUSA

MOÇAS DAS DOCAS

A Duarte Galvão

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço.
Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines,
viemos do outro lado da cidade
com nossos olhos espantados,
nossas almas trancadas,
nossos corpos submissos escancarados.
De mãos ávidas e vazias,
de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas se acendendo,
de corações amarrados de repulsa,
descemos atraídas pelas luzes da cidade,
acenando convites aliciantes
como sinais luminosos na noite.

Vemos...

Fugitivas dos telhados de zinco pingando cacimba,
do sem sabor do caril de amendoim quotidiano,
do doer espáduas todo o dia vergadas
sobre sedas que outras exhibirão,
dos vestidos desbotados de chita,
da certeza terrível do dia de amanhã
retrato fiel do que passou,
sem uma pincelada verde forte
falando de esperança.

Vemos...

E para além de tudo,
por sobre Índicos de desesperos e revoltas,
fatalismos e repulsas,
trouxemos esperança.
Esperança de que a xituculumucumba já não virá



nas noites infindáveis de pesadelo,
sugar com seus lábios de velha
nossos estômagos esfarrapados de fome.
E viemos.
Oh sim, viemos!
Sob o chicote da esperança,
nossos corpos capulanas quentes
embrulharam com carinho marítimos nómadas doutros portos,
saciaram generosamente fomes e sedes violentas...
Nossos corpos pão e água para toda a gente.

Vemos...
Ai mas nossa esperança,
venda sobre nossos olhos ignorantes,
partiu desfeita no olhar enfeitiçado do mar
dos homens loiros e tatuados de portos distantes,
partiu no desprezo e no asco salivado
das mulheres de aro de oiro no dedo,
partiu na crueldade fria e tilintante das moedas de cobre
substituindo as de prata,
partiu na indiferença sombria da caderneta...

E agora, sem desespero nem esperança...
seremos em breve fugitivas das ruas marinheiras da cidade ...
E regressaremos.
Sombrias, corpos floridos de feridas incuráveis,
rangendo dentes apodrecidos de tabaco e álcool,
voltaremos aos telhados de zinco pingando cacimba,
ao sem sabor do caril de amendoim
e à dor do corpo todo, mais cruel, mais insuportável...

Mas não é piedade que pedimos, vida!
Não queremos piedade
daqueles que nos roubaram e nos mataram
valendo-se de nossas almas ignorantes e de nossos corpos macios!



Piedade não trará de volta nossas ilusões
de felicidade e segurança,
não nos dará os filhos e o lar que ambicionávamos.
Piedade não é para nós.

Agora, vida, só queremos que nos dês esperança
para aguardar o dia luminoso que se avizinha
quando mãos molhadas de ternura vierem
erguer nossos corpos doridos submersos no pântano,
quando nossas cabeças se puderem levantar novamente
com dignidade
e formos novamente mulheres!

POEMA DE JOÃO

João era jovem como nós.

João tinha os olhos despertos,
os ouvidos bem abertos,
as mãos estendidas para a frente,
a cabeça projectada para amanhã,
a boca a gritar «não» eternamente...
João era jovem como nós.

João amava a Arte, a leitura,
amava a Poesia e Jorge Amado.
Amava os livros que tinham alma e carne,
que respiravam vida, luta, suor, esperança...
João sonhara com Zambezes de livros derramando cultura
para a humanidade, para os jovens nossos irmãos,
João lutou para que todos tivessem livros...
João amava a leitura,
João era jovem como nós.



João era pai, era mãe, e irmão das multidões.
João era sangue e suor das multidões
e sofria e era feliz com as multidões.
Sorria o mesmo sorriso cansado das raparigas saindo das lojas,
sofria com a passividade das mamas do mudende⁸,
gemia com os negros amarrados ao cais,
sentia o sol picando como piteiras aos meiodias dos pachças,
arengava com os chinas nas bancas do bazar,
vendia com os monhés o verde desbotado das hortaliças,
chorava com Marian Anderson spirituals vindos de Harlem
bamboleava-se com as marimbas dos muchopes aos domingos,
gritava com os revoltados seu grito de sangue,
era feliz sob a carícia da lua branca como mandioca
cantava com os xibalos suas canções saudosas de tudo,
e esperava com a mesma ansiedade de todos
pelas madrugadas deslumbrantes que têm uma boca
e cantam!
João era sangue e suor das multidões,
João era jovem como nós.

João e Moçambique confundiam-se.
João não seria João sem Moçambique,
João era como que um coqueiro, uma palmeira,
um pedaço de rocha, um lago Niassa, uma montanha,
um Incomati, uma mata, uma maçaleira,
uma praia, um Maputo ou um Índico...
João era parte integrante e profunda de Moçambique.
João e Moçambique confundiam-se
João era jovem como nós.

⁸ As mulheres (mães) também foram obrigadas a pagar o imposto de capitação (mudende) a partir de 1938. As viúvas e mulheres solteiras pagavam-no a partir do produto do seu trabalho (informação de R. Honwana, *Memórias*, 1989, p. 138).



João queria viver, queria conquistar a vida,
e por isso odiava as jaulas, as gaiolas, as grades,
e odiava os homens que as fizeram.
Porque João era livre,
João era uma águia e nascera para voar.
Ah, João odiava as jaulas, e os homens que as fizeram,
e João era jovem como nós.

E porque João era jovem como nós,
e tinha os olhos bem despertos,
e amava a Arte, a Poesia e Jorge Amado,
e era sangue e suor das multidões,
e se confundia com Moçambique,
e era uma águia que nascera para voar
e odiava as jaulas e os homens que as fizeram,
e porque João era jovem e ardente como nós,
ah, por isso tudo, perdemos João.
Perdemos João!

Ah, por isso perdemos João,
por isso gritamos noite e dia por João,
por João que nos roubaram.

E perguntamos:
Mas por que nos levaram João,
João que era jovem e ardente como nós,
João sedento de vida,
João que era irmão de todos nós?
Por que nos roubaram João
que falava de esperança e madrugadas,
João que tinha olhar de abraço de irmão,
João de palavra forte e dura como uma lança,
João que tinha sempre alojamento para qualquer de nós,
João que era nossa mãe e nosso pai,



João que seria Cristo por nós,
João que nós amávamos e amamos,
João que é tão nosso?
Oh por que nos roubaram João?

E ninguém responde,
friamente ninguém responde.

Mas nós sabemos, do fundo de tudo,
por que nos levaram João...
João tão nosso irmão!

Mas que importa? Que importa?
Julgam que o roubaram, mas João está connosco,
está nos outros que virão,
está noutros que já estão vindo.
Porque João não é só.
João é multidão
João é sangue e suor de multidões.
E João, sendo João, também é Joaquim, José,
Abdula, Fang, Mussumbuluco, é Mascarenhas,
Omar, Yutang, Fabião...
João é multidão, sangue e suor de multidões...

E quem poderá levar José, Joaquim, Abdula,
Fang, Mussumbuluco, Mascarenhas, Omar, Fabião?
Quem?
Quem poderá levar-nos todos e fechar-nos todos numa jaula?

Ah, roubaram-nos João,
Mas João somos nós todos,
por isso João não nos abandonou...
E João não «era», João «é» e «será»,



Porque João somos nós, nós somos multidão,
e multidão,
– quem pode levar multidão e fechá-la numa jaula?

IRMÃOZINHO NEGRO TEM UM PAPAGAIO DE PAPEL

O papagaio é de papel,
Tem a cor viva do caju maduro
e é brilhante como o Sol do poente.
O papagaio é de papel
e voa, voa para o céu,
arrastado pelo vento...
E a longa cauda enfeitada
dança um bailado oriental, lento
como o serpentear da cobra mamba...

Irmãozinho negro de cabeça redonda
de umbigo saliente
e olhar curioso...
Irmãozinho negro de olhar curioso tem
o papagaio bem preso e seguro
pelo fio,
na mãozinha quente.

Irmãozinho negro é pobrezinho, não tem nada seu...
Só o papagaio de papel
que voa, voa para o céu,
como um Sol ou uma estrela...

Ai, irmãozinho negro é pobrezinho, mas também
sonha, também, coitadinho!
Sonha que há-de ir além,



ao céu, no papagaio que é como uma estrela...
E que há-de brincar com tanta coisa linda
que ele adivinha lá longe e nunca viu...

Ai, irmãozinho negro é pobrezinho,
não tem nada seu...
Só um papagaio de papel,
tão belo e brilhante como uma estrela cadente.

Um papagaio de papel
que voa, voa, voa...
e não leva consigo irmãozinho negro.



REINALDO FERREIRA

POEMA

Quero que as esporas saibam carícias.
Voa, cavalo, galopa mais,
para aquele ponto fora do mundo
p'ra onde tendem as catedrais.

Quero isto tudo – mas, meus senhores:
como é possível fazer viagens
sem um cavalo de várias cores?

Quero um cavalo de várias cores,
quero-o depressa, que vou partir.
Esperam-me prados com tantas flores
que só cavalos de muitas cores
podem servir.

Quero uma sela feita do rasto
dalguma nuvem que ande no céu.
Quero-a evasiva, nimbos e cerros,
sobre os valados, sobre os aterros,
que o mundo é meu.

POEMA

Passemos, tu e eu, devagarinho,
Sem ruído, sem quase movimento
Tão mansos que a poeira do caminho
A pisemos sem dor e sem tormento.



Que os nossos corações, em torvelinho
De folhas arrastadas pelo vento,
Saibam beber o precioso vinho,
A rara embriaguez deste momento.

E, se a tarde vier, deixá-la vir...
E, se a noite quiser, pode cobrir
Triunfalmente o céu de nuvens calmas...

De costas para o sol, então veremos
Fundir-se as duas sombras que tivemos
Numa só sombra, como as nossas almas.

MAGAIÇA

Magaiça, ao partir, não se prende
mas sofrendo no Rand é que aprende
que a mina é inferno, desterro e má sina,
que a terra é o céu de quem vive na mina!

Vem ver o sol, vem ver,
que é morte viver
debaixo do chão!

Diz, Magaiça, diz,
diz adeus à raiz,
diz adeus ao carvão...
O oiro que a mina te dá
não paga a saudade que há
no teu coração!

É lá fora que correm gazelas,
é lá fora que há nuvens e estrelas,
que o milho espigado, na seara a crescer,
parece que pede que o venham colher!



DUARTE GALVÃO⁹

TOCADOR DE PIANA^{*}

CANÇÃO DE NAMUNO A CHILOA^{*}

FONSECA AMARAL

EVOCAÇÃO^{**}

OUTRO POEMA PARA MISS SHEILA^{**}

RUI NOGAR

XICUEMBO^{***}

ELEGIA A MAMANA ISABEL^{***}

POESIA DO GUERREIRO INVOLUNTÁRIO^{***}

⁹ Pseudónimo de Virgílio de Lemos

^{*} Ver página 171

^{**} Ver páginas 188/189

^{***} Ver páginas 263-266



FERNANDO COUTO

As MÃOS ANSIOSAS

Negam-se os frutos à carícia das mãos
obriga-se as mãos à recusa dos frutos
e mãos e frutos lamentam o desencontro
ou gritam no seio das longas ruas apertadas
um protesto carregado de folhas ainda verdejantes.
A velha casa fresca da recente construção
em estacas de pinheiro escorrendo resinas
fica submersa a cada lua-cheia
abandonada de dores e vazia de promessas
e no telhado de colmo sentados frente a frente
um homem e uma cotovia olham-se e esperam
a hora do parto do primeiro nenúfar
a hora matutina do primeiro cântico.
As garças tranquilas irreais volumes de carrascos
escondem a morte com solicitude
enfeitam a morte com a insuspeitada plumagem
e aguardam que um peixe endoidecido
rompa em gargalhadas à tona do ribeiro
a garça e o peixe irão enlaçados
irão rápidos e leves como folhas no vento
enterrar-se no peito rasgado da grande vala
ou irão de mãos dadas e passos pesados
riscar das tábuas da lei a crueldade necessária
e emendar o erro fundamental da lei de sobrevivência.
Os olhos não se perdem num mar de nevoeiro
o nevoeiro não cerra e queima os olhos em desespero
se os olhos partirem em cada navio a sair
à descoberta de um sol nascente e desigual
palpando as vozes que chamam em cada rua
reunindo as mãos que boiam pejudas de sonhos.
Nas águas apressadas de um rio sem nome



flutua serena e grave a cabeça de um profeta
de lábios sussurrando ainda uma promessa
ou será apenas a lua da inutilidade perdida
ou as mãos sem crimes de um menino assassinado
ou será apenas a fanada flor do egoísmo
ou os restos de um navio desfeito ansiosos de mar largo?
No meio do deserto rasga-se o trilho das caravanas
o trilho infalível dos oásis a esteira da vida segura
por que não-de impedir-me de sair para o deserto
se eu tenho fome e sede de miragens
e a vida segura se fecha no mesmo inevitável ponto negro
e as minhas ossadas ficarão como aviso aos que se perderem depois?
Por que não-de os meus braços cair vazios de cansaço
e as mãos mirrar-se de ansiedade contida?

APELO EM FAVOR DAS GIESTAS

Inúteis são as giestas
de cabelos desgrenhados
pesados de vento e chuva...

Em longes montes maninhos...
ou na berma das estradas
suportam o vento e chuva
e abrem em colorido
em tímido amarelo
marcado da nostalgia
dos homens postos na berma...

Inúteis são as giestas
mas deixemos amigos
que ladeiem as estradas
de cabelos desgrenhados
e um tímido amarelo
marcado de nostalgia!



MARCELINO DOS SANTOS¹⁰

OFERENDA*

SONHO DE MÃE NEGRA*

XANGANA, FILHO POBRE*

CORDEIRO DE BRITO

O ESPELHO

Quem é aquele? Quem é aquele?
Do outro lado do espelho?
Não me é estranha esta figura,
Mas não sou eu com certeza!
Quem vive tanta beleza
Não tem esta catadura,
Este frontal velho-relho
Todo vincado com rugas!
Olho de frente para ele,
Para o corpo corcovado,
Gorducho, torpe, cansado,
E só os olhos são meus:
Uns olhos cheios de fugas
Mas trocistas e judeus.
Mas não sou eu, com certeza,
Com toda a minha pureza,
Aquele safado velho
Do outro lado do espelho.

¹⁰ Na Antologia de 1962 utiliza o pseudónimo de Kalungano

*Ver páginas 217-223



Talvez seja aquele o tal
De quem todos dizem mal,
Que não quer ficar pra trás
Nem deixa ninguém em paz;
O rabugento, o comparsa
Que diz à partes na farsa
Sem livreto nem ensaio...
O das bruscas atitudes
Que lembra com frases rudes
As baldas de toda a gente;
O desvairado imprudente
Sem amor e sem virtudes;
Talvez seja aquele o gordo
De fato desalinhado,
O do sapato cambaio!
Vê-se ao longe de soslaio
E fica-se distraído.
Sorrir-lhe: não faz sentido!
Falar-lhe: não vale a pena!
Está sempre em desacordo
E o seu falar envenena.
Talvez seja este o velho
Do outro lado do espelho.

Pode ser!... É com certeza
Aquele que ninguém ama
E alguns toleram, aturam,
Para manterem a fama
De cavalheiros bondosos,
E às vezes até lhe auguram
Triunfos, anos ditosos,
E sabem sempre pior
Aquilo que lhe convém.
Aquele que toda a gente



Com gestos brandos, piedosos,
Aconselha para bem.
Ele conhece, porém,
E até já sabe de cor,
O valor desse conselho
Do outro lado do espelho.

Será ele? Será ele?
O que não guarda segredo?
Tudo lhe são ninharias
E os outros têm medo,
Para evitar arrelias,
Daquele literatelho,
Com voz de termocautério,
Que não leva nada a sério
E tem o subterfúgio
De encontrar sempre refúgio
Do outro lado do espelho.

E agora! Que loucura!
Passou na sua figura
Um arrepio de esforço.
Inteiriçou-se de espanto
Diante do meu desdém
Quase feito de censura.
Teve um gesto de desforço
Carregado de agonia.
Passou-lhe na boca fria.
Naquela boca caída,
Toda a tristeza engolida,
Ruminada, digerida,
Pelos caminhos da vida.
Os olhos gastos, cansados,
Fitaram-me demorados



Quase molhados de pranto
E tombou sobre um joelho.
Parecia não estar ninguém
Do outro lado do espelho.

Chamaram por mim lá fora.
Tenho muito que fazer,
Isto é, quero esquecer.
Por isso parti cansado,
Gorducho, torpe, alquebrado,
E assim me vou embora
Levando às costas o velho
Do outro lado do espelho.



CARLOS MARIA

PAISAGEM*
BALADA TRISTE*

QUANDO O HOMEM CHEGOU

Longe, longe,
o coqueiro não dá sombra
nem fruto
e a brisa salina não vem...

Longe, tão longe,
a terra é negra e boa
negra e boa é a terra
e o homem cantando se dobrou sobre ela.

Longe, tão longe,
o homem se dobrou sobre a terra
e contente a beijou
e carinhosamente fecundou
o seu amor sincero e audacioso.

Longe, longe,
o coqueiro não dá sombra
nem fruto
e a brisa salina não vem...

*Ver páginas 162-165



PARTIDA

Solidão,
não voltes!

Não voltes
trazendo o teu cortejo
de lamentações esquecidas.

Não voltes
que a manhã nasceu
e os homens vão partir

Solidão,
não voltes,
eu vou com eles!



CAETANO CAMPO

NYAKA

É noite intensa
A selva esconde místicos silêncios
onde o mistério se condensa.
Apenas,
em ondas fortes mas serenas,
se escuta ao longe em tom plangente,
uns sons profundos
como se fora prece
de antigos mundos.

... e a terra quente
com hálitos de amor aquece
o ritmo ardente
que nos parece
o coração de muita gente.
Na noite escura é mais escura ainda
a selva imensa que não finda...

Hieráticos,
erguem-se ramos, vultos
fanáticos
tumultos
tomados hirtos pela noite negra.

E vê-se ao longe, avermelhado,
um fogo erguido aos céus:
alma da terra orando
rito sagrado
talvez chorando
o exílio de algum deus.



Por isso,
a estrada – sacrilégio e obra
do branco e seu feitiço,
aberta e nua,
envolta em medos,
parece cobra
fugindo com a luz da lua
dos estranhos segredos...





IRENE GIL

CANÇÃO DO TEMPO PERDIDO

No segredo da memória
Sobre os longes e a distância
Alongo um olhar assombrado...

Desenterro cinzas
Do tempo passado.

Procuro a menina morta
Do sorriso ingénuo, da trança pesada,
Das mãos que guardavam
Uma estrela apertada.

Que é dos olhos claros,
Do riso escarlate,
Da voz que ondeava, límpida, no ar?
Da sedosa e loira cabeleira ao vento,
Da estrela caída no fundo do mar?

Nos recessos de memória
Abro um olhar desmedido,
Procurando sonhos
No tempo perdido.

A voz já não canta,
Lenta e sufocada
Morre na garganta.
E os olhos reflectem
Sobre a face inquieta
A sombra calcada
Da estrada deserta.



FORAM VER DEANNA DURBIN

Foram ver Deanna Durbin
E eu fiquei sozinha em casa
(Oh, que bom, ficar sozinha...)

Enquanto a noite caía
Veio de novo até mim, como o roçar duma asa
O brando sopro da Poesia.

No segredo das horas silenciosas
Ei-la que veio, a Doce Irmã Alada!
Veio ainda uma vez coroar de rosas
Minha frente cansada...

Coalhou lá fora o Silêncio...
(Pudesse eu, noite, cantar-te!)
De mãos dadas com o luar
Passam estrelas, bailando...
– Para quê, tanto bailar?

Para quê, se eu não posso tomar parte
No minuete lento e compassado
Das estrelas, dançando sobre o mar...



CANÇÃO GRATA

Oh, minha terra morena
Vestida de claridade,
Sinto-me fraca e pequena
Ante a tua imensidade...

Sobre um rochedo, em frente ao mar profundo
Cisma o filho dum rei.
Traz nos olhos visões dum novo mundo,
Encarna o sonho ardente duma grei.

Erguido ao alto o coração
Vieram, de longada, os navegantes,
E o mundo, desde então,
Ficou maior do que dantes.

Brilhou no céu mais uma estrela,
Surgiu no céu novo cruzeiro,
E em cada branca vela
De cada nau,
Vinha adejando, em noites de procela,
Toda a ambição dum povo aventureiro.

E a terra, docilmente,
Desvendou para nós os seus segredos...
Terras distantes, densos arvoredos,
E um novo continente.

Oh, minha terra morena,
Vestida de claridade,
Sinto-me fraca e pequena
Ante a tua imensidade!...

África moça, a tua seiva ardente
Sinto-a correr nas minhas veias...
Bebi a luz que fulge nas areias
Das tuas praias, sob o sol candente.



Senti gemer nas florestas
Furiosos vendavais,
Como ecoam e gemem pelas festas,
Os órgãos nas catedrais.

Vi desmaiar poentes de oiro e rosas
Em tardes quietas e serenas,
E ouvi ao longe em noites silenciosas,
O nostálgico grito das hienas.

Aqui li contos de fadas...
E o Rouxinol de Bernardim
Foi numa destas noites perfumadas
Que ele cantou, para mim...

Aqui pisei, serena, novos trilhos...
E por fim – supremo bem! –
Aqui ouvi da boca dos meus filhos
A doce palavra – «Mãe»...

Oh, minha terra morena,
Vestida de claridade,
Sinto-me fraca e pequena
Ante a tua imensidade!

DIOGO DE TÁVORA

BALADA DA MENINICE*

APONTAMENTO*

FADO*

*Ver páginas 166-170



ANUNCIAÇÃO PRUDENTE

MALMEQUERES

Desfolhei um doirado malmequer,
Ao qual pedi de todo o coração
Que me dissesse ao certo: – Sim ou Não;
Se a quem adoro, mal ou bem me quer!...

Desfolhei o segundo p'ra saber
Se eram os dois da mesma opinião,
Que sendo igual a minha petição,
Me fosse verdadeiro o seu par'cer.

A derradeira pétala caída,
Deixou-me fundamente entristecida
Por confirmar a minha Dor sem fim!...

Agora dize, Amor: – Qual tem razão?
É o segundo que me disse – Não,
Ou o primeiro que me disse – Sim?!...

SÉRGIO VIEIRA

ANGELUS DUM MENINO NEGRO*
POEMA*

*Ver páginas 272-281



ALFREDO DE BARROS

CANÇÃO DA RUA SEM NOME

Não me importo de esperar
Até a noite descer.
Toda a glória de amar
Está no permanecer.

Não me canso de esperar
Até a aurora surgir.
Todo o encanto de amar
É viver sem possuir.

Cobre-me o céu, piso a terra,
Avanço, paro, estremeço
E quedo-me a meditar

É longa a minha esperança
Como uns olhos de criança
Contemplando à noite o mar

ESTÁTUA

Quando a última voz emudecer
E o derradeiro olhar se apagar para sempre,
Quando de todas as paixões e desesperos da Vida
Restar apenas a tranquilidade dos lagos,
E dos sonhos de amor só existirem os murmúrios do vento,
– Quando a Terra dos homens for uma mortalha maldita
E a luz do sol apenas o nostálgico lamento,
Tu ficarás ainda, eu sei – alma gémea da minha –,
Grave e altiva, em tua sábia indiferença,
Olhando eternamente para além do Nada.



EM TI

Em ti vejo florir a Primavera
todos os anos com o fulgor mais vivo,
no jardim do teu corpo de quimera,
virgem, perfeito, que me tem cativo,

em ti vejo as princesas de outra era,
na languidez do teu andar altivo,
na graciosidade calma e austera
que tens no gesto imaculado e divo.

Em ti vejo, no lodo desta vida,
raio de luz na treva indefinida,
lírio a desabrochar entre os abrolhos.

Em ti vejo brilhar o céu profundo,
tão grande que rodeia todo o mundo,
tão pequeno que cabe nos teus olhos.

NA HORA DE FECHAR

A noite está cheia de escombros
E mortas geometrias...
E eu sinto sobre os meus ombros
A renúncia dos assombros
E a quimera dos dias.

Olho por entre o silêncio:
A cidade é toda um livro
Escrito por nós os dois
Que eu folheio a horas mortas
Com dedos de pensamento.



Sair daqui, ir-me embora,
Mas para onde? Não sei.
A noite é minha presença
Meu caminho e minha hora
Minha pátria e minha lei.

Quando a cidade acordar
E eu voltar tímido e triste
Como a esconder-me da vida...
Escuta: não digas nada.
Que a noite, que tudo sabe,
A noite – em que tudo cabe
Também foge à madrugada...

ILÍDIO ROCHA

CÂNTICO DE UM NOVO MUNDO*
POEMA*

*Ver páginas 206-209



TARQUÍNIO HALL

TEMPESTADE

Tarde quente, céu de chumbo,
humidade a cem por cento
a pesar sobre a cabeça
a suar o corpo todo
a gerar neurastenia.
Tarde à moda tropical.
Ainda há pouco a madrugada
tinha sol e céu azul.
Os moleques nos quintais
davam gritos de alegria;
e das acácias floridas
vinham ondas de harmonia
da orquestra dos pardais.
E em louca gritaria
ocultas, na ramaria,
mil cigarras a cantar.
Quando a cigarra canta
o calor é de rachar...
Mas o vento que era norte
perde o norte e vira ao sul.
Foi-se o calor sufocante
que o vento norte trazia.
Há silêncio nos quintais
que o vento que vem do pólo
sopra forte e arrepia...
Vogam nuvens pelo céu
– farrapos de sujos trapos
que o vento rasga e revolve
e envolve em mais farrapos.
Um clarão inesperado



torna fulvo aquele negrume.
Atrás dele outro clarão.
E no céu incandescente
é noite de S. João.
Andam coriscos no ar
tudo em redor estremece.
E mal o trovão ribomba
as nuvens parecem crivos
abertos na profundura
dum oceano suspenso.
Nas ruas negras, desertas,
passam rios a cantar.
A chuva alaga os quintais;
e no ar que se respira
há enxofre e maresia.
foi-se o bando de pardais
e com ele a gritaria
de mil notas desiguais.

JORGE VILLA

ENTRE O MACÚTI E SOFALA*

*Ver página 215



POETAS DE MOÇAMBIQUE

Prefácio de
ALFREDO MARGARIDO



Antologia da
CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
LISBOA
1962





INTRODUÇÃO

Mais uma vez a Casa dos Estudantes do Império, no cumprimento da sua missão cultural, oferece ao público a presente Antologia de Poetas Moçambicanos.

Edição modesta – que as possibilidades financeiras da nossa Associação não permitem largos voos – representa, contudo, a colaboração espontânea dos estudantes na valorização das realidades culturais do Ultramar.

Não julgamos, pretensiosamente, que apresentamos obra completa ou sem erros. Levantamos, sim, um problema ultramarino, neste caso o literário, que sirva de base a um debate consequente, indispensável à marcha da florescente poesia moçambicana.

O Departamento Cultural da CEI
1962



PREFÁCIO

Não há duas maneiras de encarar a poesia moçambicana, pois que, forçados como estamos a não poder considerar, senão de passagem e pelas ligações que se efectuem nesta poesia, as formas poéticas tradicionais, devemos considerar apenas a poesia e os poetas que exprimindo as exigências próprias dos homens procuram demonstrar (e realizar) a sua condição.

É evidente que as formas poéticas tradicionais começam a deslocar-se do âmbito do drama ritual, pois se a memória colectiva perpetua ainda os significados (e os movimentos) da história, a verdade é que sofre já o influxo das formas de colonização que vieram alterar a estrutura dos quadros sociais. Por isso assistimos ao aparecimento de formas poéticas que, assentando embora nas formas rítmicas tradicionais, se servem de um esquema linguístico diverso, na medida em que se baseiam já em relações socioeconómicas que profundamente divergem das economias tradicionais.

Quais os poemas que consideramos nesta antologia? Pois aqueles que exprimem a soma de exigências próprias dos homens, aqueles que reivindicam a sua qualidade humana. Neste caso a poesia é a expressão directa da necessidade, recusando-se a ser apenas a mera projecção de formas idealistas. O choque entre as formas poéticas existentes em Moçambique ganha assim o seu contorno peculiar, pois aquelas que se acantonam nas zonas idealistas do conhecimento, quer dizer, aquelas que consideram, quando muito, uma metafísica da acção, opõem-se àquelas que mergulham as suas raízes na consciência prática da *praxis*.

Ora o que se procura é uma poesia que assente não só na realidade própria do poeta, mas que considere a exigência crítica que procura estruturar-se na *praxis* humana. A meditação dos elementos práticos e



das circunstâncias anteriores que o determinam só pode conduzir ao devir, pois todo o poema articula a situação presente em relação com a sua negação radical e previsível no futuro. Para descer até ao fundo do problema o homem não pode ser reduzido à condição de «coisa», já que todas as tentativas de conseguir esta redução entram em contradição, *em choque*, com a sua realidade humana. A negação desta redução só pode ser vivida – e possibilitada – pela aceitação do ponto de vista inerente à *praxis* do homem alienado, pois, de outro modo, só as soluções idealistas podem aparecer e impor-se; o observador que se não despoja da sua *praxis* específica para assumir a de outrem não pode apreender nem o sentido nem a função da negação radical, pelo que o seu compromisso é fortuito, despojado de autenticidade. Enquanto a poesia angolana «branca» assume como sua a *praxis* do homem de cor (António Jacinto, António Cardoso, Luandino Vieira), só um poeta branco moçambicano os acompanha nessa via (Fernando Ganhão). O comportamento observado pelos mais poetas moçambicanos deste grupo tem-se limitado à procura de uma passagem onde seja possível um encontro, digamos, um ajustamento dos problemas inerentes das duas formas de *praxis* (caso de Fernando Couto, de Manuel Filipe de Moura Coutinho, de Artur Costa).

Porém, o problema mais grave é-nos apontado por uma poesia lírica, de raiz essencialista, que voluntariamente se divorcia dos problemas imediatos (Reinaldo Ferreira, Glória de Sant'Anna)¹¹.

¹¹ O caso de Vítor Matos e Sá é o mais flagrante, pois, enquanto a poesia que escreve em Moçambique apela para uma fraternidade idealista, que deseja repelir o emblema da cor para ficar apenas perante o homem, embora despreze, ou não considere, pelo menos, os condicionalismos materiais, a sua poesia da metrópole descobre o mundo rarefeito de Rilke e de Hoelderlin. A sua pesquisa de uma voz «branca» transforma-se naquilo a que Heidegger chama o poeta-da-poesia, quer dizer, por consequência, o poeta afastado das considerações temporais da *praxis* do homem. A viciação dos dados fornecidos pelo presente, a própria fractura do devir, mostram que a poesia deste ainda jovem poeta moçambicano consubstancia apenas uma forma típica de incoerência da poesia dos moçambicanos escrita na metrópole, que não assenta na exigência humana irreduzível, mas antes num formulário a-humanista, que não considera os meios de passar à acção prática e inelutável.



Neste caso, tal poesia reveste-se de um carácter acentuadamente não-humano, na medida em que o campo de possibilidades e de necessidades puras se restringe a uma forma eminentemente quietista, na qual todos os actos conduzem à impossibilidade manifesta de controlar, seja como for, e em nome do que for, o próprio mecanismo social; assim sendo, a vida do homem efectiva-se de acordo com uma fórmula mecânica e esse mesmo homem (ou o poeta) não pode ter acerca dele a menor palavra a dizer, deixando-se anular e submeter por fórmulas apriorísticas que lhe não permitem descobrir-se (e realizar-se) como indivíduo capaz de concretizar os seus fins próprios. O combate torna-se inviável (ou nem sequer é desejado), pois se torna impossível a crítica do processo interno e só a negação do processo (que exige, obviamente, o conhecimento completo dos condicionalismos sociais pode tornar possível a mudança radical a que os poetas intervenientes aspiram. Não nos pode admirar, portanto, que tal poesia seja expressão de um grupo de poetas brancos (e, em alguns casos, não moçambicanos); a sua visão do homem moçambicano é panorâmica, isto é, engloba-o num enquadramento paisagístico que vai do embondeiro à casa maticada, e desta à figura falsamente humana.

Importará dizer ainda que, dentro desta sociedade global moçambicana, as situações são heterogéneas, pois que, se de facto são dominadas pelo elemento cor, é também evidente que existem vários grupos com os seus problemas específicos e cuja íntima conexão nos obriga a considerar as múltiplas formas de alienação propostas e vividas por esta sociedade. A evidência mesma da relação existente entre estas formas aleatórias e o elemento cor mostra-nos, no entanto, a necessidade histórica de examinar todos os dados do problema, sob pena de cairmos num plano idealista.

Temos, portanto, de enunciar alguns problemas ligados às estruturas socioeconómicas moçambicanas, pois esta poesia só pode ter como objectivo, em primeiro lugar, uma função didáctica e, para alcançar este desiderato, terá de estruturar e radicalizar



as necessidades das massas para revelar, com base em tais elementos, os objectivos propriamente históricos para que deve tender a movimentação social.

A consulta, ainda que breve, da maneira como se distribui a população letrada moçambicana, mostra-nos estar ela concentrada nas zonas costeiras: Lourenço Marques, Beira, Quelimane, Porto Amélia e Moçambique; as povoações do interior a considerar serão: Macequece, Vila João Pery (colocadas na zona de influência do caminho de ferro da Beira), Tete e Nampula. A situação da população nativa, no campo da instrução, é elucidativa. Veja-se que, no censo de 1950, apenas 56 270 indivíduos sabiam ler e escrever português, enquanto 164 580 apenas falavam o português e 1493 somente sabiam ler. A área de penetração da poesia escrita fica, naturalmente, circunscrita, pois está «condenada a atingir apenas as minorias africanas», está condenada a ceder lugar a uma outra, ritmada na «linguagem nova do futuro».

No que se refere aos problemas atinentes à maneira como se distribui a população activa pelos três grandes sectores de actividade económica, o panorama também é elucidativo. Registemos, em primeiro lugar, que existem profundas divergências entre a maneira como se efectua a distribuição da população civilizada e da população nativa nestes sectores. Com efeito, em relação à primeira, 69,6% da população activa trabalham no sector terciário (comércio, transportes, serviços), 18,7% trabalham nas indústrias transformadoras e somente 11,7% o fazem nas indústrias extractivas (agricultura, pecuária e actividades afins). Ora a distribuição da população nativa revela-nos a existência de uma repartição que é exactamente o inverso desta: 77,1 % exercem a sua actividade profissional nas indústrias extractivas, enquanto 7,8% trabalham nos serviços e 5,5% na indústria. Acrescentemos os 9,6% que trabalham no estrangeiro e teremos completada uma pirâmide social de singular significado.

Não podemos deixar de a completar com os dados que se referem aos vencimentos e salários auferidos por estes dois blocos populacionais, pois logo veremos que não existem entre eles



coincidências (ou, pelo menos, um número de coincidências significativas), mas que são confirmadas as divergências assinaladas pelo quadro das actividades profissionais.

Devemos entender, então, que a crítica em nome da necessidade se torna possível (e exigível), na medida em que esta não é devida apenas a uma penúria irremediável e natural de riquezas, mas aparece antes como o resultado da produção de um volume de bens em permanente crescimento, na medida em que tal volume de bens agrava ainda mais a pobreza do grupo produtor. Deste modo, devemos encarar os dois planos da penúria que podemos encontrar em grande parte do continente negro: de um lado, as formas tradicionais de exploração da terra, o reduzido número de produtos cultivados, a ausência de técnicas para melhoria destes, a inexistência de técnicas aperfeiçoadas de conservação (que tornem possível vencer as crises de fome provocadas pela natureza, devidas aos flagelos naturais – secas, cheias, pragas), que caracterizam uma economia de subsistência; por outro, encontramos-nos perante as necessidades que resultam das economias de salariedade, em que o homem não produz já para si ou para o seu grupo, mas se integra num aparelho económico de produção, onde o latifúndio, a monocultura e a empresa industrial são os elementos dominantes das formas capitalistas introduzidas no continente africano.

Aqui intervém, sem possibilidades de entorses, o poeta interessado pelos movimentos sociais (e pelos seus significados), não só por lhe interessarem mas sim por se tratar de elementos estandardizados, quer dizer, que possuem uma significação comum no campo prático. Assim, quando o poeta se interroga para saber se será bom ter nascido mulato («Ah, mulato, nascer é bom?/É bom nascer, mulato?»), a pergunta é não só significativa para ele, poeta, mas também para o conjunto formado pelo grupo misto e, ainda, fornece um dado contrapontístico aos demais elementos da sociedade global. E isto porque, na realidade, os indivíduos que parecem estar separados naquela sociedade são colocados perante os mesmos



sistemas de produção, que provocam resultados idênticos formando um conjunto bem preciso em que os resultados sofridos pelo indivíduo (o poeta, neste caso), podem ser alargados a todos os mais.

Isto porque o mundo social, sendo em parte pré-determinado, obedece a um conjunto de regras, forçando-nos a um comportamento objectivado, cujos valores significativos são praticamente uniformes para todos. O poema de José Craveirinha compromete não só o misto moçambicano que ele é, mas sim todos os mistos moçambicanos; iremos mais longe: mesmo no caso do comportamento social dos mistos não ser, em todo o território moçambicano, regulado pelo mesmo padrão laurentino, podemos, no entanto, tomá-lo como um absoluto, na medida em que a tensão das relações sociais existentes neste grupo é a mais extrema. A maneira como Craveirinha articula a sua maneira de «dizer», ou seja, o modo como estrutura a sua «linguagem», coloca-nos imediatamente perante uma série de valores muito importantes. Com efeito, a «linguagem» não é apenas constituída pelas palavras, mas também pelas mais linguagens que funcionam por si próprias e se reflectem na poesia.

Com efeito, podemos verificar aqui que os elementos estéticos ou meramente estilísticos se conjugam apertadamente com as condições socioeconómicas da sociedade global moçambicana. Convém esclarecer que não nos vamos ater a uma teoria cientista dos processos socioeconómicos, pois que tais processos apenas nos interessam na medida em que tornam mais evidente a contradição existente entre os fins dos indivíduos e os resultados por eles conseguidos. O que vale dizer que nos importa, acima de tudo, descobrir (e fundamentar) o carácter ilusório desses fins, pois o indivíduo é forçado, pela pressão das possibilidades reais, a modificar o caminho que o conduziria àqueles e, por fim, acaba por modificá-los também. Este conjunto de problemas obriga-nos, também, a definir os modelos dessas forças castrativas, que muito pesam.



Assim sendo, verificamos que a linguagem de José Craveirinha se, em parte, se identifica com a língua portuguesa (Craveirinha soube apoiar-se com lucidez no neo-realismo português), ganha em muitos poemas um carácter acentuadamente moçambicano. Quer dizer que a sua fonética, a sua sintaxe, a sua semântica se tornam elementos especificamente moçambicanos. O ritmo adoptado cria uma forma muito peculiar de afirmação poética e o poema, deliberadamente, estrutura-se recorrendo a síncopes que, nas formas poéticas portuguesas, seriam inaceitáveis. É o que expressamente sucede no poema «Velha Cantiga», onde a ausência de pontuação serve para reforçar, com inegável êxito, a função rítmica da linguagem, muito sincopada: «Canto/Pássaro amarelo de mato verde/Que mãe ensinou nome /E avô descobriu segredo de cantiga/Na boca grossa que vinho de caju queimou». Digamos mais, a esta linguagem formada pelas palavras vêm acrescentar-se outras formas de linguagem, com que o mundo inteiro regorgita. Assim, a poesia furta-se a qualquer forma de idealismo e vincula-se estreitamente a um mundo de objectos, criados pelo homem, mas nem sempre utilizados em benefício do homem.

A poesia de Rui Nogar segue na esteira do caminho percorrido por Craveirinha, pois ambos se revelam profundos conhecedores da problemática humana das zonas suburbanas e dos condicionalismos das relações sociais resultantes (e produtos) de um conjunto de dados económicos. E assim que o conhecido poema de Rui Nogar, onde nos é contada a morte do velhíssimo velho colono, nos mostra que a forma poética se integra no mundo da *praxis*, que reconhece o condicionamento material que lhe limita as possibilidades, pelo que se afasta de qualquer hipotético mundo idealista. De facto, esta integração exige uma posição realmente *crítica* (o que implica, também, a necessidade da *autocrítica*), pois o indivíduo (neste caso particular, o poeta), deve conhecer as situações de facto, não só as do seu grupo, como também as situações e os fins dos adversários; quer dizer, portanto, que não lhe seria possível estruturar o poema se não estivesse bem a par de todas as possibilidades e impossibilidades práticas.



Ora este poema é, na realidade, expressão directa do mundo marginal da cidade, uma zona onde não chegam algumas inquietações complexas de um mundo onde os problemas são de outra natureza. Mas, para mamana Isabel, a morte do velhíssimo velho colono (que «lutou por Portugal») apenas importa na medida em que toda a sua vida estável se desmorona, sem possibilidade de remedeio. É não só solidão, mas também a fome que chega, impossível de recusar. O velhíssimo velho colono não era já um elemento do grupo branco, não participava dele, mas estava antes radicado na zona mista, onde se vai criando uma zona intermédia que possibilita a estruturação de uma burguesia negra (como sucede em Angola) que, no entanto, se não divorcia inteiramente das suas raízes nativas. No entanto, é com o poema «Xicuembo» que Rui Nogar se radica, com aguda compreensão dos problemas estilísticos propostos por formas poéticas caracterizadamente moçambicanas, num plano de compreensão da linguagem idêntico ao de Craveirinha. Este poema vale, sobretudo, pela sua estruturação rítmica, pela justeza da utilização do pequeno-português.

Noémia de Sousa, ao procurar a sua maneira peculiar de ser moçambicana, começa por investigar o mundo particular da infância que foi o seu; não se trata, como sucede em muita poesia angolana, de procurar um refúgio na infância, embora lhe não falte, em parte não despicienda, um certo maravilhamento perante o «mundo mágico» que o tempo destruiu. Decerto esse mundo que se furta às contingências da *praxis* é também moçambicano, e caracteriza-se por uma evocação que é, por assim dizer, uma entrada muito especial na terra moçambicana. Uma espécie de confraternização com os elementos vegetais, uma fundamentação telúrica, como se o poeta precisasse de reconhecer um a um esses elementos da infância para, então, poder dizer: são estes mesmos, na verdade consigo descobrir Moçambique por via destes frutos, destas plantas, destas palavras que são vincadamente moçambicanas.



E todos os movimentos que faço para chegar outra vez até elas ajudam-me a compreender o momento presente, fazem parte integrante dele. Portanto, não se trata de uma evocação que pretenda fechar o poeta no seu próprio ego, mas, muito pelo contrário, deseja mostrar que se as raízes do poeta são autenticamente moçambicanas, as sua razões de ser, de estar, de existir, terão também de ser moçambicanas. Nenhuma mistificação será então possível, pois o poeta procura descobrir o seu esqueleto nas coisas moçambicanas e, ao encontrá-lo, como sabia que havia de encontrá-lo, está definitivamente radicado não já no *wonderland*, mas antes de mais no mundo da *praxis*, pois que os elementos evocados não são pertença particular desse mundo, mas, acima de tudo, são elementos reconhecíveis no imediato. Certo é que o poema, que evoca a roda maravilhosa do «Karingana wa Karingana», acaba por prever «uma nova infância raiando para todos», mas não já para que, na realidade, se regresse a um tempo infantil, mas antes para que seja possível encontrar no mundo da *praxis* uma série de contingências que lhe caracterizaram a infância e podem ser resumidas na palavra «fraternidade» («Eles me provaram que fraternidade não é mera palavra bonita/escrita a negro no dicionário da estante:/ensinaram-me que fraternidade é um sentimento belo, e possível/mesmo quando as epidermes e a paisagem circundante/são tão diferentes»).

Todavia, o poeta não pode contentar-se com esta rememoração do passado, isenta de necessidades, para se reconhecer moçambicana; mas ainda, enquanto naquele mundo da infância era um puro consumidor (de água, de pão, de ar, de palavra, de objectos de todos os tipos), o percurso feito desde então transformou-o num produtor, por consequência num elemento integrado na *praxis* social. Logo, é necessário descobrir, e definir, as circunstâncias históricas e sociais que podem explicar a maneira como está no mundo; por isso, não lhe basta informar-nos que é moçambicana, mas sobretudo lhe importa comunicar-nos a sua condição de mista (de mulher de cor, de negra, digamos, para atingir os limites absolutos da posição), e os factores que influenciam a sua vida presente. Importante pormenor



este, na medida em que só a vida presente pode mostrar a maneira como o poeta está condicionado e qual a natureza deste condicionamento.

Assim, o poeta não recorre já aos elementos abstractos da fraternidade quando explica o que é necessário para a conhecermos, pois aqui recorre a elementos imediatamente identificáveis, começando por se servir de um «objecto», quer dizer, de alguma coisa que não pode ser confundida e que, podendo ser identificada à distância pelo olhar, impossibilita qualquer confusão dos sentidos. É este, exactamente, o objectivo de Noémia de Sousa: apresentar-se como objecto, para que a sua identificação como mulher de cor, como elemento integralmente produzido pela África, não possa ser posta em dúvida. Por isso o «Pedaço de Pau Preto/que um desconhecido irmão maconde/de mãos inspiradas/talhou e trabalhou», é não apenas um «objecto de arte», mas sobretudo um «objecto»; o poeta é levado a considerar que o seu estatuto de mista é consequência não apenas do seu nascimento em África, mas sobretudo por ser filha de uma mãe negra; então Noémia de Sousa transfere esta maternidade para a África total, aceitando um legado muito antigo e que vem através dos tempos, marcando a pele africana com o seu sinal. Assim, o poeta constata ser «África da cabeça aos pés». Assim, o poeta descobre-se não apenas como o «eu», mas sobretudo como o indivíduo cujos caracteres específicos são idênticos aos das mulheres do seu grupo social e cujo estatuto não oferece diferença alguma. Assim pode, na verdade, consubstanciar no seu corpo de mulher a África total, revestindo-se de todos os paramentos rituais que identificam a matriz universal, que fornece a energia necessária para que o continente insista na sua tarefa, na sua acção.

É dentro deste contexto que podemos compreender o poema «Negra», que, sendo embora uma aparente particularização da mulher negra, ou apenas de uma mulher negra, acaba por se revelar como o corpo total do continente negro. Assim, o poema coloca-nos perante as «gentes estranhas» que, «com seus olhos cheios de outros mundos»,



pretenderam captar os encantos da África, mas que, por via dos seus rendilhados cantos formalistas não puderam aceder à substância autêntica da negra. Tal é, no fim de contas, o seu grande desejo: identificar a África, identificar-se com ela. Moçambique deixa de ser, então, o território particular que foi na sua infância (e desaparece definitivamente o estreito território da infância); então se revela o instante em que a consciência se apodera do seu novo rosto, não já como elemento «puramente» natural, mas como produto de um conjunto de actos judicativos.

A África furta-se ao mundo da afectividade para se integrar no mundo cognitivo. A universalidade deixa de ser um sonho distante da sua realização, e a África existe em toda a sua extensão, com o seu conjunto de povos, melhor ainda, com o seu povo magnífico. Por isso mesmo, este poema encontra o seu correspondente directo em «Sangue Negro», onde vemos a força da mãe África agir livremente, cónscia das suas infinitas possibilidades: «Que a força da tua seiva vence tudo/e nada mais foi preciso que o feitiço impor/dos teus tantãs de guerra chamando. / Dum-dum-dum-tam-tam-tam/dum-dum-dum-tam-tam-tam /para que eu vibrasse/para que eu gritasse/para que eu sentisse! – fundo no sangue/a tua voz – Mãe!/E vencida reconhecesse os nossos erros/e regressasse à minha origem milenar...». Assim, um movimento apenas embrionário anima o primeiro poema aqui considerado, qualquer coisa de informe que se radica na infância e ainda não tomou consciência de si e depois vai ganhando consistência, descobre o mundo da *praxis* constituída, a alienação que pesa não apenas sobre o poeta, mas sim sobre a África negra na sua totalidade, e então contamina todos os poemas com a sua angústia lúcida, que é feita de esperança que se radica no conhecimento do percurso histórico do homem negro, e do seu significado e que, ainda por isso, se transforma num movimento da nossa época, convocando o conjunto de povos africanos para uma marcha colectiva.



É evidente que são reconhecidas as diversidades de comportamento que a África, ou o mundo negro mundial, inclui, mas em nenhuma circunstância é abandonada a consciência dos movimentos sociais, e em nenhum verso se abandona a força da reivindicação colectiva, que encontra o seu termo cupular no poema «Deixa passar o meu povo»: «E enquanto me vierem de Harlem/vozes de lamentação/e vultos familiares me visitarem/ em longas noites de insónia,/ não poderei deixar-me embalar pela música fútil/ das valsas de Strauss./ Escreverei, escreverei,/ com Robeson¹² e Marian¹³ gritando comigo: /'Let my people go', OH DEIXA PASSAR O MEU POVO». Assim, o poeta inclui-se na marcha geral do seu povo, vai mais longe ainda, procura despertá-la; a sua denúncia intelectual há-de ser acompanhada por uma participação activa e não por uma posição de superioridade artificiosa, incompatível com o teor das lutas materiais do seu grupo.

Como pode reagir o poeta europeu perante este mesmo conjunto de circunstâncias? Em primeiro lugar pelo reconhecimento de que os indivíduos que se encontram em determinada situação se transformam de acordo com as possibilidades e os imperativos dessa mesma situação. Embora possamos reconhecer que nem sempre essa escolha é voluntária, devemos reconhecer ser ela a consequência do encadeamento dos factos. Quer dizer que, em tal caso, o devir é a resultante de um encadeamento progressivo de factos exigidos e determinados pela vida prática. Assim, o poema de Rui Knopfli, esclarecedoramente intitulado «Naturalidade», começa por alguns versos de singular alcance: «Europeu, me dizem./ Eivam-me de literatura e doutrina/ europeias/ e europeu me chamam». Veja-se que, neste caso, o poeta não se reconhece como europeu, mas sim como o passivo elemento assim designado, «chamam-lhe» europeu, embora

¹² Paul Robeson (1898-1976) - cantor norte-americano, activista dos direitos civis e políticos dos negros norte-americanos.

¹³ Marian Andersen (1897-1993) – cantora norte-americana, teve papel de relevo na luta dos artistas negros contra o racismo.



através da autocrítica a que procede o poeta se não encare como tal, e isto porque, mau grado os movimentos involuntários que o arrastam para uma zona de conhecimento, e sobretudo de acção, menos directamente moçambicanas, pretende que os seus movimentos conscientes se efectivem como moçambicanos. Quer dizer que, neste caso, o poeta reconhece que o europeu é um indivíduo marginal, que só pode valorizar um tipo de revolta pura que lhe não interessa directamente, pois lhe importa mais (ou apenas) a revolta real.

Deste modo, Rui Knopfli não é, na verdade, um poeta europeu, mas antes um europeu nascido em Moçambique que recusa a Europa, não apenas como unidade cultural, mas também como zona onde existe uma natureza que nada lhe diz, pois às rosas prefere a agrura das micaias. A recusa negativa do intelectual assume, assim, uma importância singular, na medida em que, deste modo, Knopfli acompanha de muito perto a posição assumida por Fernando Ganhão. Aqui o protesto procura as suas bases sólidas e coerentes, não apenas numa razão de nascimento, que é pré-natal, portanto apenas existencial, mas sobretudo uma opção fundamental perante valores culturais, geográficos, humanos e económicos. Quer dizer que o poeta se afasta de um mundo de valores puros, representados por uma cultura abstracta, para lhe contrapor os elementos do mundo concreto, formado por valores imediatos.

Todavia, e aqui estará o desfasamento ainda existente, Knopfli aceita que a sua cultura, aquilo que escreve, possa ainda ter algum lastro europeu, enquanto se vai radicando cada vez mais no chão de Moçambique; Fernando Ganhão em nenhum momento se deixa invadir por tal condicionalismo. Não porque não seja também europeia a sua cultura, pois realmente o é, mas sim porque a sua recusa sistemática de valores ou elementos que não sejam inteiramente africanos a torna elemento africano também. Assim, o acontecimento cujo alcance podia aparecer como meramente individual ganha um alcance colectivo, na medida em que o grupo do qual o poeta faz parte, cuja alienação compartilha, o entende também como seu. O sentido da posição do poeta, o seu significado extremo, há-de ser entendido através desta interpenetração.



De resto, Rui Knopfli, em outros poemas, desenvolve certamente a sua posição, mostrando que o seu entendimento das formas práticas assumidas pela vida moçambicana, e também pela totalidade da África negra, não se limita a essa confessada moçambicanidade. Por isso o seu poema «Winds of change» se reveste não só de um carácter irónico (dentro da definição de ironia inglesa de Fernando Pessoa), mas também satírica (o que, de facto, parece estar mais de acordo com a intenção do poema). Por isso, se o primeiro verso é irónico: «Ninguém se apercebe de nada», já mais adiante nos encontramos em plena sátira: «É a África dos postais,/ o fato de linho, o calor obsidiante/e a cerveja bem gelada». Decerto o compreendemos, pois que o choque entre o folclórico e o autêntico, quer dizer, o que revela a sua completa trama de elementos simplesmente quotidianos e significativos, inseridos na vida prática, é que nos mostra como, de facto, Knopfli não é um estrangeiro, pois também ele é, perante esses turistas europeus (ou africanos) que «passam/e tornam a passar», um moçambicano, ou seja, um elemento de cunho folclórico. Como podemos deixar de estabelecer imediata ligação entre este poema e os versos que, em «Dawn» nos retratam (ou evocam) outra África que nada tem de folclórica («É noite em África/ Mão desmedida ergue-se,/ no breu/ corpo da terra que as águas/ fecundam, impregnam./ Silêncios, hesitações,/ sono de séculos, jugos, / racham em surdina») e que, sobretudo, é uma África que desperta: «No inescrutável, nas sombras,/ nos recantos recônditos de agónica noite/África desperta...».

Não há dúvida que Fernando Ganhão sente o mundo menos veladamente, por via duma participação mais directa, na medida em que toma partido através de descrições concretas que objectivam os elementos do quotidiano. Surpreender a totalidade dos homens na função objectiva do seu trabalho, medir o alcance da sua alienação, é a preocupação primeira de Ganhão, pois o que nos pretende evidenciar é a existência duma contradição absoluta entre o mundo dos produtos e o mundo dos produtores. Buscando os elementos



que definem o quadro das relações entre o grupo reduzido dos empresários e o grupo mais vasto dos trabalhadores, Fernando Ganhão mostra-nos que tudo pode ser medido por via do preço corrente, quer se trate de produtos (objectos, utensílios), quer se trate de pessoas, transformadas, no mercado do trabalho, em coisas, em objectos, também: «No bazar de Xipamanine/onde dois punhados de camarões custavam um escudo/ e a cor dos olhos da vendedeira/e os moleques às compras/e os mufanas brincando com o lixo/e o machope a varrer a estrada/quanto custam? malimune?». Elemento de escândalo? De modo algum, apenas o perfil nítido das formas de alienação que pesam sobre este grupo. Mas este poema de Ganhão desce ainda mais fundo, pois nos coloca perante outros desfasamentos; à sua saudade da infância pode corresponder um sentimento muito diferente por parte do cocuana e da negra macala, pois bem pode suceder «que se lembrem/que lhes roubei mandioca/amendoins/maçarocas/e talvez não gostem da minha saudade/ talvez tenham ódio/raiva/à minha saudade».

Não há aqui lugar para o divertimento: a evocação deve ser precisa, pelo que não pode aceitar nenhuma parte de idealismo, ou de equívoco. A descoberta do mundo faz-se através dos próprios actos, é um facto, mas esses actos podem, em determinado momento, não estar de acordo com uma parte da sociedade; mas o que o poeta não pode fazer é passar em silêncio os actos e o momento em que eles se produziram, transcendendo-os graças à função autocrítica de que o poema está investido, pois através dele se comunica que o erro ou acto abusivo cometido foi reconhecido como tal e, como consequência, ultrapassado. Aceitando que a indignação do cocuana e da negra macala são perfeitamente legítimos e justificados, o poeta reconhece não apenas o teor abusivo da sua acção mas mostra-nos até que ponto a autocrítica torna viável a elaboração das soluções livremente escolhidas, isto é, soluções que, determinadas pelo tempo prático onde a acção do poeta decorre, não podem ser recusadas na medida em que a estruturação do devir obriga à realização duma



autocrítica. Se o poeta se encarasse apenas como «saúde», obnubilando voluntariamente os erros de comportamento passados, estaríamos então no campo da autêntica alienação e do ludíbrio.

Ora depois desta *falsa* evocação de infância, Fernando Ganhão mostra-nos a sua directa ligação com o presente. E, assim, aborda directamente o problema que, para a sociedade moçambicana, representa o homem que vai trabalhar para as minas do Rand e para outras formas de actividade em territórios de língua inglesa. O nativo empenha-se sobretudo na cultura de produtos alimentares nos quais predominam a mandioca e o amendoim, como aliás não podia deixar de ser tendo em vista a estrutura das sociedades tradicionais, cuja economia, como se frisou já, funciona em círculo fechado, tendo em vista a subsistência do grupo. Assim sendo, não nos podemos surpreender que, colocado perante obrigações e necessidades que essas formas arcaicas de economia não podem satisfazer, o nativo parta, em busca de salários altos, a caminho dos territórios limítrofes onde pode conseguir reunir um pequeno pecúlio.

No entanto, diz-nos Fernando Ganhão, «no Rand as minas são escuras/densas de amargura»; e o mesmo eco encontramos no poema de Gouvêa Lemos, «Canção da Angónia», que começa, «visto a camisa lavada/e vou para o contrato», assentando o poema num estribilho que nos coloca perante o alto teor de mortalidade que se regista nos trabalhos das minas: «Quem de nós/quem de nós/irá voltar?/quem de nós,/quem de nós/irá morrer?». É sabido que tal emigração procura zonas onde os salários sejam mais elevados, e o aparecimento e a consagração do termo «magaíça» aplicado aos que voltam das minas mostra-nos que tal emigração se institucionalizou¹⁴, sendo a passagem pelos territórios de língua inglesa encarada como um rito

¹⁴ Digamos que, em alguns países europeus, este período de iniciação é representado pelo cumprimento de serviço militar; os indivíduos só têm entrada no mundo adulto quando estão livres do serviço militar, ou por terem ficado isentos, ou por o terem já cumprido; o casamento, tal como sucede nas sociedades africanas, só se efectua depois de cumprida esta função ritual.



de iniciação, sem o cumprimento do qual o indivíduo não poderá fazer parte do grupo. Tal emigração é legal e baseada em convénios quando se processa em direcção à União Sul-Africana e à Rodésia, ou seja, ao sul do paralelo 22° e no distrito de Tete; e clandestina quando corre para a Suazilândia, o Transval, as Rodésias, a Niassalândia, o Tanganica, chegando até ao baixo Congo ex-belga.

A este mesmo mundo económico se cinge, com grande abundância de pormenores, a poesia de Carlos Maria. Servindo-se de um esquema linguístico e ideológico directamente bebido no neo-realismo português, o poeta considera, em primeiro lugar, os problemas suscitados pelas relações do trabalho, firmando-se nas posições, tantas vezes diametralmente opostas, nelas assumidas pelo europeu e pelo nativo. Assim, no poema «Tabacal», encontramos um poema decerto esquemático, mas que reflecte, no seu encadeamento lógico, uma seriação de problemas que se provocam uns aos outros, que se encadeiam uns nos outros. O Tabacal pode ser, para quem o vê da estrada, ou da picada, um conjunto de «folhas verdes de esperança», mas a verdade é que tal esperança não é compartilhada pelos trabalhadores, pois é ela apenas a esperança dos «homens das machambas».

Embora possuindo menor força, a «Balada do Rio Traíçoeiro» coloca-nos perante o trabalhador que, por falta de preparação técnica, vê o produto do seu trabalho ser arrastado pelo rio que enche e extravasa. O abandono destes trabalhadores, a sua inerte submissão aos caprichos da natureza, está aqui bem patente; o que, como contraponto natural, nos é sugerido por Carlos Maria, é a existência de uma técnica que, quando aplicada ao serviço do homem, da sociedade humana, torna impossíveis tais acidentes ou, pelo menos, lhes diminui a frequência e os prejuízos. Deste modo se nos deparam duas facetas do mesmo prisma, pois as calamidades naturais funcionam sempre em prejuízo directo do trabalhador nativo, provando que toda a estrutura do trabalho está deslocada das suas calhas, pelo que só quando aparecer o homem da liberdade radical tais condições poderão ser recusadas pelo mundo dos trabalhadores.



A existência de uma necessidade de transformação radical e imediata fica bem patente no poema de Duarte Galvão, «Johannesburg». Decerto verificamos que o seu âmbito é a África do Sul, mas apresenta ele alguns problemas particulares que se evidenciam na maneira como um movimento de protesto contra o aumento de preço dos transportes se transforma, pouco a pouco, num movimento de reivindicação política; quer dizer que, na evolução lógica das reivindicações dos trabalhadores sul-africanos se passou, rapidamente, de um movimento contra uma iniquidade particular para uma forma aparentada com a revolta geral que tornou possível que o boicote dos transportes colectivos se prolongasse por alguns meses, apesar dos esforços físicos a que obrigava alguns milhares de trabalhadores.

Ora, se estes homens estão «oprimidos», é também verdade, como diz Duarte Galvão, que nos aparecem «nunca sucumbidos». A fidelidade à greve dos carros para Alexander City não é apenas a obediência a um projecto individual, mas antes o entrosamento deste projecto nos movimentos intencionais do grupo dominado que, deste modo, demonstra a sua vontade ao grupo dominador. O contraste é-nos dado, com grande justeza, pelos carros que lentamente rodam «e tentam atrair/homens exaustos/de pés descalços/de pés inchados a sangrar; homens exaustos/que caminham a cantar». O que nos coloca no centro da dialéctica do poema, pois nos mostra como a indignação sentimental contra a iniquidade particular é rapidamente transcendida por uma revolta geral contra a alienação global. Por isso constatamos também (o que nos permite entrever qual o caminho futuro dos homens alienados dos poemas de Carlos Maria) que a menor recusa encerra em si, embora em potencial, a possibilidade de uma recusa radical, na medida em que contém já, objectivamente, o projecto de uma liberdade total.

Um poema de Sérgio Vieira, «Poema para Eurídice Negra», coloca-nos perante uma forma de negritude cultural muito especial e que, opondo-se aos conceitos integralmente brancos de uma cultura europeia (e particularmente ocidental), reduz o panteão



branco a uma forma negra integral. Assim é dos seios negros de Eurídice que jorram «os rios do povo negro». Onde poderemos radicar a estruturação do poema? Pois decerto no facto de quase toda a poesia europeia (moçambicana) tender a esquecer que o homem possui uma especificidade humana e que, portanto, é a «si próprio que deve a sua existência», pelo que não basta ao homem efectuar o seu trabalho com consciência, aperfeiçoando e dominando as técnicas, pois se torna sobretudo indispensável que se reconheça na sua objectividade e, por conseguinte, ultrapasse os elementos dados para atingir fins que possamos classificar como de «interesse geral». Ora então a África-Eurídice reveste-se não já com o peplo grego mas, sobretudo, com os elementos naturais que identificam e particularizam o corpo da mãe-África (aqui o poema liga-se à poesia de Noémia de Sousa e, em parte, à de Kalungano).

Liguemos este poema ao de José Craveirinha «Quero ser tambor», que nos arrasta para o centro de uma problemática africana muito precisa, na medida em que o tambor é o elemento encarregado de convocar os espíritos africanos para a reunião que se efectua no âmbito do drama ritual. O tambor é não apenas o elemento produtor do ritmo africano, mas também o órgão funcional que torna possíveis e estáveis os contactos entre os indivíduos. E, também, o elemento encarregado de unir, no mesmo espaço, o percurso histórico do grupo com os seus problemas actuais, imediatos.

Como se coloca neste quadro a poesia de Kalungano? É ela, em primeiro lugar, uma poesia de exílio, e que sente, à distância, os laços que a mantêm em contacto íntimo com a terra natal. Por isso, o seu primeiro cuidado está em identificar essa terra, não apenas como o lugar onde nasceu mas também como o lugar onde se cumpre uma tradição que não pode deixar de ser considerada, não pelo que em si própria significa, mas antes por referir uma continuidade de trabalho activo para transformar e racionalizar a natureza. Por isso, o poeta não nasce apenas embalado pelo canto do chirico mas, sobretudo, na «planície humana».



O passado condiciona o presente, é certo – por isso, a evocação destes avós distantes e próximos – mas condiciona também o futuro; convém, em todo o caso, dizer que estes elementos devem ser examinados dialecticamente, pois que o passado só pode ser encarado tendo em atenção as justificações presentes que lhe podemos apor; se não corresponderem a uma verdade actual, eximem-se a um conteúdo dialéctico e, logo, devem ser encarados como aquilo que são: um não-acto. Assim, os elementos do passado, histórico ou não, não são fósseis apressadamente inscritos na zona do presente mas, muito pelo contrário, estruturas que correspondem a uma forma autêntica das vivências presentes. Nesse caso a esperança que nos é apresentada pela quarta estrofe do mesmo poema «Aqui nascemos», só pode ser avaliada em função desse devir dialéctico que é obrigado a considerar o passado para devolver à terra natal o seu perfil harmonioso.

Deste modo, constatamos a existência de uma articulação harmoniosa entre as explicações materialistas e a psicanálise, pelo que pretender encontrar em qualquer destes elementos a negação do outro surge, afinal, como um contra-senso, destinado apenas a confirmar o domínio social exercido por um grupo em detrimento de outro ou outros grupos. Se os sentimentos não existem em estado «puro», colocados numa atmosfera artificiosa e rarefeita, devemos considerar que são eles o ponto onde se podem concentrar e cruzar manifestações, significações e potencialidades que ao poeta cumpre examinar e manifestar da forma mais coerente. É assim que os hábitos da infância se revelam não apenas existentes em relação à infância, isto é, num passado mítico, mas são colocados na natureza, a qual, por sua vez, convoca o passado para melhor definir o presente e estruturar o devir. Comportamento dialéctico, onde podemos entrever a situação especial de Kalungano. Se o poema é escrito fora do território moçambicano, não deixa este de existir autenticamente, na medida em que define ele a própria substância física e intelectual do poeta; o que, de resto, marca o desfasamento existente entre esta poesia e a dos poetas europeus.



Aqui podemos colocar a poesia de Fernando Couto, pois é o poeta onde, mais evidentemente, encontramos expresso o reconhecimento de uma distância concreta (e justificada) entre o nativo e o europeu. Porque, diz-nos um poema, há uma distância entre o nativo e o europeu e nela se consubstanciam os choques gerais das sociedades moçambicanas. Onde, no entanto, se infiltra o idealismo, presente em quase toda a Poesia europeia de Moçambique, é na directa confissão de ignorância quanto à forma e aos meios de vencer este afastamento («não sei os gestos e as palavras mágicas»); embrenhando-se num hipotético campo de palavras mágicas, o poeta aniquila assim a possibilidade de, racionalmente, se entender com o grupo nativo e coloca-se fora de uma órbita de compreensão dialéctica dos problemas, da qual a negação da negação é o elemento cupular.

No mesmo plano idealista se coloca Artur Costa, embora, como de resto em Fernando Couto, haja a mesma vontade irracional de procurar uma solução. Se, realmente, o poeta se deseja centrado no drama da existência do homem, não há dúvida que não existe ainda um conhecimento exacto do que é fatal e necessário fazer, pois a sua posição está ainda tingida por uma fraqueza que não só o deixa irresoluto mas pode permitir o aparecimento, a manifestação, de movimentos menos lúcidos, menos corajosos, «cobardes», como expressamente lhe chama o poeta¹⁵.

¹⁵ Para melhor compreendermos a posição destes poetas e dos demais poetas europeus, forçoso nos é considerar o poema «Domingo», de Nuno Bermudes, em que a paisagem de Moçambique é transmutada em paisagem europeia: «O Pungué lembra-me o Reno/ europeu é o chão que piso». Não me parece ser possível ir mais longe no caminho da alienação, pois se trata não apenas da negação da realidade física moçambicana mas, naturalmente, vem ela acompanhada por uma operação complementar que será a de alterar o sinal de todos os elementos humanos. Poema que contraria a linha de Rui Knopfli, de Fernando Couto, de Artur Costa é, também um elemento negativo que, aliás, bem completa a linha geral da poesia de Nuno Bermudes. Ainda que brevemente, consideremos o mundo peculiar de Fonseca Amaral que, evocando uma série de nomes saborosos, não consegue, em todo o caso, transformá-los em poesia realmente moçambicana. Forma híbrida, é certo, mas que não considera o teor dos problemas socio-económicos e, por isso, se limita a uma marginalidade bem comportada que, todavia, pode evoluir positivamente.



Ainda outro poema se radica neste campo e segue, ainda que por outras calhas, o mesmo modelo. É o caso de «Um igual a um», de Manuel Filipe de Moura Coutinho. A revelação do homem negro não se faz por conhecimento directo, pelo contacto com a soma das suas virtualidades, mas antes graças a um artifício literário que o coloca perante um negro brasileiro (o de Jorge Amado), americano (o de Langston Hughes)¹⁶ ou ainda cubano (o de Guillén)¹⁷; contudo, esses são apenas projecções literárias, não um negro com quem o poeta efectivamente conviva. Assim, o poeta não pode realizar o real, pois não foi capaz de o apreender, por impossibilidade de medir o alcance objectivo dos seus actos, bem como os dos negros moçambicanos. Daí que se deixe dominar por significados fora de um alcance humano imediato e acabe, ainda, por um compromisso que ocorre algures, embora possamos compreender que o poeta está próximo de uma reelaboração dos dados que servem de fundamento à sociedade presente. No entanto, ao tomar conhecimento da finitude dos seus meios, o poeta inflige um traumatismo à sociedade, na medida em que os valores étnicos a que recorre estão deslocados pelo menos no espaço. Sinal de um desfazamento que os poetas moçambicanos não podem deixar de repelir, na medida em que só lhes importa considerar o instrumento que desvende a realidade actual e lhe dê um projecto moral.

Jorge Villa é o exemplo acabado do poeta que transfere para o quadro moçambicano as formas estilísticas europeias e se limita a fazer um arranjo de palavras, para conseguir abordar pela rama, como é evidente, os valores socioeconómicos da terra moçambicana.

A resposta poderia ser dada pelo poema de Gualter Soares em que esse mundo mítico é lucidamente criticado, pois logo surge a necessidade de ultrapassar as fronteiras postas à liberdade para entrar

¹⁶ James Langston Hughes (1902-1967), poeta, novelista e dramaturgo norte-americano, uma das maiores influências do movimento cultural dos anos 1920 conhecido como Harlem Renaissance.

¹⁷ Nicolás Guillén (1902-1989), poeta e activista político cubano.



no mundo da necessidade. Por isso, outro poeta europeu nos aparece a querer estabelecer um melhor entendimento do problema (Orlando Mendes), mas o seu retrato da «Evolução» é sobremaneira restritivo para poder ser considerado como um poeta capaz de articular um autêntico progresso; a ausência de consciência dos problemas situa-se antes numa linha intermédia de onde me parece difícil venha o poeta a sair, na medida em que não desce ao conhecimento das próprias coisas que estruturam a alienação. O poeta caminha aos apalhões (como também acontece com Orlando de Albuquerque), mas não consegue furtar-se a uma discreta náusea perante um mundo a que não consegue aceder inteiramente. A libertação dos preconceitos revela-se então muito difícil e, conseqüentemente, o poeta não consegue assumir a singularidade da sociedade para a ultrapassar objectivamente, pois esta ultrapassagem é uma tarefa positiva que não pode deixar-se embaraçar por formas idealistas, formalmente abstractas, despegadas de um conjunto de problemas práticos.

Eis, portanto, que o inventário desta realidade nos revela não já a pessoa dos poetas, mas a estrutura real da sociedade. O poeta, em vez de ser uma vítima complacente, assume a representação dos valores sociais e propugna uma liberdade radical.

Alfredo Margarido
1962



ARTUR COSTA

I – POEMA DO DESENCONTRO

Para quê essa canção que cantas
de olhos cerrados a todos os poentes verdadeiros?

Que sabes tu dos meninos que nós fomos
de olhos verdes florindo em Primavera?
Que sabes tu das lágrimas não choradas
quando a noite esvoaça em torno da cidade?
Que sabes tu dos ventos e traições,
dos íntimos cansaços e derrotas
pelos caminhos baldados?

Que sabes tu dos bancos de jardim
e das aves prisioneiras?

Que sabes tu dos barcos sem leme, sem velas, sem remos,
à deriva no mar alto?

Que sabes tu das chagas e do luto
e das balas previamente calculadas
contra indefesos pássaros ou peixes?
Por isso é inútil e falsa essa canção que cantas,
essa canção de estrelas e mentira.

Canta de olhos abertos à vida, irmão,
a trágica Poesia dos momentos quotidianos.



II – POEMA DA REDESCOBERTA

Quando

nas chagas gratuitas dos meus dedos
rebutarem flores;

a terra, as estrelas e o vento se fundirem
num corpo sem disfarce;

as muralhas espessas e baldadas
na sombra se quebrarem;

e o grito dos Poetas não for vão
e a estrada da verdade também não;

os homens, como autênticos irmãos,
caminharemos de mãos dadas

– que ninguém me interrogue!

Que ninguém me responda!



III – POEMA DA REDESCOBERTA

Se a minha mão se alongar
para além de mim,
do tempo
e do vento,
indiferente a todas as propostas
– não me chames covarde!

Se a minha mão tombar
como uma asa agreste,
insensível a todos os abismos,
insensível a todas as ausências
– não, não me chames covarde!

Se a minha mão ignorar
o suor, o medo,
a infâmia e o pranto
– não, não me chames ainda covarde!

Se a minha mão negar
as fomes, as sedes,
os homens vencidos,
as mulheres da rua
e as crianças famintas

– então, sim, chama-me covarde!



CARLOS MARIA

BALADA DO RIO TRAIÇOEIRO

O rio caminhava calmo e sorridente!
Calmo e sorridente caminhava o rio,
Caminhava o rio, calmo e sorridente!
E os meninos negros à sua borda,
brincavam ...
E os homens as suas margens cavaram
e o milho e o algodão plantaram.
Calmo e sorridente caminhava o rio
e os birimbaus voando na noite parada
deram a grande notícia:
«O milho está maduro!
O milho está maduro! Maduuuuuuuro!»
E os homens aguçaram as catanas
aguçaram as catanas...
E mais uma vez a noite se sentou
com os homens à volta da fogueira,
mais uma vez se sentou a noite
à volta da fogueira,
confidenciando suas angústias
e esperanças.

E as nuvens do céu,
curiosas se aproximaram...

E o rio cresceu,
cresceu,
cresceu...
e libertou-se.



TABACAL

Tabacal!

Folhas verdes da esperança
dos homens das machambas,
queimadas nalguma cidade distante.
Gentes brancas que de longe vieram
na esteira do ouro fugidio,
gentes de histórias desconhecidas
sugando a terra de África
num sonho inacessível.

Tabacal!

O vento das queimadas da serra
carbonizou
as folhas verdes de esperança,
mas não secou
os rios de desespero nas faces tisonadas.
E o machambeiro viu!

Viu a miragem
do corpo esquivo da fortuna
nas ramagens amarelecidas
da planta de Nicot.
Mas ante seus olhos
correram as águas do leito transbordado,
numa ilusão destruída.

Tabacal!

Corpos negros,
corpos mirrados como laranjas fora de época,
gritando ao sol calcinante,
agarram a enxada e cavam.
Cavam a sepultura duma quimera
e modelam a lápide
com a realidade da carne.



PAISAGEM

Uma palhota
com uma fogueira
ardendo.

A noite para ali ficou
esquecida
na imensidade do existir.

E o homem
vai gerando e criando os filhos
à luz da fogueira.

BALADA TRISTE

As acácias floriam,
e os machopes varriam a rua.
As acácias tinham flores,
e os machopes a rua varriam,
e a carroça do monhé da fruta
passava lentamente.
O negrinho sorriu nos grossos lábios.
O negrinho sorriu
e disse: «Que mal fiz eu,
menino?»
Os lábios do negrinho sorriram
e perguntaram:
«Que mal fiz eu, menino?»
«Que mal fiz eu?»
«Que mal fiz eu menino?»



O menino,
(O sol reluzia-lhe na face branca)
ergueu a mão.
O menino ergueu a mão
e o negrinho caiu.
O negrinho caiu
e da areia ardente
na calma da manhã ensolarada
(era em Janeiro)
Veio a voz:
«Que mal fiz eu menino?»
«Que mal fiz eu?»
«QUE MAL FIZ EU?»



DIOGO DE TÁVORA

BALADA DA MENINICE

Não sei porquê,
Vieram-me hoje à lembrança
Meus tempos de criança
Danada,
Botando figada
Na passarada
De seu Fortunato,
Virando tacho
Da negrada
Que comia ao fundo do quintal,
À sombra da mafurreira!

Um dia
(Garotices de mau gosto)
Até fui espreitar
A criada lá da casa
Se lavando
Na cerca de caniço,
Ao fundo da casa!

Minha mãe vinha
Chegando
Para a capoeira,
E veio dar comigo
Botando
Olho na cercadura!

Que surra de marmeleiro
Apanhei
Daquela vez!...



– Menino mau,
Que está fazendo aí?
E lá voltava
Minha mãe
A surrar-me forte,
Junto daquela cerca
Do diabo.

Um dia ,
Botei fogo
Na cerca de caniço,
Para ver se perdia
A tentação!
– Fogo, fogo,
Começou berrando a vizinhança!

E lá ia a molecada
Para cima do
Incêndio
Com baldes de água,
Numa azáfama
Doida.
Eu saltava o muro
Do quintal
E deitava correndo
Para longe de casa
Quando pregava
Alguma!

– Menino mau
Que está fazendo aí?

Aquela cerca
Ao fundo da casa
Dava-me volta
Ao juízo!



Meus tempos de criança
Danada
Vieram-me hoje à lembrança
Não sei porquê!...

APONTAMENTO

No cais
Emudeceram
Os guindastes!
Apenas
Pela noite
Fora
Ficou
A velha toada
Plangente
Dos negros
Carregando
No dorso
Os últimos fardos
Para o estômago
Imenso
De mais um Robin¹⁸
Qualquer!...

¹⁸ Companhia inglesa de navegação, Robin-Castle.



FADO

Silêncio!
Vai cantar-se o fado.
Trinam as guitarras
E uma voz
Arrastada
E dolente
De mulher cansada
E doente
Começa a desfiar
O rosário,
Triste rosário
Da vida
Da pobre Maria do Rosário,
Que tinha marcada
Nas linhas
Da palma da mão
Um destino cruel!
Um dia
(A voz parece que chora),
Alguém
Ali do bairro
Foi dar com a pobre Maria
Fria de morte
Numa enxerga,
E entre os seus dedos,
Dedos delicados
De mulher,
Surgiu uma simples
Banal
Carta de amor.



No fim
Um nome apenas: João
Quem sabe
Se algum judeu
Errante

Talvez a última
Paixão
Dum pobre coração
De mulher.
E no ambiente
Quente de fado,
Quente de fumo de cigarro
Quente de vinho
Da taberna,
Morrem silenciosas
No espaço
As últimas sílabas
De mais um fado
Da noite.
Uma lágrima teimosa,
Sorrateira
Desliza pela face
Dum guitarrista
E pinga
Na guitarra.

– Caramba! Raios partam tanto fado!...



DUARTE GALVÃO¹⁹

TOCADOR DE PIANA

Negro tocador de canções
são lamentos febris sem eco
na noite das casuarinas dizem...
Ah mas dizem tanta coisa sem sentido
Negro tocador..

A vida permanece num beco
sem saída, e a ideia dos sermões
morre no próprio templo.
Geme, pois, tuas canções tristes,
apertando nos lábios a piana

Na noite das casuarinas
não morrem teus lamentos,
digo-te: outro negro tocador
anónimo, de olhos vendados ou não,
tocará outras canções tristes!

CANÇÃO DE NAMUNO A CHILOA

Ai, Chiloa, o milheiral perdido!
O chá, o arroz e até o amendoim,
As bananeiras tragadas pelo rio,
Que também nos veio roubar vaca matu.
Ai, Chiloa, o rio tem Xicuembo.
Porque nem mesmo as orações dos crentes,
Aqueles teus irmãos lá da missão,

¹⁹ Pseudónimo de Virgílio Lemos, falecido a 6 de Dezembro de 2013.



Conseguiram salvar as plantações.
Ai, Chiloa, o rio veio-nos despir
E nos levou os montes de sisal
Que raposa Monhé, ladrão do sangue
Dos plantares nossos bons irmãos,
Nos pagaria a peso do algodão!
Ai, Chiloa, antes me levasse o rio
Na lama de suas águas pardacentas,
E um veleiro gigante me abarcasse
Com rumo à cidade do sol e amor!
Ai, Chiloa, iria sem um mainato.
Ou trabalhar de noite na estiva
Dos enormes cargueiros estrangeiros
Que ao longe, no mar, vemos cruzar!
Hei-de ver mais de mil carros iguais
Ao do teu padre Cruz, lá da missão.
Hei-de ver meus amigos magaiças
E pedir-lhes tabaco do Transval!
Ai, Chiloa, mas eu não quero ir!
Não posso aqui deixar-te tão sozinha!
Espero que as águas fujam para longe
E o sol de novo brilhe mais ardente!
Vou deixar fugir esta tristeza,
Que mora nos teus olhos e nos meus.
Vou deixar morrer esta amargura
Que em nossos corpos entranhada vive.
Pegarás na enxada e cavarás
Com mais denodo ainda nossos campos.
O milheiral dar-nos-à mais milho!
Teremos mais arroz e mais sisal!
Ai, Chiloa, a cheia engoliu tudo
Menos a persistência dos teus braços,
A carícia doce de teus olhos,
E o esforço futuro dos teus filhos.



CANTEMOS COM OS POETAS DO HAITI

Cruzo os braços, Baby, e deixo-me ficar
Apreensivo e triste, meditando:
Tu, Baby, e os poetas nossos irmãos
Que escrevem cânticos no Haiti,
Sabem da vida incerta e vazia
Dos negros das ilhas e Américas
Dos que sofrem em África e Oceânia.

Lembras-te daquele poema universal
Que falava de desumanidade?
Lembras-te dos segredos nas entrelinhas
Dos poemas verticais da Noémia de Sousa
Sempre em papel amarelo?

Ah, se tudo fosse como nos sonhos belos
Cheio de romance e fantasia doce
Não haveria, Baby, o desespero
Nos cânticos dos poetas do Haiti
Nem segredos havia, fundos de angústia
Nos poemas verticais de desespero!

Ah, nem tu, Baby, nem mesmo eu
Faríamos da poesia um cântico triste
E só falaríamos de paz, amor,
E numa sede constante do azul do céu!
Mas se é dor o mundo que nos cerca,
Cantemos com os poetas do Haiti
Uma canção amarga que se não perca,
Cantemos em unísono, porque lá ou aqui,
Os segredos são iguais, fundos de angústia,
E os poemas verticais, também de desespero.



JOHANNESBURG

40-54 Edith Cavell Street
12-28 – Kapteingust

Neste cruzamento de estradas
onde os prédios invadem o espaço
onde é mecânico o girar das coisas,
sinto-me desfalecer a cada passo,
olhando homens oprimidos
que outros homens repudiam;
olhando homens oprimidos
que caminham cabisbaixos
mas nunca sucumbidos,
fiéis à greve dos carros
para Alexander City;
olhando homens angustiados
que caminham identificados
num sentido de irmandade
que opressores desumanos
não respeitam nem aprovam.
Lentamente os carros rodam
E tentam atrair
homens exaustos
de pés descalços
de pés inchados a sangrar;
homens exaustos
que caminham a cantar:

²⁰ *Se tivermos de morrer – que não seja como porcos (...). Se tivermos de morrer – que seja com dignidade.* Do poema “If we must die”, de Claude McKay (1889-1948), poeta jamaicano que teve um papel importante no movimento conhecido como Harlem Renaissance.



If we must die – let it not be like hogs (...)
*If we must die – let us nobly die.*²⁰

e preferem morrer
como homens verdadeiros.

Durante semanas sucessivas
os carros não levaram passageiros.



FERNANDO COUTO

PERGUNTA A PAUL ROBESON

Que rios te correm na voz
Paul Robeson?
Que marulhantes graves e longos
rios é o teu canto
Paul Robeson?
É o Congo ou é o Mississipi
com manchas de sangue indissoluto?
Ou são os afrontosos rios
da humilhação impotente
Paul Robeson?
Ou é o Nilo ou o Missouri
cavando às cegas o leito
nas terras da hostilidade?
Ou será a mágoa sem fundo nem tempo
náufraga sem morte dos barcos de negreiros
soluçando nos campos de algodão
dos diversos estados da Carolina do Sul
Paul Robeson?
Ou será a incomparável curva doida do Níger
rompendo a caminho do mar?
Ou será apenas o lento pesado arrastar de pés
dos teus irmãos de raça
Paul Robeson
rompendo a caminho do mar?

O MEDO E A ESPERANÇA

Tranquilo e devagar entro na aldeia
de mão ao alto aberta em sinal de paz
Desertas e contudo palpitantes
se encontram ainda as palhotas



No único rosto presente e visível
o medo está atento procurando antecipar-se
nos meandros da incómoda adivinha

Falo e sorrio e entreteço pontes de caniço
e não sei estendê-las até à outra margem:
fechado e atento o rosto em frente do meu
entremeia um rio sem vau e sem barcos
de águas opacas e demasiado longo

Procuro na memória de distantes avós
autênticos e críveis sinais de paz
e ao fazê-lo acordo aves de lembrança
de ventres peçados de sangue e ódios
e apenas avisto no rosto em frente as cores do medo

Olho o meu braço estendido e nu
inofensivo e pronto à espera do acolhimento
e no rosto em frente projecta-se uma sombra
a dolorosa sombra-lembrança de um chicote
E o medo ganha relevo no rosto escuro
atento e vigilante à porta da palhota:
pergunto aos teus olhos e às tuas costas
à tua carne e ao abismo dos teus olhos
onde e quando brotou a fonte desse medo
– como se eu fosse o deus vivo do raio
e fizesse empalidecer o teu rosto cor de noite
a ti que nunca me viste e contudo és valente
e já viste de perto a fome de feras em liberdade.

Quero perguntar de frente aos teus olhos
e a tua cabeça pende como um ramo
ameaçado de morte com o peso dos frutos
prestes a perderem-se inúteis em chão batido



Quero perguntar-te e não sei os gestos
nem as palavras mágicas ou compreensíveis
para conjurar a mancha de medo
que ensombra o teu rosto esculpido em negro

Não sei os gestos e as palavras mágicas
e todavia não desisto e procuro
certo de haver uma ponte praticável
entre os meus e os teus olhos erguidos.

CANTO DE UM PRISIONEIRO

Prisioneiro sem algemas nem grades
sem uniforme e sem arames farpados
privo-me de chorar durante o dia
por maiores que sejam o vexame e a dor
Ansioso cultivo a flor do orgulho
e enveneno de fel as lágrimas que bebo
Também não grito que não mo consinto
nem o consentem neste ordeiro campo
E espero a noite para cantar em surdina
junto as palavras astuciosas e de rosto inocente
atiro-as ao escuro fecundas de rancor
e ainda humedecidas de um suor de sangue
e no íntimo escondendo limas de esperança

Neste universo pacato e sem algemas
nem grades visíveis e todavia existentes
adivinho tímpanos feridos pelo meu canto
e lábios com sede de limas de esperança
e ventres vazios à espera que os fecunde
o cálido e surdo rancor do meu canto



Por isso canto poemas algo inesperados
opacos sussurrantes e gratuitos como ventos
que todavia transportam invisíveis esporos
de sentido fechado como ouriços do mar
de agudos espinhos para mãos inábeis
e escondendo por dentro limas de esperança.





FERNANDO GANHÃO

RONDA DA INFÂNCIA

I

Da Malanga
até à longa estrada da Mafalala
que tem na direcção das Lagoas
a suavidade inclinada
daquele cajueiro morto

as Mamanas nas palhotas
pilavam amendoim

No bazar do Xipamanine
onde dois punhados de camarões custavam um escudo

e a cor dos olhos da vendedeira
e os moleques às compras
e os mufanas brincando com o lixo
e o machope a varrer a estrada
quanto custam? malimune?

Anda, dá a tua mão
fujamos no bairro onde tudo se compra

lembras-te da história do china
que tinha negros em salmoura?

II

Passemos pelas Lagoas
onde as mulheres negras se vendem
onde o contrapeso dos seios
é a carne de uma infância roubada
e corramos pelos despejos do Forno
procuremos de novo caixas de fósforos estrangeiras
coisas raras e sujas



Raras?!
Lembras-te da nossa colecção
que jogávamos à parede?
Tudo era sujo
e estrangeiro!
Foi com o lixo dos outros
que brincámos.

III

Vamos pôr-nos nus
e mergulhar na lama das Lagoas
e secar ao sol nos caniços verdes
Talvez trepar àquele coqueiro prenhe de lenhos

E os companheiros de ontem?
O Libote
talvez tenha perecido
debaixo do machimbombo.
O Smith, o cabeça de ambulância
há-de vir cabisbaixo da camionagem
carregado de óleo e amargura.
E a Paulina
a desfloradora da malta
à porta do *compound*
quem a chamará?

IV

Oh! aperta forte a minha mão
fujamos daqui
Havia caniços com buganvílias
e armadilhas de nembro!
E a cabana da malta
na mafurreira do Pemba!
E o ciclismo
com a Flora a despir-se pra se deitar!
Oh! mas fujamos



porque ali vem o cocuana
e a negra macala com os seus sete filhos
e pode ser que se lembrem
que lhes roubei mandioca
amendoins maçarocas
e talvez não gostem da minha saudade
talvez tenham ódio
raiva
à minha saudade

V

Qual a razão
por que deixei a alma porca
os dedos manchados de podridão?
Por que não fui eu livre e fiquei por lá?
Caminhei mares
esqueci os meus camaradas de ontem

porque os meninos sujos da Malanga ao Bairro
os delinquentes precoces e ladrões
lá estão à nossa espera
os que partimos
Nada planeámos
não houve promessas nem nos deram a sua confiança
mas no íntimo
esperavam

e nós desiludimos a esperança que lhes demos
nós esquecemos o dever imposto.

Por isso fuçamos
os que nos deixámos estar
apertemos as mãos até chorar
de vergonha em vergonha
porque a vitória será deles



dos meninos sujos da Malanga ao Bairro
que morreram, sofreram
durante centenas de anos
brincando com coisas sujas
raras estrangeiras

VI

Nós fomos comparsas
as máscaras trágicas de vento
nós as ajudámos a encher com o esforço

o sangue a fome a tortura

Assistimos ao espectáculo
e em vez de pagarmos fomos pagos com a sua amizade!
O espectáculo acabado
teremos de sair
talvez um ramo de flores
um cartão
«um que partiu saúda-os nesta hora»
Mas tu
aperta-me a mão!
Sob o nosso desespero
paira ainda o sol do nosso Bairro
Vamos sentar-nos na «esquina»
vamos combinar uma caçada com nembro
um assalto aos Campos Vieira
uma ida ao futebol
ou simplesmente passear nas Lagoas

Se eles nos sorrirem
nós ao partir
diremos adeus com o coração morto
e as lágrimas que deixarmos
hão-de secar a cinza da nossa memória.



ESTRADAS DAS LAGOAS

Ao longo da estrada das Lagoas
longas caravanas
de louros marinheiros
nos dias de Robin-Castle²¹

Quando as portas das palhotas se fecham
sob a amargura dos cajueiros
e os dragões da infância
os gala-galas nas mafurras
fogem

Eh! A mamanééé...
malimune?
— à vinte escudo
How much, lady? Riem...

(E as *ladies* foram princesas
abdicaram do seu reino de pureza
uma manhã de sol e fome)

E a longa caravana dos louros marinheiros
entra
da porta do sol nas Lagoas

Quando os mufanitas
no alto dos coqueiros
dão o alerta

Terra à vista...
terra à vista...

²¹ Companhia inglesa de navegação Robin-Castle.



Os zínco rasgam-se ao sol
as micaias eriçam revolta no ventre das mães
e o pó levanta a cólera dos moleques
foge com ela pelos quintais
geme nas bofetadas da senhora

Já a longa caravana de louros marinheiros
dispersa pelos *compounds*
destila mensal a febre do mar
nas princesas alambiques, que nem sabem chorar

(Oh! intranquila calma dos dias cheios de os esperar
Oh! impunes assassinos da paz!
Só deixam cinza podre nos olhos
Caroços de canho no olhar!...)

Até quando? Até quando?
virão os dias de Robin-Castle?
Até quando? Até quando?
Terra à vista... Terra à vista?

E o pó a crisar os dedos dos moleques que serão
futuros construtores
duma estrada livre nas Lagoas

E as mães gemendo hirtas
ao nascer de abrolhos
que serão revolta-carne
e o lodo nojento
nas lagoas da estrada futura
na estrada da vitória
na estrada liberdade
na estrada porta da vida!



Oh! Até quando correrão os dias
sem vidas com eles direitos ao sol
quietamente
sem o sobressalto dos dias de Robin-Castle?

Oh! Até quando chegarão os dias
sem que a porta do sol nas Lagoas
firmemente
se feche aos dias de Robin-Castle?

E a tranquilidade caia sob os cajueiros
onde as mãos gemam docemente
e os mufanas corram sem fugir
e um sol radioso
leve a paz sem sobressaltos

Oh! *ladies*
mufanas, moleques, cocuanas
Até quando? Até quando
terão entrada???

POEMA

Comprei o caminho por dois vinténs

(ai do homem chope
que compra caminho sem poder voltar)

No Rand as minas são escuras
densas de amargura

Os relâmpagos são chicotadas

Os desabamentos trovoadas

Têm um sugadouro de energia
um processo infalível de roubar a juventude



(ai do homem chope
que parte a caminho
sem direito a voltar)

Cada dia que corre alonga o regresso
cada msaho que chora é uma ferida que sangra sem estancar
e cada vez que pensa em escapar é uma semana na galeria sem sol

(ai do homem chope
que parte a caminho
e sabe que não vai voltar)

POEMA

O comboio que vem com as lúcidas nortadas
corta o veludo negro do cacimbo
e os homens nos *wagons* sabem a sangue
despertam as moscas do seu longo Inverno

Os homens nos *wagons*
com a saudade errada de um sabor que paira
um sabor de canho e mágoa

O comboio que vem com as nortadas
derrama na savana lentamente
o leite azedo
o leite espesso
o leite antigo de uma saudade de homens nos *wagons*

A saudade dos homens nos *wagons*
é cólera, revolta e dor

O comboio que volta durante as nortadas
fere o cacimbo da savana
com o gemido dos homens nos *wagons*.



FONSECA AMARAL

EVOCÇÃO

À Kathy

Lembras-te, Lina,
do beijo roubado entre girassóis
ou de quando íamos
de mãos dadas, meninos
ouvir as barcarolas
do marinheiro negro da praia?

Mamana Celina
não mais voltou à esquina da rua
com suas badgias picantes e castanhas de caju
e o negro coxo que jogava futebol
morreu numa noite de bebedeira

Lembras-te, Lina,
do moleque Fabião que nos trazia do mato
maçalas e amendoim?
É agora um velho alquebrado
à porta da palhota
embrulhado numa réstea de sol

Os nossos companheiros de outrora
se dispersaram também:
os meninos brancos trabalham nos escritórios
Zé mulato sonha Brasis e ritmos de samba
e o Gungunhana
vende frutas numa banca do bazar.

Lembras-te, Lina,
de quando quedávamos amarrados
ao sortilégio que nascia
duma marimba gemendo na noite
ou de quando ouvíamos atentos
negro Fabião bêbedo, a cantar?



Do Bairro novo que aqui nasceu
fugiram as timbilas chopes
e moleque Fabião não tem mais
força para cantar...

Lembras-te, Lina?

OUTRO POEMA PARA MISS SHEILLA

Nua,
ou vestida de lua,
sempre o sentido do poema em ti se perdeu
pois o símbolo desumano que te quis pura
em ti o fim desvaneceu.

O resto? Sorrisos estudados ao espelho,
menear de ancas, crises cíclicas,
o sortilégio miúdo de rendas e roupas de baixo,
ah! e a máquina de escrever
a apagar na memória
o leque e o sinalzinho postiço, de outrora.

1.º POEMA PARA LONGE DA LINGUAGEM

Lina,
distantes dezanove dias de água,
milhas marítimas que só a lembrança vence,
teus desvanecidos traços tento definir
pois de ti só possuo, intensamente, a imagem
de um lenço branco, acenando no cais.

Assim te completo com as quase delidas faces
dos companheiros de infância,
verdes rostos moldáveis na memória,



e os gestos e os modos e as falas
de todos os que, vivos ou mortos, se cerro os olhos
vejo e ouço...

Deste modo, escuto ainda
o trilo de flauta que
no recôncavo da mata à beira do córrego
pastorzinho negro ingenuamente improvisava,
a restolhada bravia dos dedos longos do vento
lascivamente despenteando a margem verde dos canaviais
– e vejo as barbudas figueiras bravas de ao pé do pomar
onde, nas tardes de Verão, a cega-rega das cigarras
nos ficava zunindo nos ouvidos.

E os rouxinóis...
Não, não e não!
Quero dar a tudo, coisas vivas ou inanimadas,
os saborosos nomes que juntos aprendemos, e não outros:
bokota, shikumbela, timbila, Zavala,
pois, só assim, poderei evocar
com as palavras mesmas que no alvoroço da descoberta
à boca nos acudiam
(Lina, Lina, um gala-gala naquela mafurreira!)
as nossas «grandes e terríveis aventuras».

Quando um dia, amiga, com doces termos
tivermos baptizado, escrito pela primeira vez
o nome de bichos e aves, rios e ruas,
gentes e gestos, danças e doces, frutos e factos
e os quisermos preservar na Arca-de-Noé da Poesia
será mais rico e colorido nosso canto

pois nós, gémeos no amor da transfiguração,
pegando numa irisada palavra
a voltaremos nas mãos como precioso diamante
ou como irmã mais nova
já que do ventre de nossa mãe a recebemos.



GLÓRIA DE SANT'ANNA

RIQUEXÓ

Eis a tua alma
horizontal.

Sol e flores
e ângulos de sombra,
são pequenos acasos
naturais.

(Não transportas também
por sobre a nuca,
os rins, os calcanhares,
palavras transversais?)

Existindo marcado.

Ela reclinada,
indirectamente sulcando
teus ombros destinados,
traz no olhar
claridades oblíquas
de povo de outra cor civilizado.

(Leva a alma
equilibrada
pelo clima emocional
do bordado inglês
da própria saia.)

E o teu filho
é um acidente
animal:
repetido e afastado.



XÁCARA

Na poeira meiga do caminho morno,
aquela negrinha,

(Quem era
por sob
o cílio suspenso
e o rosto sem nome?)

Na luz inclinada da tarde macia,
aquela negrinha todos os dias.

(Quem era
por sob
as densas ramadas
até lá longe?)

Na tarde cansada,
aquela negrinha...

(Quem foi o m'kunha
que a vestiu bonita
e fez de seus olhos
uma coisa antiga?)

Aquela negrinha na tarde cansada
correndo infantil de cílio suspenso,
de chita vermelha, de face voltada,
era mais feliz
do que eu penso.



DIA AFRICANO

Os corvos marcam
trajectórias largas pelo dia branco,
por sobre a cabeça
dos negros cantando.

Há vento disperso,
rasgando nas folhas das árvores altas,
melodias lentas
de antigas desgraças

E restos de luz
de um sol sugerido por neves quietas,
caem dos telhados
e batem nas pedras.

Tudo hoje é denso,
como uma gravura de atitude rítmica,
pousada nos vidros
cortada da Bíblia.



BATUQUE AO LONGE

Do fundo da noite
a mesma toada batendo.
(É noite de medo?)

A mesma toada por sobre os telhados,
trazendo mensagens que tombam desfeitas.

(Coladas aos vidros
há vozes de greda.)

A mesma toada roçando na porta,
batendo.

Por sobre as ramadas, calcando o capim,
em volta da serra, caindo do espaço,
em ecos de outrora por todos os lados.

NOCTURNO

Nas folhas,
uivando,
o vento
é de prata.

De prata
desfeita
sobre as horas
densas.

(Com duendes negros
arrastando poemas.)



GOUVÊA LEMOS

REPOUSO

Calmo como um entardecer
Já farto de saber
Quem sou,
Hei-de partir um dia,
Sem avisar ninguém.
Estará tudo acabado
E terá acabado bem.

Das minhas cinzas do mundo
Eu que morrerei queimado
Vou erguer-me, livre de tudo.
Sem querer estar ligado
A alguém.

E caminharei, sonâmbulo,
Até à praia infinita
De qualquer mar,
Despido, entrarei, devagar
Até me afogar
No mistério das coisas que há no fundo.

CANÇÃO DA ANGÓNIA

«Vê nerá, né verá, cufã?»²²

Visto a camisa lavada
e vou para o contrato.
Quem de nós,
quem de nós irá voltar?

²² Não foi possível identificar o sentido desta expressão.



Vinte e quatro luas,
sem ver as mulheres,
sem ver a minha terra,
sem ver o meu boi.

Quem de nós,
quem de nós irá morrer?

Visto a camisa lavada
e vou para o contrato,
trabalhar lá longe.

Vou para além da montanha,
para lá do mato,
onde acaba a estrada,
onde some o rio.

Quem de nós,
quem de nós irá voltar?
Quem de nós,
quem de nós irá morrer?

Veste a camisa lavada,
é hora de ir no contrato.
Entra, irmão, no vagão,
vamos andar noite e dia.

Quem de nós,
quem de nós irá voltar?
Quem de nós
quem de nós irá morrer?

Quem de nós,
quem de nós irá voltar
e ver as mulheres
e ver nossas terras
e ver nossos bois?

Quem de nós irá morrer?
Quem de nós?
Quem de nós?



MOMENTO DE POESIA

Anoitecia quando eu passei
Na doca dos pescadores.
Uma lanterna luzia à ré
Duma traineira sem nome.
A mancha dos mestres humildes
Sem nenhuma galhardia
Riscava de carvão
A cinza do anoitecer.
E parando-se a olhar
– Olhando somente o mar –
Eu parado não sabia
Se os homens são bons ou maus.
Passou um carro a zunir
E lá dentro vozes riam.
Depois fiquei só mais a noite
Mais os barcos e a lanterna,
Submersos em maresia.
Um vulto, de repente
Roubou a luz amarela
Àquele nocturno palpável.
– Oh! João! Já vais?...
De terra ninguém respondeu.
Só se ouviu de novo o mar.
E enquanto ali fiquei
– Preso ao mar e libertado –
Por mais que eu procurasse
Nenhuma ideia encontrei
– Nada que me lembrasse
Problemas sociais.
As palmeiras da avenida
Com o vento recitaram
Umas frases sem conceito.
E nada mais.



GUALTER SOARES

MANHÃ

É a manhã que vem
silhueta azul e branca
frescura doce de cana
flor de luz a desabrochar
Oh! Alvorada de diamante!

Oh, é a manhã que vem
silhueta azul e branca
missanga de sol e promessa!

MC GEE

Conhecem Mc Gee²³?
Lá no Norte
mataram Mc Gee.
Para a cadeira eléctrica
mandaram Mc Gee.
Porquê?
– Foi o álcool

– Violou uma loira...
– Foi o álcool...

Ajoelhada num canto da Igreja
Toda a noite a mãe rezou
dentro dela é um mundo que lateja

²³W. Mac Gee, negro Americano, acusado de ter violado uma mulher branca, foi executado na cadeira eléctrica em 1951. Subsistiam, no entanto, dúvidas quanto às provas apresentadas em tribunal.



Mas não te espantes.
Também aqui
há céu, há lua, há terra
os velhos sonhos, os velhos cantos
por isso não te espantes
que os olhos da gente
se volvam de frente
para tudo que passa
e um dia no sol quente
de novo o sonho se faça.





GUILHERME DE MELO

MONOMOCAIA!

Quem foi que na noite longa
pôs a longa voz do vento
uivando por sobre o mato?

Quem foi que nas águas mansas
da baía de aguarela
pôs raivas, gritos e espuma?

Quem foi que nos leques doces
das recortadas palmeiras
pôs bailados de loucura?

Quem foi que nos olhos grandes
dos negrinhos cor da noite
vazou mundos de terror?

Quem foi que nos vidros frágeis
das janelas sem mistério
pôs o mistério da morte?

Quem foi que rasgou a noite
num grito feito de gritos
e apagou no traçado
dos carreiros que há na selva,
a marca humilde dos pés
dos negros que os palmilhavam?

Vem!

Horrendamente enorme,
grotesco e brutal,
informe,
vem!

Vem vestido da noite, cor de breu,
galgando sobre a terra e pelo céu.
Vem galopando e uiva e rodopia
e ri às gargalhadas, assobia,



enterra os dedos bruscos, sensuais,
na grenha esfarrapada das palmeiras.
Senhor e rei dos loucos vendavais,
a si próprio se morde, em seu açoite,
rasgando-se aos pedaços, numa orgia,
bailando entre os rochedos cor da noite.

E enquanto vem e sopra e uiva e canta,
dizem os negros, tontos de pavor,
que é o Demónio, fero, alucinado,
em busca de qualquer estranha donzela
que viu na praia, nua, à luz da lua,
e no peito lhe pôs confuso o amor.
Dizem os negros que é Satã, irado,
gritando pelas ruas, a espumar,
espreitando pelas portas, à janela,
mordendo a terra e revolvendo o mar,
buscando em desespero a virgem nua
que viu na praia, num batuque à lua.

Passa no seu corcel da cor da morte
levando de vencida o sonho, a esperança,
a súplica, a pureza, a oração,
passa ébrio de sangue e corre, avança,
fantástico, sem bússola, sem norte.
Crescem as ondas a golfarem espuma
e o mar rasteja, a arrebatando os barcos
– enquanto pelas ruas, uma a uma,
galopa, rola, salta e assobia,
revoltos os cabelos na loucura,
torvo o olhar, na boca a baba fria,
cheirando a mato, a feras e a praia,
a gargalhar num eco que perdura,
Satã envolto na Monomocia!



BALADA PARA A VELHA ILHA

Horas mortas, quando o luar passeia,
As brancas tranças desfeitas, pela areia,
Há sombras do passado a deslizar
Por entre os muros, no cimo dos portais,
Nas rochas e nas pedras carcomidas,
Contando histórias velhas, já perdidas
Na distância e na bruma do não-mais.
Tinem ferros, há vozes e canções,
Soluços e murmúrios de orações
(Há quem afirme e teime que é o mar...)
Subindo em espirais feitas de mistério
Ao encontro dos passos de quem passa.

Ecos dispersos de um longínquo império,
roçar de sedas nos salões desertos
dos seculares palácios sem viv'alma.
E dizem que de túmulos abertos
Surgem guerreiros, bispos e donzelas
Que vão depois seguindo, à luz da lua,
Tateando as paredes, rua em rua,
Até que a aurora venha e se debruce
Em rubores de menina, pelas janelas.

E dizem mais... e contam ... e afirmam...
(Bem sei que é lenda. É lenda e fantasia
– Mas que seria a vida sem o sonho ?
E que seria de uma velha ilha
Sem o perfume, a estranha maravilha,
Da lenda a envolvê-la em poesia?...)



POEMA

Anda, vá, conta uma história
conta uma história qualquer,
conta lá, mamana Elisa

«Uma vêgi uma mulher
ficou triste, triste, triste,
qui nunca mais tinha filho...»
(Mamana: a tristeza existe?
existe, mamana? existe?)
«Homi não qu'ria mais ela
porqui filho não nascia...»
(Que história!... Não gosto dela,
não era essa que eu queria...)
«Está bem, eu vai contar
aquela... da flor de rosa
qui vinha à noite dançar...»

Mas óia, minino, óia
qui tu já tem muita idade...
Porque é qui tu nunca gosta
da história qui são virdade?...»

BALADA

Marrusse, menina,
de corpo gingado,
o rosto caiado
de pau de mussiro.
Marrusse, menina,
na ponta da Ilha,
olhando a distância.



Já desde a infância
sonhando que um dia
um branco, Mekunha,
a há-de encontrar
na ponta da Ilha
e panos bonitos
lhe há-de oferecer,
e a há-de levar
para a terra que fica
do lado de lá,
em frente do mar.
O tempo a correr,
os anos passando,
Mekunhas partindo,
Mekunhas chegando,
marrusse, menina,
andar meio gingado,
o rosto caiado
de branco mussiro,
na Ilha ficando,
seu corpo vendendo,
seu corpo entregando,
à espera do branco
que a há-de levar
à terra que fica
em frente do mar...



ILÍDIO ROCHA

CÂNTICO DE UM NOVO MUNDO

Caminhos de areia solta

E terras do fim do mundo
Aqui estou eu

Árvores gigantes dobrai-vos
Pássaros tagarelas calai-vos
Quem fala agora aqui
Já que vivi
É a voz do meu cantar
O amor do meu amor

Caminhos de areia solta

E terras do fim do mundo
Aqui estou eu

Para o vento e para o mar
Deixam os bichos de andar
Os homens vão-se embora
Daqui para fora
Que eu vou falar
E cantar

Caminhos de areia solta

E terras do fim do mundo
Aqui estou eu

Deixem-na passar florestas
E que tudo sejam festas
É uma mulher toda nua
Beleza rude da rua
Ela vem para dançar
O meu cantar e falar



Caminhos de areia solta
E terras do fim do mundo
Aqui estou eu

Harpas e violinos
Belos corais de meninos
Cenários de fogo e terra
Trombetas de fim de guerra
É ela que vai dançar
E sou eu que vou cantar

Caminhos de areia solta
E terras do fim do mundo
Aqui estou eu

Rebentem no ar os medos
Acabem os arremedos
Arrasem-se as falsidades
E as torpes velhas cidades
Que ela dance
Até que canse

Caminhos de areia solta
E terras do fim do mundo
Aqui estou eu

Música nos mares e ares
Azáfama nos teares
Os fornos cheios de pão
Muitas flores pelo chão
E ela sempre a dançar
Enquanto eu não calar

Caminhos de areia solta
E terras do fim do mundo
Aqui estou eu



Trombetas vamos mais fortes
A morte agora é a morte
E não mais fruto de guerra
Reina a paz em toda a terra
Por isso a festa
E o canto da floresta

Caminhos de areia solta
E terras do fim do mundo
Aqui estou eu

Morreram os falsos homens
E todos os lobisomens
Os reis da fome e da guerra
Por isso a paz sobre a terra
E as cordas dos enforcados
Enfeitam nossos telhados

Caminhos de areia solta
E terras do fim do mundo
Aqui estou eu

Quando presos os levámos
E depressa os enforcámos
As flores de todo o mundo
E as algas do mar sem fundo
Deram tal grito de amor
Que eles nem sentiram dor

Caminhos de areia solta
E terras do fim do mundo
Aqui estou eu

É que as flores bem sabiam
As canções que assim nasciam
Canções alegres e belas



Luz a jorros pelas janelas
Pão, amor e liberdade
Para toda a humanidade

Caminhos de areia solta

E terras do fim do mundo
Aqui estou eu

E agora que pare a dança
Da mulher que já se cansa
És tu a mulher primeira
A beleza verdadeira
Anda comigo pela terra
Dizer que acabou a guerra

Caminhos de areia solta

E terras do fim do mundo
Aqui estou eu
Eu e a mulher primeira
Nua, pura e verdadeira
Que tudo o resto morreu.

POEMA

Pés descalços
pisam caminhos de areia

Pés descalços
pisam sujos caminhos de areia

Pés cansados negros e descalços
pisam tristes sujos caminhos de areia

Pés negros
pisam tristes caminhos da vida



JOSÉ CRAVEIRINHA

VELHA CANTIGA

Canto

Pássaro amarelo de mato verde

Que mãe ensinou nome

E avô descobriu segredo de cantiga

Na boca grossa que vinho de caju queimou.

(Ah, Joaquim rei do mundo na cantina do china!)

Mas canto

Música de mulato asa amarrada

Nome de pai nome e mais nada

Ô... Ô... farinha dói barriga mas faz batuque.

Canto

Cantiga que cocuana cantou a lua em cima da palhota

E mãe ensinou nome que avô chamou

Tempo de passarinho amarelo morrer

Na ratoeira em flor

Sol puxando sombras na esteira

As raparigas no caminho do rio e cantando.

(Ah, mulato, nascer é bom?

É bom, nascer mulato?)

E canto

Cantiga velha de passarinho de mato verde

Que mãe ensinou nome

Que mãe ensinou nome

E sangue não esqueceu!



ELEGIA A AVÓ FANISSE

Fanisse era minha avó
E sombra de canho no caminho de areia
Traz recordação de velha capulana de riscado
Com amendoim e milho maduro
E machamba de michanfutene
A dois gritos de paragem do camião.

Fanisse nasceu nos meus olhos mulatos
E morreu
Chicomo e velhice
Batata doce castanha de caju
Esteira debaixo da mangueira
História de coelho à volta da fogueira
Reza de landim
E lua grande no sítio do coração.

Ninguém zangou avó Fanisse
Ninguém cuspiu sina de Fanisse
Ninguém sonhou mandioca
Ninguém bateu
Ninguém matou Fanisse.

Português abriu estrada na machamba
Buzina de Thornicroft ²⁵
Espantou cabrito de cocuana Mahota
Passarinho de bico encarnado
Fugiu!

Ninguém cuspiu
Ninguém bateu avó Fanisse
Ninguém matou!

Fanisse morreu!

²⁵ Marca de camião.



CÂNTICO A UM DEUS DE ALCATRÃO

Máquina começou trabalhar
Com sol
Com chuva
Com farinha e feijão
Máquina começou abrir chão.

Lua escondeu coração
Saiu ouro
Saiu pedra de lapidação
Saiu barco cheio de máquina no porão
Saiu notícia de Emmet Till²⁶ boneco de carvão
Saiu Cadilque de patrão

Máquina começou trabalhar
com farinha de pilão
Nasceu milho, nasceu machamba de feijão
Nasceu máquina grande no deus de alcatrão.

Máquina começou trabalhar
com farinha de pilão!...

CANTIGA DO NEGRO DO BATELÃO

Se me visses morrer
Os milhões de vezes que nasci

Se me visses chorar
Os milhões de vezes que te riste...

²⁶ Emmett L. Till (1941-1955) foi um menino afro-americano, originário de Chicago, Illinois, assassinado aos 14 anos na pequena cidade de Money, Mississippi, por ter, alegadamente, assobiado a uma mulher branca.



Se me visses gritar
Os milhões de vezes que me calei...

Se me visses cantar
Os milhões de vezes que morri
E sangrei...

Digo-te irmão europeu

Havias de nascer
Havias de chorar
Havias de cantar
Havias de gritar
E havias de morrer
A sangrar...
Milhões de vezes como eu!!!

QUERO SER TAMBOR

Tambor está velho de gritar
Ó velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
corpo e alma só tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

E nem flor nascida no mato do desespero
Nem rio correndo para o mar do desespero
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero

Nem nada!

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra!



Eu!
Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala
Só tambor velho de sangrar no batuque do meu povo
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Ó velho Deus dos homens
eu quero ser tambor
e nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.

Só tambor ecoando como a canção da força e da vida
Só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até à consumação da grande festa do batuque!

Oh, velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor!



JORGE VILLA

ENTRE O MACÚTI E SOFALA

Entre o Macúti e Sofala
Todo o mar é uma lembrança:
– Cada navio que chega
Traz meus sonhos de criança!

Traz meus sonhos de criança
Que eu nunca chego a viver!
– Os sonhos morrem na praia
Onde as ondas vão morrer!

Os sonhos morrem na praia
– morre na praia a esperança –
Entre o Macúti e Sofala
Todo o mar é uma lembrança...

Minha vida de criança
ai quem pudera encontrá-la!

(Todo o mar é uma lembrança
entre o Macúti e Sofala...)

TRILOGIA DO MENINO NEGRO

Menino negro tens uns olhos grandes
uns olhos grandes como a terra inteira!
– Tudo quanto apetece se resume
na sombra da palmeira!

Na sombra da palmeira, com brinquedos
e grinaldas que os troncos lhe vão dando!
– Menino negro é senhor do mundo
e vai brincando, brincando...



Menino negro cresceu. E deixou
a sombra da palmeira que foi sua!
E crescendo foi homem. E sonhou
cada vez que no céu mudou a lua!

Teve mulher e filhos. E ambições.
Foi trabalhar nas minas. Adoeceu
e voltou.

– Que não cresceu ilusões
além da sombra amiga onde nasceu!

Menino-homem-velho – e morreu.
– No céu mais uma vez mudou a lua...
A terra inteira é outra vez sua!

A sombra da palmeira, com brinquedos
e grinaldas que os troncos lhe vão dando!
O menino que já não é menino
lá vai sonhando, sonhando ...

CANÇÃO LIVRE DA ZAMBÉZIA

Menina mista é triste, sempre triste.

São os seus lábios Primaveras tristes
Onde nunca floriram buganvílias!
E em suas veias corre o sangue negro
Que os homens brancos dizem ser pecado!

(Não disseram porquê os homens brancos
Não disseram porquê era pecado...)

Só disseram que tinha sangue negro
e puseram-na de lado!

Reinos longos dos longes da Zambézia!
Rio dos Bons-Sinais! Entardecer!



KALUNGANO²⁷

OFERENDA

À minha Mãe

O Sol,
nas pedras pequeninas dos carreiros,

O vento,
na agitação das árvores das florestas,

Os rios,
nas veias largas da terra morna,

são a oferenda
que o teu filho te traz,
nos sonhos guardados,
desde os tempos longínquos
da sua infância,
na recordação que se aviva,
constantemente,
através do contínuo e imperioso
desejo de viver;

São a grinalda das flores de milho
que o teu filho
depõe sobre a tua fronte
no dia da tua festa,

no teu dia, mamã!

Como nos dias
em que as minhas traquinices
não te arrelhiavam,

²⁷ Marcelino dos Santos na edição de 1960.



eu venho hoje repousar a minha cabeça
no teu colo

e adormecer embalado

no baloiçar dos barquinhos
que as ondas dos lagos dos teus olhos
levavam para longe,
nos sonhos que os teus braços
construíam para Nós.

Eis-me agora aqui,
Mãe,

pedras dos carreiros,
transportando as carnes nuas
dos teus pés fatigados,

árvores,
cobrindo-te nos teus braços
e envolvendo-te na sombra
do teu repouso impossível,

rios,
correndo na planície do teu corpo,
banhando as tuas mãos,
dádiva à terra
onde tu nasceste.

Eis-me agora aqui,
Mãe!



SONHO DE MÃE NEGRA

À minha Mãe

Mãe negra
Embala o seu filho
E na sua cabeça negra
Coberta de cabelos negros
Ela guarda sonhos maravilhosos

Mãe negra
Embala o seu filho
E esquece
Que o milho já a terra secou
Que o amendoim ontem acabou

Ela sonha mundos maravilhosos
Onde o seu filho iria à escola
À escola onde estudam os homens

Mãe negra
Embala o seu filho
E esquece
Os seus irmãos construindo vilas e cidades
Cimentando-as com o seu sangue

Ela sonha mundos maravilhosos
Onde o seu filho correria na estrada
Na estrada onde passam os homens

Mãe negra
Embala o seu filho
E escutando
A voz que vem de longe
Trazida pelos ventos



Ela sonha mundos maravilhosos
Mundos maravilhosos
Onde o seu filho poderá viver.

XANGANA, FILHO POBRE...

Nas minhas veias
corre o sol da terra austral
cor de fogo e vulcão
em floresta de leão

e o rio avança na paisagem
em curvas altas
tumultuosas
contra o acre
destino adverso

ou em alegre ondular
se Xangana vem nadar

As árvores erguem troncos fortes
e suas copas verdes e largas
se abrem cobrem e abraçam Xangana
filho pobre do meu país

Xangana
filho de Moçambique
nasceu pobre
e nunca foi à escola

No entanto

quando o rio enfurecido
ecoa nas palhotas
e no ar verde-amarelo de caju
vai pelos campos e florestas
a voz que eu oiço e o vento leva



é a voz longa de Xangana
filho pobre de terra rica
que cantando vem gritando

Ó sol do meu país
ó sol de Moçambique
filho esquecido nasci pobre
sobre a terra de meus pais

Baila ó sol do meu país
baila sobre a terra
de mangueiras e cajueiros
do alto das copas verdes
de novo eu serei rei.

AQUI NASCEMOS

Ao meu Irmão

I
A terra onde nascemos
Vem de longe
com o tempo

Nossos avós
nasceram
e viveram nesta terra

e como ervas de fina seiva
foram veias em corpo longo
fluido rubro perfume terrestre

Árvores e granitos erguidos
seus braços
abraçaram a terra
no trabalho quotidiano



e esculpindo as pedras férteis
do mundo a começar
em cores iniciaram
o grande desenho da vida

II
E foi também
aqui
que eu e tu nascemos

Terra quente
de sol nascente

Terra verde
de campos plenos

Terra meiga
de colo largo

foi a nós
que se entregou
cheia de vida
e amorosa ânsia

III
Crescemos embalados
no canto do chirico
e brotando assim na planície humana
tão fundo impulso germinou
ondas fecundas de cristal

E quando o vento
vergasta o firmamento
e a espada cai
e rasga os corpos



o horror tinge
a face crua

o nosso amor não treme

Esta é a terra
onde nascemos

seu sofrer
é nossa dor

e a nuvem fel de agora
é momento doloroso
que a chuva há-de secar

IV
Nossa terra é de esperança
aberta ao franco amplexo

Na esteira dos passos dados
vão brilhando círculos livres

e como irmãos mais novos
de um século mais velho
vamos levando em largas mãos
a herança dos nossos avós

e com folhas do coração
continuar a obra humana
o grande desenho da vida.



MANUEL F. MOURA COUTINHO

EPIGRAMA AFRICANO

O vento ergueu as mãos e disse:
— «*As acácias negras estão a chorar*». —
O vento não fala nem as acácias choram
E contudo o vento ergueu as mãos e disse:
— «*As acácias negras estão a chorar*». —

Feras, homens e aves ouviram
A voz do vento
E viram também, brilhantes as lágrimas das acácias;
Feras, homens e aves olharam para o céu
Que estava límpido,
Olharam para o mar que estava longe
E repetiram
Que o vento não fala nem as acácias choram
... mas choravam!

UM IGUAL A UM

I
Conheci hoje o negro que há em mim
e que vive no meu peito ignorado
sob uma pele branca de europeu.
Aquele negro que se dá ao Jorge Amado
e que hoje se me deu.
Negro
que onde quer que esteja
e onde quer que viva,
é sempre um negro que deseja
continuar a ser negro.
— «*Sou negro:
negro como é negra a noite,*



*negro como as profundezas
d'África»²⁸*

Irmão sempre colonial
que não é igual
na cor.

Negro Guillén, Hughes, Villa, Huerta,
negro intelectual.

José, meu pobre negro engraxador...!

II

Pois é verdade, conheci o negro que há em mim
e senti os açóites

que durante sete dias e sete noites

lhe infligiram os Ku Klux Klan.

E com a alma em chaga

das f'ridas que ele tinha pelas costas

cantei nos morros do Rio e da Baía .

e entre gangsters, sob o céu de Nova Iorque,

Um dia

(Na poesia a noite é sempre dia)

o negro correu mundo.

Por estradas sem fim, pelas águas sem fundo,

iniciou-me em suas dores, alegrias e mistérios.

Eu cantei, ele cantou...

Gememos lado a lado em hospitais

chorámos lado a lado em cemitérios.

Eu cantei, ele cantou...

«O nosso canto

é como um músculo sob a pele da alma

o nosso singelo canto»²⁹,

O mundo um dia triste nos chamou,

e nós fomos.

²⁸ Do poema "Negro", de Langston Hughes.

²⁹ Do poema "Llegada" (Chegada), de Nicolás Guillén.



... E ambos sobre as torres de Berlim,
eu e mais o negro que há em mim,
mostrámo-nos iguais e o que somos.

Nossa palavra foi igual, sem cor, sem raça
inteligível p'ra toda a Humanidade
ambos pronuncíamos: « FRATERNIDADE! »

III

Conheci hoje o negro que há em mim
e que vive no meu peito ignorado
sob uma pele branca de europeu.
Aquele negro que se dá ao Jorge Amado
e que hoje se me deu.

O AMOR, A PAZ...

De mim e dos outros: o amor, a paz.
Longas são as guerras, duras de sofrer;
De mim e dos outros – haja a luta a forma
de arranjar a esperança para as combater.

De mim e dos outros: a paz, o amor.
Breves são os dias, tristes sem abraços;
De mim e dos outros – aos fortes desejos
De nosso sentir abramos os braços.

A mim e aos outros: pombas e flores
Perfumando estradas, alegrando o ar.
Para mim, p'ra todos, hoje e amanhã
Criemos certezas
De vida que temos p'ra continuar.



NOÉMIA DE SOUSA

POEMA DA INFÂNCIA DISTANTE

A Rui Guerra

Quando eu nasci na grande casa à beira-mar,
era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico.
Gaivotas pairavam, brancas, doidas de azul.
Os barcos dos pescadores indianos não tinham regressado ainda
arrastando as redes pejudas.
Na ponte, os gritos dos negros dos botes
chamando as mamas amolecidas de calor
de trouxas à cabeça e garotos ranhosos às costas
– soavam com um ar longínquo,
longínquo e suspenso na neblina do silêncio.
E nos degraus escaldantes,
mendigo Mufasini dormitava, rodeado de moscas.

Quando eu nasci...
– Eu sei que o ar estava calmo, repousado (disseram-me)
e o sol brilhava sobre o mar.
E no meio desta calma fui lançada ao mundo,
já com meu estigma.
E chorei e gritei – nem sei porquê.
Ah, mas pela vida fora,
minhas lágrimas secaram ao lume da revolta.
E o sol nunca mais me brilhou como nos dias primeiros
da minha existência,
embora o cenário brilhante e marítimo da minha infância,
constantemente calmo como um pântano,
tenha sido quem guiou meus passos de adolescente,
– meu estigma também.
Mais, mais ainda: meus heterogêneos companheiros
de infância.



Meus companheiros de pescarias
por debaixo da ponte,
com anzol de alfinete e linha de guita,
meus amigos esfarrapados de ventres redondos como cabaças,
companheiros nas brincadeiras e correrias
pelos matos e praias da Catembe,
unidos todos na maravilhosa descoberta dum ninho de tutas,
na construção duma armadilha com nembo,
na caça aos gala-galas e beija-flores,
nas perseguições aos xitambelas sob um sol quente de Verão...
– Figuras inesquecíveis da minha infância arrapazada,
solta e feliz:

meninos negros e mulatos, brancos e indianos,
filhos da mainata, do padeiro
do negro do bote, do carpinteiro,
vindos da miséria do Guachene
ou das casas de madeira dos pescadores.

Meninos mimados do posto,
meninos frescalhotes dos guarda-fiscais da Esquadrilha
– irmanados todos na aventura sempre nova
dos assaltos aos cajueiros das machambas,
no segredo das maçalas mais doces,
companheiros na inquieta sensação de mistério da «Ilha dos navios
[perdidos]»
– onde nenhum brado fica sem eco.

Ah, meus companheiros acorados na roda maravilhada
e boquiaberta do *karingana wa karingana*
das histórias da cocuana do Maputo,
em crepúsculos negros e terríveis de tempestade
(o vento uivando no telhado de zinco,
o mar ameaçando derrubar as escadas de madeira da varanda
a casuarina gemendo, gemendo,
oh inconsolavelmente gemendo,



acordando medos estranhos, inexplicáveis
nas nossas almas cheias de xituculumucumbas desdentadas
e reis Massingas virados gibóias...)

Ah, meus companheiros me semearam esta insatisfação
dia a dia mais insatisfeita.
Eles me encheram a infância do sol que brilhou
no dia em que nasci.
Com sua camaradagem luminosa, impensada,
sua alegria radiante,
seu entusiasmo explosivo diante
de qualquer papagaio de papel feito asa
no céu dum azul tecnicolor,
sua lealdade sem código, sempre pronta,
– eles encheram minha infância arrapazada
de felicidade e aventura inesquecíveis.

Se hoje o sol não brilha como no dia
em que nasci, na grande casa
à beira do Índico,
não me deixo adormecer na escuridão.
Meus companheiros me são seguros guias
na minha rota através da vida
Eles me provaram que «fraternidade» não é mera palavra bonita
escrita a negro no dicionário da estante:
ensinaram-me que «fraternidade» é um sentimento belo, e possível,
mesmo quando as epidermes e a paisagem circundante
são tão diferentes.

Por isso eu CREIO que um dia
o sol voltará a brilhar, calmo, sobre o Índico.
Gaivotas pairarão, brancas, doidas de azul
e os pescadores voltarão cantando,
navegando sobre a tarde ténue.



E este veneno de lua que a dor me injectou nas veias
em noites de tambor e batuque
deixará para sempre de me inquietar.

Um dia,
o sol inundará a vida.
E será como que uma nova infância raiando para todos...

CARTA

Ao J.M.

Companheiro branco,
desterrado no bojo negro dum navio
a caminho de portos desconhecidos e hostis:
Quero trazer-te com meu poema
um sorriso da nossa terra estranha
mãe negra submissa e doce,
embalando às costas seus filhos de todas as raças...
Quero que lá nessas paragens longínquas,
perto dessa multidão anónima e distante
– dessa multidão branca e diferente –
sintas que teus irmãos te não abandonaram,
que continuam de lanças na mão,
peito aberto a todos os combates de rua.

Companheiro branco,
de sorriso de abraço,
de olhos claros de esperança.
Não queremos que te fiques no caminho...
vencido e cansado, sem um carinho...
Que tu mesmo nos ensinaste
que o Povo é sempre Povo, em qualquer pedaço do mapa!
Portanto, que importa que estejas cá ou lá,
se a luta é a mesma em toda a parte?



Só nós poderemos ranger os dentes
e fechar os punhos,
só nós podemos gritar e revoltar-nos
porque fomos roubados!

Porque nos roubaram o nosso irmão mais velho;
aquele que conhecia todos os trilhos abertos na mata
– os melhores e os piores...
Aquele que não receava as mambas dos caminhos,
que trazia o archote na mão
e era mais valente que todos os soldados juntos
do chefe Maguiguana...
Aquele que nós amávamos,
aquele irmão branco
que afinal não era branco nem negro,
porque era simplesmente irmão!

Ah companheiro branco,
mandamos-te com este poema a nossa alma em gratidão...
Mas tu, volta depressa!
Regressa aos nossos braços famintos,
vem espevitar com tua dura palavra de lutador
o lume da fogueira que acendeste naquela noite fria,
quando nos estendeste tua mão aberta de jovem
e nos trouxeste a luminosa certeza da nossa redenção!

SE ME QUIERES CONHECER

Se me quiseres conhecer,
estuda com olhos bem de ver
esse pedaço de pau preto
que um desconhecido irmão maconde
de mãos inspiradas
talhou e trabalhou
em terras distantes lá do Norte.



Ah, essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida,
boca rasgada em feridas de angústia,
mãos enormes, espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
pelos duros chicotes da escravatura...
Torturada e magnífica,
altiva e mística,
África da cabeça aos pés,
– ah, essa sou eu!

Se quiseres compreender-me
vem debruçar-te sobre minha alma de África,
nos gemidos dos negros dos cais
nos batuques frenéticos dos muchopes
na rebeldia dos machanganas
na estranha melancolia se evolvendo
duma canção nativa, noite dentro...

E nada mais me perguntes,
se é que me queres conhecer...
que não sou mais que um búzio de carne
onde a revolta d'África congelou
seu grito inchado de esperança.

NEGRA

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos
para elas só de mistérios profundos,
de delírios e feitiçaria...
Teus encantos profundos de África.



Mas não puderam.
Em seus formais e rendilhados cantos,
ausentes de emoção e sinceridade,
quedas-te longínqua, inatingível,
virgem de contactos mais fundos.
E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,
jarra etrusca, exotismo tropical,
demência, atracção, crueldade,
animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados
foste tudo, negra...
menos tu.
E ainda bem.
Ainda bem que nos deixaram a nós,
do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,
sofrimento,
a glória única e sentida de te cantar
com emoção verdadeira e radical,
a glória comovida de te cantar, toda amassada,
moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE.

APELO

Quem terá estrangulado a voz cansada
de minha irmã do mato?
De repente, seu convite à acção
perdeu-se no fluir constante dos dias das noites.
Já não me chega todas as manhãs,
fatigada da longa caminhada,
quilómetros e quilómetros sumidos
no eterno pregão: *MACALA!*



Não, já não me vem, molhada ainda da cacimba,
ajoujada de filhos e resignação...
Um filho nas costas e outro no ventre
– sempre, sempre, sempre!
E um rosto resumido no olhar sereno,
um olhar que não posso recordar sem sentir
minha pele e meu sangue desfraldarem-se, trémulos,
palpitando descobrimentos e afinidades...
– Mas quem terá proibido seu olhar imenso
de vir alimentar-me esta fome de fraternidade
que minha mesa pobre não consegue nunca saciar?

Iô mamanê, quem terá fuzilado a voz heróica
de minha irmã do mato?
Que desconhecido e cruel cavalo-marinho
a terá fustigado até matá-la?
– A seringueira do meu quintal está florida.
Mas há um mau presságio em suas flores roxas,
em seu perfume intenso, bárbaro;
e a capulana de ternura que o sol estendeu
sobre a leve esteira de pétalas
aguarda desde o Verão que o filhinho de minha irmã
se venha nela deitar...
Em vão, em vão,
e um chirico canta, canta, poisado no caniço do quintal,
para o filhinho de minha irmã ausente,
vítima das madrugadas nevoentas do mato.

Ah, eu sei, eu sei: da última vez, havia um brilho
de adeus nos olhos ternos,
e a voz era quase um sussurro rouco,
desesperado e trágico...



Ó África, minha mãe-terra, diz-me tu:
Que foi feito de minha irmã do mato,
que nunca mais desceu à cidade com seus filhos eternos
(um nas costas, um no ventre),
com seu eterno pregão de vendedora de carvão?

Ó África, minha mãe-terra,
ao menos tu não abandones minha irmã heróica,
perpetua-a no monumento glorioso dos teus braços!

«DEIXA PASSAR O MEU POVO»

Noite morna de Moçambique
e sons longínquos de marimbas chegam até mim
– certo e constantes –
vindos nem eu sei donde.
Em minha casa de madeira e zinco,
abro o rádio e deixo-me embalar...
Mas vozes da América remexem-me a alma e os nervos.
E Robeson e Marian³⁰ cantam para mim
spirituals negros de Harlem.
Let my people go
– Oh deixa passar o meu povo!
dizem.
E eu abro os olhos e já não posso dormir.
Dentro de mim, soam-me Anderson e Paul
e não são doces vozes de embalo.
Let my people go!

Nervosamente,
eu sento-me à mesa e escrevo...
(Dentro de mim,

³⁰ Marian Anderson, cantora lírica norte-americana de blues e espirituais (ver página 144).



deixa passar o meu povo,
oh let my people go...)
E já não sou mais que instrumento
do meu sangue em turbilhão
com Marian me ajudando
com sua voz profunda – minha Irmã!

Escrevo ...
Na minha mesa, vultos familiares se vêm debruçar.
Minha Mãe de mãos rudes e rosto cansado
e revoltas, dores, humilhações,
tatuando de negro o virgem papel branco.
E Paulo, que não conheço
mas é do mesmo sangue e da mesma seiva amada de Moçambique,
e misérias, janelas gradeadas, adeuses de magaiças,
algodoais, e meu inesquecível companheiro branco,
e Zé – meu irmão – e Saúl,
e tu, Amigo de doce olhar azul,
pegando na minha mão e me obrigando a escrever
com o fel que me vem da revolta.
Todos se vêm debruçar sobre o meu ombro,
enquanto escrevo, noite adiante,
com Marian e Robeson vigiando pelo olho luminoso do rádio
– *let my people go*
oh let my people go!

E enquanto me vierem de Harlem
vozes de lamentação
e meus vultos familiares me visitarem
em longas noites de insónia,
não poderei deixar-me embalar pela musica fútil
das valsas de Strauss.
Escreverei, escreverei,
com Robeson e Marian gritando comigo:
Let my people go,
OH DEIXA PASSAR O MEU POVO!



NUNO BERMUDES

ODE

Sei que o levas nos teus braços
tão docemente guardado
como um filho.

O sol virá, enfim, sobre os teus olhos
desenhar não sei que traços,
aquecer não sei que sonhos.
Hás-de abrir então os braços
no gesto desanimado
de quem aceita o fim
como um porto onde não há barcos,
onde não há docas nem gaivotas,
nem mar até para o sulcar das quilhas...
Mas o que levas nos teus braços,
quente e palpitante como uma criança,
vivo e finito como um caminho sem passos,
ah!, o que levas nos teus braços,
essa crença em todas as estradas,
em todas as bandeiras, em todas as línguas,
em todos os sorrisos, em todas as fés,
em todos os deuses,
em todos os demónios, em todos os paraísos
e infernos,
em todas as terras lavradas,
em todos os gritos, em todas as lágrimas,
em todos os veleiros que partem para o sonho,
em todas as férias passadas na província,
em todos os jardins que ficam para lá das grades,
em todas as mãos que se te estendem
ou que te afastam,



esse teu querer acreditar, apesar de tudo
e contra tudo,
que a esperança há-de sorrir-te nesse dia,
sabendo de antemão que esse dia não virá,
sim!, sei que o levas nos teus braços
tão docemente guardado
como um filho.
Sei, porque os teus olhos são dois sóis
de Primavera
que reflectem céus tranquilos e quietos,
sei que as lágrimas dos órfãos e os sorrisos
misteriosos dos mortos
são coisas sem sentido para ti
que preferes o dia à noite
e amas a chuva batendo nas janelas do teu quarto
que tem aquecimento central
e uma mesinha ao meio com revistas coloridas da Suíça...
Mas sabe tu que à tua roda
nem todas as estradas são vazias de passos,
nem todas as bandeiras hasteiam ideais,
nem todas as línguas falam as mesmas palavras,
nem todos os sorrisos estão nos lábios das crianças,
nem todas as fés ardem no mesmo altar,
nem todos os deuses fazem milagres,
nem todos os demónios acenam com promessas,
nem todas as terras lavradas serão searas,
nem todos os gritos pedem justiça,
nem todas as lágrimas são fervorosamente vertidas,
nem todos os veleiros partem para o sonho,
nem todos têm uma província para as suas férias,
nem todas as grades ocultam jardins,
nem todas as mãos que se te estendem
ou que te afastam
te querem realmente ou te repudiam de verdade...



Sabe tu ...
Mas prefiro que não saibas!
Prefiro-te, ignorante e casta,
a apodrecer de esperança
ante a paz fotografada e colorida de uma paisagem da Suíça...

CRIME PERFEITO

Esqueci os meus poetas favoritos
Que irremediavelmente adormeceram
À minha cabeceira.
Esqueci-os e esqueci-me
Que deles é que a esperança vinha
(Nem sempre...)
Acender a noite do meu desespero.

Mas eu hoje, companheiros,
Já nem sequer me desespero
E com Ellery Queen
É que me encontro todos os dias
A horas certas e quietas.
Prefiro um crime medíocre
A um poeta perfeito
E contra isto só a hipótese
(Infelizmente remota)
De nascer de novo
E de novo me conseguir comover
Com a «Carta de Amor»
De José Régio.

É África – dizem-me alguns
E eu faço por acreditar
Porque é mais cómodo



E tira-me a insónia.
África é um motivo e com ele
Me justifico diante de mim mesmo.
África é, sendo uma palavra aguda,
Uma razão redonda e bastante
Que evita o raciocínio.

Seja África, portanto, a causa
Da minha incompreensão da poesia.

Seja ela o traço que me liga
A Erle Stanley Gardner
E a tudo quanto cheira
A mistério, a sangue e a não-poesia

Estou liquidado, por enquanto,
Ou, talvez, definitivamente,
É o que é,
Mas não resisto.

Resistir é próprio dos poetas
E eu sou o misterioso e atónito assassino
Que um Hercule Poirot qualquer
Acabará por descobrir
E entregar ao espanto provinciano
De um leitor que, como eu,
Ainda acredita (ou finge que sim) no crime perfeito.



CANÇÃO DO PAÍS DE CECÍLIA

1

Sou eu, irmãos e companheiros,
que regresso.
Eu e os velhos sonhos destroçados.
Eu, velho e vencido
antes do tempo.
Mas trago-vos poemas e apelos
e angústias
e outros sonhos que nasceram
(Cecília, na tua terra!)
que serão
no meu céu de desespero,
o sinal aceso
de uma nova guerra.

2

Guerra que não quero,
a que prefiro o sonho
que a brisa e o luar embalam
na podre paz que tanto amo.
Mas não posso (Cecília, do país ausente!)
ver uma estrela baloiçar num ramo,
como um fruto maduro e inocente.

3

Por isso estendo as mãos para colhê-lo
e sinto um mar de fogo nos meus dedos.
É a guerra (Cecília, minha irmã)
– a guerra inevitável que não quero,
com seu cortejo de fantasmas e de medos.



DOMINGO

Em cada praça um aceno,
em cada rua um sorriso,
em cada esquina uma esperança.
O Pungué lembra-me o Reno,
Europeu é o chão que piso,
caminho como quem dança,
amo a vida porque sim.

Mas nem todos os domingos
são assim.



ORLANDO DE ALBUQUERQUE

ROMANCE DO NEGRO QUE NÃO VOLTOU

(algumas estrofes)

1

Um dia
mãe negra começou a inchar
a inchar, a inchar.

Ih!
Sua barriga ficou assim,
grande cuma quê...

Depois
nasceu negro.
E barriga de mãe negra
ficou piquena
outra vez.

Nasceu negro
e barriga de mãe negra
ficou piquena outra vez.

2

Negro quando nasceu
era branco,
Mas depois
ficou negro.

Meu Deus!
Num sei qui lh'aconteceu.

Negro era branco
e ficou negro.



3

Veio seu Padre
lá da Missão.
Deitou água nele
e baptizou.
Antão
negro piqueno
ficar cristão.

Mas ficou sempre
negro cuma quê...

4

Lá no mato
negro brincou,
cresceu.

Lá no mato
negro crescia,
panhando gala-gala,
tingolé
e maçala.

Caçando passarinho,
roubando ovos do ninho
da galinha
da muiér do soba Kutulú.



E negro crescia
cum outro piqueno.
E negro num via
qu'ele era negro,
negro cuma quê...
Mesmo quando tomava
banho no rio,
olhando jacaré
era sempre negro
negro cuma quê...

5

E negro piqueno ficou grande.

Mais nada.

MEMÓRIA

Gotejam sangue as estrelas
(E a noite vai tão calma!...)
Rasgue-se a noite só para vê-las
que a treva basta já na nossa alma.

Companheiro morto à beira do caminho,
que milhões de caminhantes já pisaram.
Tu não estarás jamais sozinho,
que contigo estão os que ficaram.



ORLANDO MENDES

EVOLUÇÃO

Ali, no mesmo lugar,
Onde era a palhota só de caniço,
A cinzenta casa de madeira e zinco
Mostra à vizinhança
O triunfo da família da mulata velha.

Já há moleques no quintal
Por conta da mulata senhora...
E o terreno, imenso, cheio de capim,
Que vestia a palhota só de caniço,
Foi desflorado e emprenhado...

E, hoje, é a machamba de dona mulata
Que já tem casa de madeira e zinco,
Moleques por sua conta...
E comprou, no bazar do monhé Ibrahim,
Capulanas arco-íris para si,
E vestidos e missangas para a mulatinha
Que senhô Alfredo lhe filhou.

Acabaram-se os batuques!
(Fora, molecada! Aqui no quintal, não há gente sem vergonha!)
Lá dentro... à luz magra do petróleo,
Na sala grande,
Com artistas de cinema nas paredes,
A grafonola de senhô Alfredo arrasta modinhas brasileiras...

– Mênina Josefa! Não suba no cajueiro!
Tenha juízo! Papá molungo vai zangar,
E seu noivo, aquele caixeirinho impaludado,
Patrício de papá,
Quer a mulatinha senhora



Para ir casar na igreja da Missão
Com bênção do senhô padre!

A tarde vai caindo...
O sol põe manchas de sangue no horizonte de capim...
O preto velho, com cicatrizes nas costas negras,
Vai buscar água nas latas velhas...
Lá longe, a molecada ensaia um batuque para a noite toda.
(Raio de vício! Negro selvagem, mesmo!
Grita a mulata velha da casa de madeira e zinco)

A fogueira da capinada vai juntar o clarão vermelho
Ao ensanguentado do sol poente...
A mulatinha está encostada na varanda
Da casa da mulata-mãe e de senhô Alfredo...
São horas! O caixeiro da cantina vai fechar as portas
E vem logo dizer palavras doces na curva do seu ouvido,
E cheirar o perfume barato do seu pescoço moreno...
E a mulatinha pensa nele...
E pensará, toda a noite,
No negro forte e lustroso
Que ensina meninos na escola da Missão.

Um dia o caixeiro impaludado,
Virá...
Virá, como sempre, na tabela horária.
E não encontrará mais a mulatinha das carnes quentes...
E lá no mato onde só há capim,
E palhotas só de caniço,
O negro forte e a mulatinha
Dançarão o batuque,
Cantarão o amor primitivo dos antepassados,
E hão-de rir da mulata-mãe,
Da prosápia de senhô Alfredo,
Do modernismo da casa de madeira e zinco,
E do amor lacrimoso do caixeiro da cantina...



CINCO HORAS DA MANHÃ

São cinco horas da manhã
Para Maria pilando
Debaixo do cajueiro
E o noivo de Maria
Colimando a machamba
E pensando no Transval.

São cinco horas da manhã
Para uma velha negra
Abanando o fogareiro
E assando a maçaroca
Milho bom! Eh! Milho bom!
Numa voz desnecessária.

São cinco horas da manhã
No bazar de piripiri
Manga, coco e mulala
E tetas nuas vertendo
Leite tão branco e puro
Como o leite secretado
Por outras tetas mais púdicas.

São cinco horas da manhã
Nas cartas por escrever
Dos chibalos sonolentos
E nas mãos que dão à terra
A semente sem passado.

São cinco horas da manhã
No coração confiante
Das mulheres que pariram
E em versos de sangue e nervos
Que latejam o futuro.



No canto livre e bravio
Das aves da minha terra
São cinco horas da manhã.

Mesmo com nuvens espessas
Toldando a luz do sol
São cinco horas da manhã.

E até no desespero
De não aceitar o dia
São cinco horas da manhã
Da manhã nova que irrompe
Com alvorada ou não
Da noite de incubação.

São cinco horas da manhã
Do Rovuma à Ponta do Ouro
São, na coragem que temos
Para sabermos que são.

PONTE PÊNSIL

O menino branco nasceu numa ilha do Índico
Na rota dos navios cargueiros de especiarias.
A mãe negra o embalou silenciosa
Nas horas mornas vagarosas da solidão.
Cresceu brincando com os meninos negros
As saudades no dia de São Vapor
(A mãe branca sonhava meninos negros regenerados
Navegando felizes em barquinhos à vela
Com o seu menino de cabelos soltos na proa...)
Hoje o menino branco negoceia especiarias
E os negros carregam especiarias



Nos dias que foram de São Vapor.
(Pesadelos que se infiltram no corpo da mãe negra
Antes de fecundado seu ventre são)
Bacharéis discutem na sonolenta academia dos bons costumes
O casamento sem registo nem confissão
Anseiam pela caça aos bichos que espreitam nos limites das queimadas
E sabem dum mistério que arrepia e atrai e é preciso anular.
Os turistas filmam a inédita nudez
Para documentação dos arquivos familiares
E só o vento da floresta uiva por ti menino negro
Nesta longa noite velada sem poesia...

CARTA DO CAPATAZ DA ESTRADA 95

Fecho a porta convenientemente
E agora fico sendo apenas
O capataz europeu da estrada 95
Morando numa barraca de madeira e zinco.
Sim, Mãe, li as tuas palavras serenas
Na última carta que me enviaste
E confesso que podia aceitar aqui
A tal moça bonita que não mente
E em que nenhum homem buliu.
Podia meter amanhã os papéis no correio
E ir esperá-la depois à chegada do navio.
Podia, Mãe, se eu fosse ainda quem julgas na carta que li
Se não existisse tão grande contraste
Entre o retrato que a vida me faz
E aquele de que o teu coração anda cheio.
Ou podia publicar um anúncio no jornal
E coleccionar fotografias de todas as mulheres
Que não fixam preço para se casar.
Ou podia perpetuar tudo o que está para trás



Ser apenas o capataz duma estrada que serve o litoral
De 41 anos de idade, funcionário exemplar
Louvado em portaria no Boletim Oficial
Que escreve semanalmente uma carta para tu leres
E recebe os jornais com dois meses de atraso
Ser eu, Mãe, apenas eu, um capataz europeu
De uma turma de negros a trabalhar
Numa estrada para os passos vários de cada raça
Eu a quem perguntam porque não me caso
Se há no mundo tanta mulher
Eu a quem já nenhuma saudade amarga
Eu que escuto indiferente o sussurro do vento que vem do mar
E me estendo aos domingos a uma sombra larga
Eu, Mãe, que não deixarei nada do que sou eu
Senão poemas sentimentais que ninguém há-de ler
E um espólio de capataz que há-de ir à praça.
Ou podia fingir que ainda resisto
Comprando uma passagem para o primeiro barco a sair
E indo amar uma bailarina num cabaré de Paris.
Mas vou abrir a porta e esquecer tudo isto
Para ouvir chegar os passos de Nair
A mulher que me diz que é feliz
E a Mãe-Terra Negra me deu.



REINALDO FERREIRA

Eu, Rosie, eu se falasse, eu dir-te-ia
Que partout, everywhere, em toda a parte,
A vida égale, idêntica, the same,
É sempre um esforço inútil,
Um voo cego a nada.
Mas dancemos; dancemos
Já que temos
A valsa começada
E o Nada
Deve acabar-se também,
Como todas as coisas.
Tu pensas
Nas vantagens imensas
Dum par
Que paga sem falar;
Eu, nauseado e grogue,
Eu penso, vê lá bem,
Em Arles e na orelha de Van Gogh...
E assim entre o que eu penso e o que tu sentes
A ponte que nos une — é estar ausentes.

O FUTURO

Aos domingos, iremos ao jardim.
Entediados, em grupos familiares,
Aos pares,
Dando-nos ares
De pessoas invulgares,
Aos domingos iremos ao jardim.



Diremos, nos encontros casuais
Com outros clãs iguais,
Banalidades rituais,
Fundamentais.

Autómatos afins,
misto de serafins
Sociais
E de standarizados mandarins,
Teremos preconceitos e pruridos,
Produtos recebidos
Na herança
De certos caracteres adquiridos.
Falaremos do tempo,
Do que foi, do que já houve...
E sendo já então
Por tradição
E formação
Antiburgueses
– Solidamente antiburgueses –
Inquietos falaremos
Da tormenta que passa
E seus desvários.

Seremos aos domingos, no jardim,
Reaccionários.

A que morreu às portas de Madrid,
Com uma praga na boca
E a espingarda na mão,
Teve a sorte que quis,
Teve o fim que escolheu.
Nunca, passiva e aterrada, ela rezou.



E antes de flor foi, como tantas, pomo.
Ninguém a virgindade lhe roubou
Depois dum saque – antes a deu
A quem lha desejou,
Na lama dum reduto.
Sem náusea mas sem cio,
Sob a manta comum,
A pretexto do frio.
Não quis na retaguarda aligeirar,
Entre *champagne*, aos generais senis,
As horas de lazer.
Não quis, activa e boa, tricotar
Agasalhos pueris,
No sossego dum lar.
Não sonhou minorar,
Num heroísmo branco,
De bicho de hospital,
A aflição dos aflitos.

Uma noite, às portas de Madrid,
Com uma praga na boca
E a espingarda na mão,
À hora tal, atacou e morreu.

Teve a sorte que quis.
Teve o fim que escolheu.

Menina dos olhos tristes,
O que tanto a faz chorar?
– O soldadinho não volta
Do outro lado do mar.



Senhora de olhos cansados,
Porque a fadiga o tear?
– O soldadinho não volta
Do outro lado do mar.

Vamos, senhor pensativo,
Olhe o cachimbo a apagar.
– O soldadinho não volta
Do outro lado do mar.

Anda bem triste um amigo,
Uma carta o fez chorar.
– O soldadinho não volta,
Do outro lado do mar.

A Lua, que é viajante,
É que nos pode informar.
– O soldadinho já volta,
Do outro lado do mar.

O soldadinho já volta,
Está quase mesmo a chegar.
Vem numa caixa de pinho.
Desta vez o soldadinho
Nunca mais se faz ao mar.



RUI KNOPFLI

NATURALIDADE

Europeu, me dizem.
Eivam-me de literatura e doutrina
europeias
e europeu me chamam.

Não sei se o que escrevo tem a raiz de algum
pensamento europeu.
É provável... Não. É certo,
mas africano sou.
Pulsa-me o coração ao ritmo dolente
desta luz e deste quebranto.
Trago no sangue uma amplidão
de coordenadas geográficas e mar Índico.
Rosas não me dizem nada,
caso-me mais à agrura das micaias
e ao silêncio longo e roxo das tardes
com gritos de aves estranhas.

Chamais-me europeu? Pronto, calo-me.
Mas dentro de mim há savanas de aridez
e planuras sem fim
com longos rios languês e sinuosos,
uma fita de fumo vertical,
um negro e uma viola estalando.

KWELA PARA AMANHÃ

Ao J. Craveirinha

Mil e tal crianças negras
fazem bonecos de lama
no coração do slum.
Mil e tal rapazes atléticos,



loiros, vermelhuscos, vestidos de caqui,
erguem para o ar o brilho das culatras,
nos Union Grounds.
Há dois minutos precisos, o bus de Mayfair
atropelou um mineiro
e o sangue abre-lhe a vermelho, na fuligem do rosto,
uma rede caprichosa de carreiros.
Um milhão de pessoas,
à hora matutina do rush,
move-se automaticamente
na longa fita de asfalto,
ao comando dos sinais luminosos
automáticos.
Houve a noite passada
quatro assaltos à mão armada,
três sangrentas brigas de rua
e uma mulher matou a golpes de machado
o marido, porque tinha relações incestuosas
com a filha.
O sr. Du Prez conferenciou
com o sr. Potgieter e subiram
as acções da Companhia Diamantífera.
Desde a madrugada já se trataram no hospital
cento e duas casualidades
e a juventude de blue jeans
dorme de manhã o onírico sono
da dagga.
Os pássaros passam de largo
e recusam-se ao cimento e ao asfalto
da cidade hostil.
Os poucos que pousam no silêncio arborizado
do Joubert Park
são neurasténicos,
olham o edifício do museu estupidamente



e fazem caca nos bancos das áleas.
O rosto das pessoas
é sólido e impenetrável
como o monumento aos Voortrekers.

Apesar disso
insólito som sobe
arabescos na manhã.

Apesar do cimento armado, dos números,
do sangue inútil
e do niquelado nos automóveis de luxo,
insólito, sobe o som na manhã.

Apesar disso,
com a nostalgia verde do veld
e do rebanho na montanha,
Spokes Mashiyane³¹, dum pedaço de lata,
faz um kwela para amanhã.

DAWN

Ao Kelso

Agónica noite estremece
e despedaça-se
lá fora em chuva
nas vidraças.
Das sombras, das solidões
dos recantos recônditos
da noite e da chuva
saem homens.

³¹ Artista sul-africano (1933-1972), compunha e tocava música para kwela (flauta fina de metal). Kwela é também o nome de um tipo de música (com base na flauta do mesmo nome) muito popular nas comunidades tradicionais sul-africanas.



Pela crosta da terra passa
um frémito de arrepio.
Chove.
Chove em África.
É noite.
É noite em África.
Mão desmedida ergue-se
no breu,
corpo da terra que as águas
fecundam, impregnam.
Silêncios, hesitações,
sono de séculos, jugos,
racham em surdina.
Jogamos bridge na tepidez
do living,
reclinamo-nos na morna
penumbra erótica
dos cinemas,
ou dormimos em calma
digestão.
Para lá
da noite angustiada
monótono acalanto ergue
a voz.
No inescrutável, nas sombras,
nos recantos recônditos de agónica noite
África desperta...

WINDS OF CHANGE

Ninguém se apercebe de nada.
Brilha um sol violento como a loucura
e estalam gargalhadas na brancura



violeta do passado
É África garrida dos postais,
o fato de linho, o calor obsidiante
e a cerveja bem gelada.
Passam. Passam
e tornam a passar.
Estridem mais gargalhadas,
abrindo umas sobre as outras
como círculos concêntricos.
Os moleques algaraviam, folclóricos.
Pelas sombras nas esquinas
e no escuro dos portais
adolescentes namoram de mãos dadas.
De facto como é mansa e boa
a Polana
nas suas ruas, túneis de frescura
atapetados de veludo vermelho.
Tudo joga tão certo, tudo está
tão bem
como num filme tecnicolorido.
Passam. Passam
e tornam a passar.
Ninguém se apercebe de nada.

MULATO

Sou branco, escolhi-te.
Hoje durmo contigo.
Negro é teu ventre,
porém macio,
e meus dedos capricham
sobre o aveludado relevo
das tatuagens.
Denso e morno é o luar



cálido o cheiro húmido
do capim, acre o hálito
fundo da terra.
Venho cansado e tenho
fome de mulher. Sou branco.
Escolhi-te. Hoje durmo contigo:
Um ventre negro de mulher
arfando, a meu lado arfando
o cansaço, o espasmo
e o sono. Nada mais.
Amanhã parto. E esqueço-te.
Depressa te esqueço.
E teu ventre?

CHITUVANE

*Para o Jorge Campos
e Carlos Barroso*

Reafirmemos a confiança na pomba.
Na pomba, tão lugar-comum
dos nossos versos,
das nossas descoloridas esperanças,
na pomba ridicularizada nas caricaturas
dos jornais.
Tenhamos a coragem
de afrontar o sorriso sombrio
nos dentes apodrecidos
e o olhar que nos polui a intimidade,
acreditando na pomba.

Que nos resta, a nós homens
que nos negamos a cada passo
e disso nos arrependemos,
senão a promessa alada
da pomba?



Sonhemo-la branca, incolor,
cinzenta de aço
ou até multicolor;
chamemos-lhe paloma, colombe
ou chituvane,
uma pomba nos salva.

Eu, que temo
e devo
e acordo aflito
e atravesso a vida,
como os outros,
inquietao à beira do medo
e da traição;
Eu, que estou cercado,
insulado,
e me torno minúsculo
para que me não vejam,
e, se me nego,
logo, na mais profunda realidade
celular,
me afirmo;
Eu, que faço do cadáver retardado
do meu corpo
um país subjugado
ao inimigo,
mas onde a resistência se organiza
surdamente
e o maquis ataca;
Eu, digo-vos,
sob a tempestade encapelada
dos medos
e sob o rugir dos ventos inimigos,
uma pomba – lugar-comum ou não
– nos traz sinais da terra.
Uma pomba nos salva.



RUI NOGAR

XICUEMBO

eu bebeu suruma
dos teus ólho Ana Maria.
eu bebeu suruma
e ficou mesmo maluco

agora eu quere dormir quere comer
mas não pode mais dormir
mas não pode mais comer

suruma dos teus ólho Ana Maria
matou socego no meu coração
oh matou socego no meu coração

eu bebeu suruma oh suruma suruma
dos teus ólho Ana Maria
com meu todo vontade
com meu todo coração

e agora Ana Maria minhamor
eu não pode mais viver
eu não pode mais saber
que meu Ana Maria minhamor
é mulher de todo gente
é mulher de todo gente
todo gente todo gente

menos meu minhamor



ELEGIA A MAMANA ISABEL

que tinha 56 anos quando morreu António Caetano

Os jornais o disseram
morreu António Caetano
velhíssimo velho colono.
Lutou por Moçambique
no tempo do Gungunhana.
Lutou por Portugal
durante a Grande Guerra.
Lutou e venceu.
Só agora foi vencido: morreu.

Os jornais o disseram
mas eu sei ah! dolorosamente eu sei
quem morreu não foi ele
foi mamana Isabel
quarenta e dois anos à sombra
da modesta reforma
do velhíssimo velho colono
esboroaram-se naquele dia

quarenta e dois anos em que foram dois
dormindo comendo esperando
na frágil e velha cabana
do velhíssimo velho colono
senhor António Caetano

quarenta e dois anos
de ajuda carinho compreensão

quarenta e dois anos
de luta desespero resignação



quarenta e dois anos
ah! quarenta e dois anos se foram
quando morreu António Caetano
velhíssimo velho colono.

POESIA DO GUERREIRO INVOLUNTÁRIO

Foi para lá
Com medo
De sentir medo.

(Nossa Senhora qualquer,
Na minha terra
Ficou minha mulher).

Foi para lá
Com a vergonha
De sentir vergonha.

(Talvez até mate crianças;
Tenho dois filhos senhor...)

Foi para lá
Com a vontade
Que os outros lhe impuseram
Foi para lá
E a coragem não era dele
E o ódio não era dele
Não era dele
Não era
Mas foi
E com a raiva dos outros
Matou matou matou



Até que um dia
Oh! ironia
Nesse dia
Havia sol
Havia esperança
Havia a mulher
Havia os filhos a mãe uma carta
Havia havia havia
Mas esfarelou-se todo
Todo
No gargalhar traiçoeiro
Das granadas
De bico amarelo
E rabo encarnado...



RUI DE NORONHA

SURGE ET AMBULA

«Dormes! e o mundo marcha, ó pátria do mistério.
Dormes! e o mundo rola, o mundo vai seguindo...
O progresso caminha ao alto de um hemisfério
E tu dormes no outro o sono teu infindo...

A selva faz de ti sinistro eremitério,
onde sozinha, à noite, a fera anda rugindo...
Lança-te o Tempo ao rosto estranho vitupério
E tu, ao Tempo alheia, ó África, dormindo...

Desperta. Já no alto adejam negros corvos
Ansiosos de cair e de beber aos sorvos
Teu sangue ainda quente, em carne de sonâmbula...

Desperta. O teu dormir já foi mais que terreno...
Ouve a Voz do Progresso, este outro Nazareno
Que a mão te estende e diz-te: – África, *surge et ambula!*»

Quando o poeta «sacode» esse Mundo e lhe
grita que desperte é ainda porque:

«... no alto adejam corvos
Ansiosos de cair e de beber aos sorvos
Teu sangue ainda quente, em carne de sonâmbula...»



QUENGUÊLÊQUÊZE

«Quenguêlêquêze!... Quenguêlêquêze!... »

Surgia a lua nova,

E a grande nova

– Quenguêlêquêze! – ia de boca em boca

Traçando os rostos de expressões estranhas,

Atravessando o bosque, aldeias e montanhas,

Numa alegria enorme, uma alegria louca,

Loucamente,

Perturbadoramente...

Danças fantásticas

Punham nos corpos vibrações elásticas,

Febris,

Ondeando ventres, troncos nus, quadris...

E ao som das palmas

Os homens, cabriolando,

Iam cantando

Medos de estranhas vingativas almas,

Guerras antigas

Com destemidas ímpias inimigas

– obscenidades claras, descaradas,

Que as mulheres ouviam com risadas

Ateando mais e mais

O rítmico calor das danças sensuais.

«Quenguêlêquêze! Quenguêlêquêze!»

Uma mulher de vez em quando vinha,

Coleava a espinha,

Gingava as ancas voluptuosamente

E diante do homem, frente a frente,

Punham-se os dois a simular segredos...



– Nos arvoredos
Ia um murmúrio eólico
Que dava à cena, à luz da lua, um quê diabólico...

«... quêze! Quenguêlêquêze!...»

... Entanto uma mulher saíra sorrateira
Com outra mais velhinha;
Dirigiu-se na sombra à montureira,
Com uma criancinha.
Fazia escuro e havia ali um cheiro estranho
As cinzas ensopadas,
Sobras de peixe e fezes de rebanho
Misturadas...
O vento, perpassando a cerca de caniço,
Trazia para fora um ar abafadiço,
Um ar de podridão...
E as mulheres entravam com um tição:
E enquanto a mais idosa
Pegava na criança e a mostrava à lua
Dizendo-lhe: «Olha, é a lua»,
A outra, erguendo a mão,
Lançou direito à lua a acha luminosa.

– O estrepitar das palmas foi morrendo...
E a lua foi crescendo... foi crescendo...
Lentamente...

Como se fora em brando e afogado leito
Deitaram a criança, rebolando-a,
Na cinza do monturo...
E de repente,
Quando chorou, a mãe, arrebatando-a,
Ali na imunda podridão, no escuro,



Lhe deu o peito...
Então, o pai chegou,
Cercou-a de desvelos
De manso a conduziu p'los cotovelos,
Tomou-a nos seus braços e cantou
Esta canção ardente:

«Meu filho, eu estou contente!
Agora já não temo que ninguém
Mofe de ti na rua
E diga, quando errares, que tua mãe
Te não mostrou à lua!
Agora tens abertos os ouvidos
P'ra tudo compreender;
Teu peito afoitará, impávido, os rugidos
Das feras, sem tremer...
Meu filho, eu estou contente!
Tu és agora um ser inteligente
E assim hás-de crescer, hás-de ser homem forte

Até que já cansado
Um dia, muito velho
De filhos rodeado
Sentindo já dobrar-se o teu joelho
Virá buscar-te a Morte...
Meu filho, eu estou contente!
Agora, sim, sou pai!...»

Na aldeia, lentamente
O estrepitar das palmas foi morrendo...
E a lua foi crescendo...
– Crescendo
Como um ai...



CARREGADORES

A pena que me dá ver essa gente
com sacos sobre os ombros, cansadíssima!...
Às vezes é meio-dia, o sol tão quente!...
E os fardos a pesar, Virgem Santíssima!...

À porta dos monhés, humildemente,
Mal a manhã desponta a rir suavíssima,
Vestindo rotas sacas, tristemente
Lá vão 'spreitando a carga pesadíssima...

Quantos velinhos já, avós talvez,
Dez vezes, vinte vezes, lés a lés
Num dia percorrem a cidade!

Ó negros! Que penoso é viver
A vida inteira aos fardos de quem quer
E na velhice ao pão da caridade ...



SÉRGIO VIEIRA

ANGELUS DUM MENINO NEGRO

Os dong dong dos sinos
fogem assustados pelo verde.
Os dong dong dos sinos
diluem-se pelo verde.
O ANJO DO SENHOR ANUNCIOU MARIA...
e vejo o Zambeze a rezar
nas ondas frescas das águas.
Mamãe,
você me ensinou a responder
quando eu andava descalço
em cima das pedras
picando os pés,
trepando nas macieiras.
E CONCEBEU DO ESPÍRITO SANTO...
que quer dizer conceber?
Papai, você tossiu,
engoliu um pedaço de pomba,
conceber é... é...
é isso, conceber é conceber.
Eu esqueci logo,
Spanela estava a tocar marimba,
peguei na gaita
saltei no muro,
onde estava estragado,
e a gente os dois, na esteira,
tocou toda a noite:
«Aiué, aiué,
Maria Tereza zigutá
Aiué, aiué...»
Mamãe não gostava,
Maria Tereza



era cantiga suja de preto,
falava de mulher
que dormia com toda gente,
só sei que a gente gostava
«Aiué, aiué,
Maria Tereza
Aiué, aiué...»
EIS A ESCRAVA DO SENHOR...
Ah, isto eu sabia,
escravo
era como Luís
que foi preso no vapor para S. Tomé,
como Campira
que ficava nu em chapa de zinco no sol,
escravo
era como Sabonete
que apanhou tanto palmatoada
que mão deitou sangue.
Aí, avó disse
que Mulungo era bom,
a gente ficava contente
de ser escravo d'Ele.
Então eu falei
com Álvaro e com Spanela,
a gente pensou, pensou,
depois Álvaro disse:
– Não, eu não quero ser escravo
nem de Mulungo,
fizemos contrato
– Nunca ser escravo!
FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A VOSSA VONTADE...
isto sei, mesmo bem,
quando a gente se gosta
fica cheio de contente
quando faz o que outro quer.



Eu lembro Alice,
quando ela diz faz isto,
mesmo que seja carregar lata,
ou ir na mina
ganhar dinheiro e ficar doente,
mesmo isso,
basta ela dizer eu faço logo.
E fico contente, minha Mãe
parece que sou rola
e voo em cima de tudo,
tenho tanta cor
como borboleta que anda no capim,
meu coração canta mais
que Chimaze no Carnaval,
eu gosto fazer vontade Alice.
O VERBO DIVINO SE FEZ HOMEM...
isto não compreendo,
sessór Condado
na aula diz:
«Verbo traduz acção.»
Verbo é amar,
partir, muitos mais.
Assim inda eu vejo,
amar está bem,
mas por exemplo, odiar
é verbo também
mas esse, eu não gosto.
Agora eu penso,
há verbos que são verbos
amar, comer, rir.
outros que não são
porque não podem ser;
são palavras feias
que gente grande devia pôr piripíri
quando se dissessem...



E HABITOU ENTRE NÓS...
habitar é ter casa,
como era casa d' Ele?
Eu penso que era pobre
tinha palhota na temba,
andava descalço como nós,
não tinha bicicleta, não,
mas às vezes eu posso me enganar!
E Ele tinha casa
como Sr. Intendente,
bicicleta como filho de Administrador,
que nunca empresta a burra à gente.
Mas isso eu não acredito,
eu gosto de Jesus,
se Ele fosse muito rico
eu não queria gostar;
mas Spanela,
e Álvaro,
e eu,
a gente O convidar a jogar berlinde,
a atirar pedra ao rio,
pedra que salta muita vez;
Ele vem sempre,
anda com a gente
roubar ovo de crocodilo,
apanhar mangas na estrada de Boroma,
comer maçanita no Canhime.
Ele é como a gente
mas é filho de Mulungo,
e a gente brinca,
e há-de continuar a brincar
ali nas estrelas,
onde vive com a família,
nas estrelas a gente há-de brincar.



POEMA

Deixa chorar mamãe,
sou sozinho nesta Europa grande,
de noite,
meu sonho ainda chama Paulo
para ir dançar batuque,
de dia,
minha cabeça gira
para ver Alice.
Deixa chorar mamãe,
você me deitou no avião
e ele me tirou
para longe da terra,
aqui há rio
e aqui há ilha,
mas eu não vejo
Zambeze com jacaré,
nem sinto verde
do capim no Canhime.
Deixa chorar mamãe,
você me quer Muzungo,
snr. advogado preto
é branco também
e talvez entre no club.
Deixa chorar mamãe,
você me esqueceu
meu coração de negro,
é,
ele não conta, não
mas deixa chorar mamãe...



CANTO PARA ANA MARIA

I

Pelo capim fresco
dos teus olhos,
pelo capim seco
dos teus cabelos
eu vi os ventos alegrarem-se
namorando as acácias.
Do encontro dos teus lábios,
doces como mangas maduras,
veio a promessa da chuva
a possuir a terra.
Na polpa dos teus seios brancos
nasce o conforto
das crianças de ventre dilatado
pela fome.
E há um silêncio
disfarçado em negro,
na curva suave
do teu sexo,
onde a vida se esconde.

II

O Cruzeiro do Sul
veio
com a lua que se levantou,
e os sonhos
dos meninos negros
voltaram
entre os ramos das macieiras.
As flores,
que também há flores nos sonhos das crianças negras,



as flores e as rolas
encontraram-se no azul.
Nos corpos negros
das crianças negras,
ficou a saudade
do sonho que morreu
quando o sol
se encontrou com o rio.

III

Cocuaaana
cocuaaana...
e o vento grita
nos areais quentes.
Os ventos
vieram de todo o lado
para se encontrar
nos areais quentes.
Um hipopótamo
dilui-se na calma fresca
das águas.

IV

Mulungo chorou,
e a lágrima
foi semente.
Os nossos olhos
não mais se procuraram
no infinito,
e os nossos corpos
lavados pela chuva
viveram pureza
sobre a terra Negra.
A saudade, com o vento,
não voltou mais.



POEMA PARA EURÍDICE NEGRA

A Vinício de Moraes

Dos teus seios negros
nasceram os rios do povo negro,
Eurídice,
o sol e o fogo
foram sol e fogo
nos teus olhos de África,
Eurídice,
na virgindade do teu sexo,
puro como as minhas florestas,
morreram milhões de escravos,
Eurídice.

Mas tu és amor,
na imensidade do Índico
possuindo Moçambique,
és o sonho,
na tranquilidade do Niger
acariciando o Sudão amado,
minha África-Eurídice
que o tam-tam de guerra
ainda não acordou,
levanta-te e vem
que soam as marimbas e o tambor
do nosso povo!

Quando eu construí as pirâmides,
só te vi a ti
Eurídice,
o Cruzeiro do Sul
foi nosso palácio
quando reinei



no meu império do Mali;
depois vieram os navios,
e arrancaram-me o teu coração,
e a minha voz
ficou rouca
nos trompetes que te procuraram,
mas agora
Eurídice,
os nossos corpos
voltaram-se a encontrar,
as mangas
ficaram douradas
e as buganvílias floriram,
as acácias
vestiram o negro
do teu corpo nu.

E o Zambeze
que acariciou todo o corpo
de Eurídice
o Zambeze
uniu-se ao Congo
e ao Níger
e ao Nilo
e a toda a África-Eurídice,
Vem Eurídice,
vem,
vamos correr pela savana
e dar as nossas almas à chuva
para elas crescerem,
rolaremos
na esperança verde do capim;
Eurídice,
são doces os frutos



das nossas árvores,
e as flores da nossa terra
vivem em perfume no ar,
nos nossos céus
há mais estrelas,
nos nossos olhos
há mais luz,
nos nossos pulsos livres
há mais sonho...
Vem Eurídice, vem!



VICTOR MATOS E SÁ

HISTÓRIA

O negro
nasceu no mato
antes de ter palhota;
seu lençol era luar
e seu berço
o corpo da mãe-negra
com seios gordos
para chupar.

o negro
nasceu no mato;
e a vida
e as cobras
e os leões,
a mulher nua
e o silêncio
e a febre
nas noites de lua
e a música nas árvores
do vento,
guardaram no negro
o segredo de lutas
e de sentir
e de amar

(A lua
leite denso
de amor e de morte
encheu-lhe o olhar).



A RUI DE NORONHA

Poder, Amigo
chamar-me irmão da tua dor
já que o não posso ser
na mesma cor;

Já que um destino diferente
e os anos,
puseram longas, infinitas margens
entre as nossas vidas
afastadas...

Tu, lá no último Sonho
onde a verdade existe em cada um
como um sangue puro,
como uma lua natural.

E eu
ainda nesta luta
de viver
sofrendo
o mesmo mal.

Este mal feito destino
desde meus sonhos primeiros
de menino;
este mal de chorar sempre
a dor comum dos desgraçados
e ter lágrimas ainda
para os nossos sonhos
destroçados...

Este mal
só mal para o mundo
a nossa única essência de viver
e contar
diversamente



a mesma eterna agonia...
Este mal que vem a ser
a poesia...

Deixa-me, pois, Amigo
(Diante qualquer noite deserta
em que o silêncio
e a sonolência de tudo
seja para nós
a única porta inteiramente aberta
e o nosso altar)
ficar contigo um só instante,
– apenas o bastante
para te Amar!

E poder, Amigo,
chamar-me irmão da tua dor
já que o não posso ser
na mesma cor...



POESIA CHOPE

«O povo Chope, da África Oriental Portuguesa, é famoso pela sua música. Tem grandes orquestras de xilofones por eles chamados timbilas, e as suas danças orquestrais, msaho, devem ser a expressão mais elevada da arte africana na África meridional.

[...]

Os instrumentos, as canções e as danças demonstram a grande tendência artística do povo Chope. Se nos lembrarmos de que nem uma única nota do que eles tocam está escrita, nem nenhum estranho, segundo o que eles dizem, jamais se lembrou de perpetuar no papel os poemas que cantam – é realmente de admirar que possam compor novos msahos tão frequentemente. O msaho é uma dança orquestral de nove a onze movimentos. Cada movimento é perfeitamente distinto e pode ter a duração de um minuto (como acontece com algumas introduções) ou prolongar-se até cinco ou seis movimentos. A execução completa faz-se geralmente em quarenta e cinco minutos, dependendo esta duração da presteza e arte dos dançarinos e da disposição de momento.

[...]

Primeiro, inventam a letra. O assunto pode ser alegre ou triste ou meramente documentário. Gira sempre à volta dos acontecimentos ou das características da localidade, de modo que a maior parte das alusões só podem ser compreendidas por aqueles que estejam em contacto com os habitantes da região.

Muitas vezes têm sentido crítico para as autoridades indígenas ou europeias que os governam e pode geralmente dizer-se que a essência dos poemas condensa a atitude do povo ante as condições da sociedade.



O bom humor é a feição da maior parte das composições. Por vezes têm toques de pomposo, censuras aos que não cumprem os seus deveres, protestos contra a crueldade e despotismo, brados ante as injustiças sociais, filosofia nas dificuldades. A propósito de tudo isto, cantam e dançam.

Ao contrário da nossa música de dança, não se preocupam com o sexo, nem com clamores de iluminados, nem com arroubos de pássaros azuis ao pôr do sol.

É de calcular o efeito repressivo que exercem trinta ou quarenta moços dançando e cantando diante do povo a maldade de um culpado – ou o golpe no orgulho da pequena autoridade que se serve do seu cargo como dum trono e que vê a mocidade troçar da sua pretensão, ao compasso da música. Não se pode imaginar melhor sanção para os que ofendem os sentimentos da comunidade! Os poetas, na primeira composição, a cantarem-lhes os desvarios.

É este aspecto da música negra que tem escapado aos europeus – a alta missão moralizadora numa sociedade que não tem imprensa nem publicações nem outro palco, que não seja o terreiro da povoação, onde desabafe as suas queixas e os seus sentimentos. É inútil insistir na necessidade de deixar livre este meio de perpetuar em canções os numerosos acontecimentos que agradam, entretêm, encolerizam ou entristecem a «arraia miúda».

[...]

Surpreende-nos, à primeira vista, outro aspecto da poesia: o paradoxo aparente de mesmo os mais tristes motivos serem cantados com música alegre. Algumas das poesias são impregnadas de tristeza, principalmente as que cantam a morte dos filhos ou dos amigos, mas todas elas, tristes ou jocosas, são postas em música alegre e movimentada. Quando lhes perguntei a razão disto, responderam-me: «Temos de cantar a nossa dor». É uma maneira totalmente diferente da nossa de encarar as coisas – nós, que já há séculos não mostramos a emoção religiosa por meio da dança, e eles, para quem a dança significa muito mais do que um espectáculo ou um passatempo. Partilhar uma actividade ou uma afirmação



comum provoca alegria profunda. Falam com a mesma voz e movem-se possuídos da comunhão mística e aliciante da música. É-lhes impossível evocar emoções que não sejam as do seu ambiente actual. Com a sua própria música enlaçada em palavras que se harmonizam com o que os rodeia na tristeza ou alegria comuns, buscam o esquecimento das suas dores. Por isso dançam juntos e sentem juntos».

[...]

HUGH TRACEY in «A Música Chope»



MSAHO

SEXTO MOVIMENTO

Cidanuana Combídi. Segunda chamada dos dançarinos

Hauieza uacuiadinda zulo!

Luanâni nibacatano micanga tapfa mdano.

Hauieza bacuiadinda zulo!

Luanâni niuacatano michanga tapfa mdano.

Cussica timbila ngumaha ngu ndoro baManguéni bahiluti.

[...]

Escutai como a música ressoa!

Escutai, vós e as vossas mulheres e ouvi a chamada.

Para tocardes bem timbila é preciso sonhar com ela,

Para que nós os de Manguéni toquemos melhor que ninguém.

Que espanto o meu, o meu jovem irmão Ngüiússa,

Que espanto o meu – levar o meu dinheiro para comprar o caminho!

Que espanto o meu, o meu jovem irmão Ngüiússa,

Que espanto o meu – levar o meu dinheiro para comprar o caminho!

Vós raparigas enfeitai-vos com tatuagens para nos seduzir.

Vós raparigas enfeitai-vos com tatuagens para nos seduzir.

Com estas tatuagens seduzi-nos, na testa e nas têmeoras.

Com estas tatuagens seduzi-nos, na testa e nas têmeoras.

Escutai como a música ressoa!

Escutai, vós e as vossas mulheres, e ouvi a chamada.

(Msaho composto por Gomucomo, maestro e compositor, na aldeia do régulo Filipe Banguza, circunscrição de Zavala, Inhambane, Moçambique. *In ibidem*, ob. cit.)



MSAHO

QUARTO MOVIMENTO

Mdano. Chamada dos dançarinos

Lauanâni ita baieta

É baieta camucoma Cigomba, Matiquíti iouanduuna.

É baieta camucoma Cigomba, Matiquíti iouanduuna.

Messeriâni uaMicheca ndinduna natahombe tongola mafo.

Messeriâni uaMicheca ndinduna natahombe tongola mafo.

Hinaruma Hurimbuíni dana Canule icanga eta baieta.

Hinaruma Hurimbuíni dana Canule ícanga eta baieta.

[...)

Vinde dar vivas,

Dar vivas ao régulo Chigomba que Matiquíti representa;

Dar vivas ao régulo Chigomba que Matiquíti representa;

Mísseriâní de Micheca também é uma pessoa importante.

Mandaremos Hurimbuíni chamar Chanule para lhe darmos vivas.

Mandaremos Hurimbuíni chamar Chanule para lhe darmos vivas.

Ouvi as cantigas da aldeia de Chigombe,

É um aborrecimento dizer *bom dia* constantemente.

Macarite e Bubuane estão na cadeia

porque não disseram *bom dia*.

Tiveram de ir a Quissico dizer o bom dia.



O meu Chamóssi morreu, o meu filho.
Andam à procura do meu filho na água.

Andam à procura do meu filho na água.
Afogou-se no lago e ninguém o pôde salvar.

Afogou-se no lago e ninguém o pôde salvar.

Esta gente aborrece-me
Foram eles a morte do meu filho.

Foram eles a morte do meu filho.

Meu filho, ai de mim, Chingumbane! Que coisa te poderá substituir?

Meu filho, ai de mim, Chingumbane! Que coisa te poderá substituir?

Vou chamar Maticuíti
Que chorará comigo o meu filho que morreu.

As mulheres choraram à beira do lago,
Só os que não têm penas podem rir. Ó meu filho!
As mulheres choraram à beira do lago,
Só os que não têm penas podem rir. Ó meu filho!

Vinde dar vivas,
Dar vivas ao régulo Chigomba que Maticuíti representa.

(Msaho composto por Saúli Ilova, maestro e compositor, na aldeia do régulo Chigomba Mavila, circunscrição de Zavala, Inhambane, Moçambique. *In ibidem*, ob. cit.)



MSAHO

QUARTO MOVIMENTO

Cidana Cacidoco. Chamada pequena

Luanâni micitengüissa
Luanâni neuacatano michitabva Ndano.

Luanâni micitengüissa
Luanâni neucatano micitabva Ndano
Njane timbila micone tsimba cussica tacanane cuango?

Njane timbila micone tsimba cussica tacanane cuango?

Há! Uieza xengutile xibando xaca xengutile.
Cingolela camabói,

[...]

Vinde todos e ouvi
Vinde todos com as vossas mulheres e ouvi o Ndano.
Vinde todos e ouvi,
Vinde todos com as vossas mulheres e ouvi o Ndano.

Não quereis a nova música de timbila que me veio do coração?

Ah! Tornamos a zangar-nos! É sempre a mesma história.
As raparigas mais velhas têm de pagar imposto.
Ah! Tornamos a zangar-nos! É sempre a mesma história.
As raparigas mais velhas têm de pagar imposto.

Natanele, fala ao homem branco para me deixar ficar.
Natanele, fala ao homem branco para me deixar ficar.



Vós anciãos deveis discutir negócios.
Aquele que os brancos nomearam era filho dum plebeu.

Os Chopes já não têm direitos na sua própria terra, deixa-me dizer-te.

Que mágoa a da minha Cauane, o mistério
Por que morrem todos os teus filhos, sendo tu ainda jovem.
Que mágoa a da minha Cauane, o mistério
Por que morrem todos os teus filhos, sendo tu ainda jovem.

Agora já não concebes e ficas com a herança dos teus filhos mortos.
Agora já não concebes e ficas com a herança dos teus filhos mortos.

Vinde todos e ouvi,
Vinde todos com as vossas mulheres e ouvi o Ndano.

(Msaho composto por Gomucomo. *Ibidem*, ob. cit.)



GLOSSÁRIO

MOÇAMBIQUE

Badgia – Pastel de farinha de milho ou de mandioca.

Belekar – Embalar a criança nas costas da mãe.

Birimbau – Ave que esvoaça sobre os milharais.

Bus (ingl.) – Autocarro, maximbombo.

Canho – Fruto do canhoeiro. Fruto adocicado, redondo e amarelo, pouco maior do que uma noz, com elevado teor alcoólico.

Canhoeiro – Árvore que dá canhos, com os quais se faz aguardente.

Capulana – Pano do vestuário feminino que se enrola no corpo.

Chibalo – Trabalho forçado.

Chicomo – Enxada.

Chicuembo – Ver Xicuembo

Chirico – Ave amarela que canta muito de manhã.

Chituvane – Pombo (em línguas xironga e xichangana).

Chope – O mesmo que muchope.

Cocuana – Velho, ancião; antepassado; avô.

Colimar – Lavrar.

Compound (ingl.) – Acampamento onde se alojam trabalhadores.

Dagga – Substância narcotizante; nome de rua para marijuana (canabis sativa).

Dawn (ingl.) – Madrugada; amanhecer; despertar.

Dengues – Dengosos, requebrados, afectados com o fim de agradar.

Erisses – Demónios.

Gala-gala – Réptil de cor verde-azulada.

Guachene – Localidade na área da Catembe.

Karingana wa karingana – Era uma vez ... (em língua xitsonga).

Kraal – Acampamento dos chefes zulu, nguni, ndebele.

Kwela – Dança masculina do sul de Moçambique.

Landim – Designação colonial dada aos indivíduos de etnia nguni, os Xironga (entre o Save e o Maputo).

Lângoa – Lagoa.



Living (ingl.) – Sala de estar.

Macala – Carvão.

Maçala ou massala – Fruto comestível.

Machamba – Campo lavrado.

Machambeiro – Dono de machamba.

Machangana – O mesmo que xangana.

Mafalala – Bairro de L.M., actual Maputo.

Mafurra – Óleo; por extensão, a árvore de cujo fruto se tira óleo.

Mafurreira – Árvore de grande porte de cujo fruto se extrai óleo.

Magaíça – Trabalhador migrante nas minas do Rand/África do Sul.

Mainato – Empregado doméstico que lava e passa a ferro.

Malanga – Bairro de L.M., actual Maputo.

Malimune? – Quanto custa?

Mamana – (Plural honorífico). Termo que designa carinhosamente uma mulher que é mãe.

Mamana do mudende – Mulheres que, a partir de 1938, pagavam imposto de capitação (mudende), com o produto do seu trabalho. As viúvas e mulheres solteiras pagavam-no também, o que as forçava por vezes a prostituírem-se (informação de R. Honwana, *Memórias*, 1989, p. 138).

Mamba – Cobra de grande dimensão.

Marrusse – Rapariga virgem (em língua emakhuwa).

Mekunha – Senhor (em língua emakhuwa).

Micaia – Arbusto com muitos picos.

Michanfutene – Arredores da cidade de L.M., actual Maputo, onde vivia a família do poeta (informação de Noémia de Sousa, em 8.12.94).

M'kunha – O mesmo que mekunha.

Monhé – Designação dada a todo o indivíduo indiano, seja maometano ou hindu.

Monomociaia – Ciclone, tufão que acontece na estação das chuvas (em língua emakhuwa).

Msaho – Dança orquestral de nove a onze movimentos, acompanhada de canto.

Muchope – Indivíduo de uma etnia do sul de Moçambique (Zavala, Inhambane).

Mucunha – O mesmo que mekunha.

Mufana – Rapaz.

Mulala – Pau para limpar os dentes.

Mulungo – Senhor, tratamento dado a pessoa respeitável (em língua echuwabo, Zambézia).



- Munhuana** – Bairro antigo de L.M., actual Maputo.
- Mussi**ro – O mesmo que m'siro, pó branco usado pelas mulheres da ilha de Moçambique para pintar o rosto.
- Muzungo** – Senhor (em língua echuwabo, Zambézia).
- Negra macala** – Vendedora de carvão.
- Nembo** – Seiva usada como cola para apanhar pássaros.
- Nyaka** – Ilha.
- Pachiças** – Carregadores do porto, estivadores (designação depreciativa).
- Piana** – Instrumento musical de sopro e teclas.
- Pombe** – Bebida fermentada.
- Quenguêlêquêze** – Cerimónia ritual de apresentação à lua nova dos recém-nascidos; lua nova (em língua ronga).
- Rand** – Abreviatura de «Witwatersrand» (africânder) que significa literalmente Cerro das Águas Brancas, e designa a região mineira do ouro do Transvaal.
- Rush** (ingl.) – Azáfama, hora de ponta, confusão.
- Sessor** – Professor (coloq.).
- Shigombela** – Dança de raparigas adolescentes.
- Shikumbela** – O mesmo que shigombela.
- Slum** (ingl.) – Bairro pobre, habitado por negros, na periferia das cidades sul-africanas.
- Suruma** – Erva de fumo, do tipo da marijuana, liamba.
- Temba** – Subúrbios, zona rural na periferia das cidades.
- Timbila** – Marimba, instrumento de percussão tocado no sul do Save.
- Tingolé** – Fruto comestível.
- Tuta** – Ave.
- Voortrekkers** – Pioneiros de origem holandesa que, no século XIX, partiram da colónia do Cabo em direcção ao norte e fundaram a república do Natal.
- Xangana** – Indivíduo da etnia xangane do sul de Moçambique.
- Xicuembo** – Entidade sobrenatural com poderes maléficos; espírito dos antepassados (do ronga xi-kwembu).
- Xipamanine** – Bairro negro de L.M., actual Maputo.
- Xitambela** – Insecto colorido que ao bater as asas produz um som característico.
- Xituculumucumba** – O mesmo que «psitukulumukumbas (Honwana), criatura maléfica.
- Zigutá** – Dança feminina.



ÍNDICE DE AUTORES

ABRANCHES, Augusto dos Santos	52
ALBUQUERQUE, Orlando de	39, 56, 83, 243
AMARAL, Fonseca	29, 106, 188
ARANDA, Manuel	32
AUTOR desconhecido	19
AZEVEDO, Domingos	27
BARROS, Alfredo de	122
BATARDA, Saraiva	44
BERMUDES, Nuno	86, 237
BETTENCOURT, Fernando	28
BRITO, Cordeiro de	109
CAMPO, Caetano	115
CARLOS, Papiniano	42
COSTA, Artur	159
COUTINHO, Manuel Filipe de Moura	82, 224, 226
COUTO, Fernando	107, 163
CRAVEIRINHA, José	87, 210
EVARISTO, Victor	49
FERREIRA Jr., José Mathias	30
FERREIRA, Reinaldo	104, 237
FERREIRA, Teófilo	45
FREIRE, Albuquerque	89
GALVÃO, Duarte	106, 171
GANHÃO, Fernando	180
GIL, Irene	117
GOMUCOMO	288, 292
HALL, Tarquínio	125



KALUNGANO	217
KNOPFLI, Rui	90,256
LACERDA, Alberto de	23
LEMOs, Gouvêa	83,195, 197
MARIA, Carlos	113,162
MATOS, Victor	51
MELO, Guilherme de	86,201
MENDES, Orlando	41,91,246
MICAIA, Vera	47
NASCIMENTO, Ana Pereira	25
NOGAR, Rui	106,263
NORONHA, Rui de	44,79,268
<u>NAVARRO, António</u>	<u>54</u>
PARENTE, Alberto	24
PESSOA, Nuno	38
PRUDENTE, Anunciação	121
RÊGO, Ruy Eça	90
ROCHA, Ilídio	124,206
ROSADO, António	26
SÁ, Victor Matos e	283
SANT'ANNA, Glória de	83,191
SANTOS, Marcelino	109
SANTOS, Marília	33
SAÚLI, Ilova	290
SOARES, Gualter	198
SOUSA, Noémia de	36,96,227
TÁVORA, Diogo de	120,166
VIEGAS, Cirilo	84
VIEIRA, Mário	35
VIEIRA, Sérgio	121,272
VILLA, Jorge	126,215



ÍNDICE GERAL

 Mensagem do Sr. Secretário Geral UCCLA	5
POESIA EM MOÇAMBIQUE . Separata da Mensagem. 1951	11
Poemas Nativos	17
• Autor Desconhecido	19
Poesias	21
• Alberto de Lacerda	23
• Alberto Parente	24
• Ana Pereira do Nascimento	25
• António Rosado	26
• Domingos Azevedo	27
• Fernando Bettencourt	28
• Fonseca Amaral	29
• José Mathias Ferreira Júnior	30
• Manuel Aranda	32
• Marília Santos	33
• Mário Vieira	35
• Noémia de Sousa	36
• Nuno Pessoa	38
• Orlando de Albuquerque	39
• Orlando Mendes	41
• Papiniano Carlos	42
• Rui de Noronha	44
• Saraiva Batarda	44
• Teófilo Ferreira	45
• Vera Micaia	47
• Victor Evaristo	49
• Vítor Matos	51



• Augusto dos Santos Abranches	52
• António de Navarro	54
• Orlando de Albuquerque	56

POETAS DE MOÇAMBIQUE. Colectânea da CEI. Compilação de Pollanah. 1960.

Apresentação	61
Prefácio	63
Poesias	77
• Rui de Noronha	79
• Manuel Filipe de Moura Coutinho	82
• Gouvêa Lemos	83
• Orlando de Albuquerque	83
• Glória de Sant'Anna	83
• Cirilo Viegas	84
• Nuno Bermudes	86
• Guilherme de Melo	86
• José Craveirinha	87
• Albuquerque Freire	89
• Ruy Eça Rêgo	90
• Rui Knopfli	90
• Orlando Mendes	91
• Noémia de Sousa	96
• Reinaldo Ferreira	104
• Duarte Galvão	106
• Fonseca Amaral	106
• Rui Nogar	106
• Fernando Couto	107
• Marcelino dos Santos	109
• Cordeiro de Brito	109
• Carlos Maria	113
• Caetano Campo	115
• Irene Gil	117
• Diogo de Távora	120



• Anunciação Prudente	121
• Sérgio Vieira	121
• Alfredo de Barros	122
• Ilídio Rocha	124
• Tarquínio Hall	125
• Jorge Villa	126

POETAS DE MOÇAMBIQUE. Antologia da Casa dos Estudantes do Império. 1962

Introdução	131
Prefácio	133
Poesias	157
• Artur Costa	159
• Carlos Maria	162
• Diogo de Távora	166
• Duarte Galvão	171
• Fernando Couto	176
• Fernando Ganhão	180
• Fonseca Amaral	188
• Glória de Sant'Anna	191
• Gouvêa Lemos	195
• Gualter Soares	198
• Guilherme de Melo	201
• Ilídio Rocha	206
• José Craveirinha	210
• Jorge Villa	215
• Kalungano	217
• Manuel Filipe de Moura Coutinho	224
• Noémia de Sousa	227
• Nuno Bermudes	237
• Orlando de Albuquerque	243
• Orlando Mendes	246
• Reinaldo Ferreira	252
• Rui Knopfli	256



• Rui Nogar	263
• Rui de Noronha	267
• Sérgio Vieira	272
• Victor Matos e Sá	282
Poesia Chope	285
• Gomucomo	288
• Saúli Ilova	290
GLOSSÁRIO	293
ÍNDICE DE AUTORES	297
ÍNDICE GERAL	299

